

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO

Luís Henrique Sacchi dos Santos

Lodenir Becker Karnopp

Maria Lúcia Castagna Wortmann

Diferentes praticantes
retomam a pergunta
do *International Journal
of Cultural Studies*

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

ORGANIZAÇÃO E TRADUÇÃO

Luís Henrique Sacchi dos Santos
Lodenir Becker Karnopp
Maria Lúcia Castagna Wortmann

Diferentes praticantes
retomam a pergunta
do *International Journal
of Cultural Studies*

| São Paulo | 2022 |



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O62

O que são estudos culturais hoje? Diferentes praticantes retomam a pergunta do International Journal of Cultural Studies / Organizadores Luís Henrique Sacchi dos Santos, Lodenir Becker Karnopp, Maria Lúcia Castagna Wortmann. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-605-4

DOI 10.31560/pimentacultural/2022.96054

1. Cultura - Estudo e ensino. I. Santos, Luís Henrique Sacchi dos (Organizador). II. Karnopp, Lodenir Becker (Organizador). III. Wortmann, Maria Lúcia Castagna (Organizadora). IV. Título.

CDD: 306.07

Índice para catálogo sistemático:

I. Cultura - Estudo e ensino

Janaina Ramos – Bibliotecária – CRB-8/9166

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2022 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2022 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Biegging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Biegging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Marketing digital	Lucas Andrius de Oliveira
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Imagens da capa	Rarinlada - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721, Gobold High Bold, Rockwell
Revisão	Rosa Maria Hessel Silveira
Organizadores	Luís Henrique Sacchi dos Santos Lodenir Becker Karnopp Maria Lúcia Castagna Wortmann

PIMENTA CULTURAL
São Paulo · SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



2 0 2 2

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabírcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jônata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastrelli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patrícia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taiza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Prefácio	10
Apresentação.....	22
Capítulo 1	
Sobre os estudos culturais, novamente	33
<i>Ien Ang</i> Institute for Culture and Society, Western Sydney University, Australia	
Capítulo 2	
Estudos culturais – podemos/devemos reinventá-los?.....	45
<i>Nick Couldry</i> London School of Economics and Political Science, UK	
Capítulo 3	
Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções.....	57
<i>Johan Fornäs</i> Södertörn University, Sweden	
Capítulo 4	
Estudos Culturais e cultura realmente existente	79
<i>Benjamin Woo</i> Carleton University, Canada	

Capítulo 5

Estudos culturais pós-digitais..... 92

Sarah Murray

University of Michigan, USA

Capítulo 6

**Em direção aos estudos
culturais futuristas 110**

Devon Powers

Temple University, USA

Capítulo 7

**Interseccionalidade: um desafio para
os estudos culturais na década de 2020 123**

Laura Guimarães Corrêa

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Capítulo 8

Estudos culturais Negros são interseccionais 142

Marcus Johnson and Ralina L Joseph

University of Washington, USA

Sobre os autores e as autoras..... 154

Sobre os organizadores e a revisora..... 157

Índice remissivo 159

PREFÁCIO

Dediquei muitos dias à leitura dos textos que compõem este e-book e hesitei bastante quanto ao que eu poderia ressaltar ao me deparar com reflexões tão instigantes e, por que não dizer, também novas e surpreendentes. Embrenhar-me na densa floresta de ideias, posicionamentos, reflexões, críticas, proposições, e escrever um prefácio à altura do honroso convite dos tradutores e organizadores da coletânea não foi tarefa simples. Atribuo isso, em parte, às minhas limitações, nunca superadas, para compor um texto em tempo curto, mas, principalmente, ao fato de que os artigos constituem um conjunto de excelente qualidade, com as peculiaridades inerentes aos estudos culturais. Quer dizer, suas abordagens não são unívocas, pelo contrário, elas são divergentes, não no sentido de serem antagônicas, mas no de derivarem de propósitos compartilhados, e se esparramarem por múltiplas questões e focos em direções muitas vezes, para mim, impensadas. Mergulhar em sua leitura significou deparar-me recorrentemente com a necessidade de reflexão, de questionamentos, de estabelecimento de conexões com outros autores, com outros textos, com outras posições e análises. Apenas algumas vezes, porém, pude recorrer a tais possibilidades e o que escrevo aqui é, sobretudo, o resultado de minha empolgação com as ideias expostas. Quando os tradutores nos desejam uma leitura “instigante e mobilizadora”, sabem que seria impossível permanecer no mesmo lugar após nosso encontro com os escritos recentes de Ang, Couldry, Fornäs, Woo, Murray, Powers, Corrêa, Johnson e Joseph. Tal como os “pais fundadores” desses estudos, uma nova geração de praticantes dos estudos culturais, assim como as reflexões renovadas de já conhecidos estudiosos, nos mobilizam intensamente.

A leitura de oito trabalhos realizados por autores de três continentes – Europa, Oceania e América – que tiveram como objetivo responder

à pergunta “O que são estudos culturais?”, levou-me a considerar, mais uma vez, não apenas a pluralidade e diversidade de questões implicadas nos modos de vida no mundo contemporâneo, como também a imensa complexidade de tentar penetrar nos jogos de poder embutidos nos intrigantes panoramas culturais em que nos movemos hoje.

Aliás, quando Richard Sennet (2002) argumentou estar o mundo do trabalho se tornando “ilegível” para trabalhadores que, afastados das operações diretas usuais daquilo que produzem, atuam na superfície, em processos computadorizados, cujos resultados do gesto produtivo expressam-se em meras representações imagéticas em telas, ele colocou em pauta um sentimento que nos acomete cada vez mais frequentemente em relação a muitos âmbitos de nossas existências, gerando sentimentos de impotência e frustração. Parece-me, contudo, que esse mundo “ilegível”, e de certa forma sombrio, é o mesmo que nos provoca, instiga e vai gestando constantemente outros modos de pensar. No prefácio que Zygmunt Bauman (2010, p.13) compôs para a edição brasileira da obra *Legisladores e intérpretes*, publicada originalmente em 1987, ele afirma que “entramos em um modo de viver enraizado no pressuposto de que a contingência, a incerteza e a imprevisibilidade estão aqui para ficar.” Esse mundo em permanente movimento, ameaçador e instável, sem linha de chegada, tem sido, a meu ver, o lócus que faz da atividade intelectual uma fonte permanente de energia vital, na qual os praticantes dos estudos culturais não apenas embrenham-se em tarefas interpretativas, como também nas de autorreflexão. Porém, tal como suspeita Len Ang (2022), no texto que integra este e-book, isso pode ser indício de alguma insegurança. A meu ver, um sentimento previsível e até desejável, uma vez que seria impossível nos sentirmos seguros sobre nossas formas de pensar e atuar como investigadores num panorama tão enigmático, instável, mutante e tenso como o que nos circunda hoje.

Meu encantamento pelos textos recém lidos e, mais uma vez, pelos estudos culturais, se renova e acentua quando penso em quão

longe nos levou a inspiração inicial de Hall, Hoggart, Thompson, Williams e Willis, entre outros precursores (e não apenas os ingleses), os quais, nos meados do século XX, contestaram as concepções de cultura até então vigentes e chamaram a atenção para seu caráter constitutivo das práticas sociais e dos sujeitos nelas implicados. A “virada cultural” levada a efeito por aquela primeira geração de praticantes dos estudos culturais, ao romper com a noção metafísica de representação, promoveu uma verdadeira revolução nas formas de pensar a cultura e inaugurou uma vertente de trabalho e pesquisa cujo foco passou a ser a materialidade da linguagem, dos discursos, das imagens, das práticas de representação que constroem o social. Esse poderoso movimento intelectual se constituiu inspirado na “virada linguística” no campo da filosofia – que provocou deslocamentos radicais também na sociologia, na sociopolítica, na antropologia, nas artes –, e embebido nos movimentos sociais populares do pós-guerra. Ele prossegue e floresce vinculado à academia (mas não apenas a ela!) e se dissemina pelo mundo. Pode-se dizer que os meados dos anos sessenta até o início dos anos 2000 demarcaram um tempo de empolgação com as possibilidades trazidas por esses estudos, tendo eles promovido uma memorável revitalização nas análises culturais.

A amostra de textos que nos oferece hoje o *International Journal of Cultural Studies*, generosamente traduzidos por nossos colegas brasileiros praticantes dos estudos culturais – Sacchi dos Santos, Karnopp e Wortmann –, aponta para uma admirável proliferação de análises disseminadas não apenas geograficamente, mas também por novos territórios temáticos, por questões emergentes nos surpreendentes cenários da atualidade, assim como por opções epistemológicas e desenhos metodológicos inusitados. Uma nova geração de teóricos, ao lado de praticantes largamente conhecidos, problematizam os focos que elegemos até aqui, assim como as interpretações, posições e direções que os estudos culturais têm assumido. Muitos indícios sugerem que começam a deslocar/revolucionar, mais uma vez, formas de pensar e lidar com a produtividade da cultura.

Como me parece quase impossível deixar de dialogar com algumas ideias expostas nos textos, e como penso que prefácios, para além de celebrarem a produção autoral, operam como certa incitação à leitura da obra, trago à baila alguns comentários que considero corresponderem a esse propósito.

Ien Ang, praticante de longa data dos estudos culturais e recorrentemente envolvida na produção de artigos autorreflexivos sobre eles (apesar de um tanto crítica acerca dessas iniciativas), declara que “ama” os estudos culturais porque “sempre foram bons” para ela. Desde os anos 1980, afirma, “foram um veículo de identidade que me permitiu buscar o tipo de trabalho transdisciplinar, eclético e, às vezes, transgressivo, que eu queria fazer” (p. 35-36), seja aquele voltado às análises de mídia, sejam os relativos a arranjos institucionais para promover projetos em tal direção. Ela também enfatiza como a “sensibilidade dos estudos culturais” – definida como “uma compreensão particular acerca de como podemos ‘conhecer’ melhor a cultura e o mundo” –, abraçando premissas genéricas e abrangentes, foi apropriada para o tipo de trabalho que sempre desejou realizar (p. 36). Os estudos culturais não pretendem se especializar em um objeto de estudo circunscrito, e por isso, afirma, podem percorrer toda a paisagem do mundo contemporâneo. Eles também se voltam para locais de luta no campo social porque consideram os “intrincados emaranhados de produção ativa de sentidos e relações de poder” (p. 36), expressando, assim, envolvimento sério com a *complexidade cultural*. Segundo ela, o “cultural” funciona como uma “categoria inesgotável, fluida e extensa” (p. 37). Ang reconhece, contudo, que em uma conjuntura atual radicalmente transformada, os “locais de luta” se ampliaram e diversificaram, trazendo outras questões (entre elas, sobre mudanças climáticas, ascensão da China, transformação tecnológica) para o debate acadêmico e a prática política. Teriam os estudos culturais recursos para respondê-las?

O que comentei até aqui concernente ao texto de Ien Ang é seguido de outras instigantes asserções da autora, que considero merecedoras de leitura apurada. Contudo, vou ressaltar ainda um ponto enfatizado por ela, alusivo à importância de se criar condições institucionais e materiais para o desenvolvimento, preservação e vitalidade dos estudos culturais. Embora esse nem sempre seja um projeto abraçado por parte dos praticantes, ela salienta que sempre levou a sério “tornar-se parte da ‘gestão’” e colaborar para “ajustar as orientações da universidade de forma que o ambiente institucional fosse receptivo aos trabalhos dos estudos culturais” (p. 43). Ao final do artigo, Ang faz uma declaração sensível: “à medida que me aproximo do fim da minha carreira, sinto que essa foi a coisa mais importante que eu poderia fazer” (p. 43). Menciona também que outros praticantes desenvolveram programas de ensino, editaram periódicos, organizaram conferências, administraram associações profissionais e afins. Sem esse espectro de atividades institucionais, sublinha ela, talvez os estudos culturais não existissem mais. Fica aqui algo importante para se pensar: estamos nós, hoje, praticantes dos estudos culturais, institucionalmente implicados na continuidade e defesa dos estudos culturais?

O artigo de Nick Couldry, por sua vez, traz outra abordagem instigante sobre a situação atual dos estudos culturais, que precisam mover-se em novas ecologias sociais e políticas. O autor salienta que os estudos culturais, constituídos em meio aos desafios britânicos pós-Segunda Guerra, nunca foram *apenas* sobre estudar cultura. Couldry alude a Raymond Williams quando se refere ao fato de que “algo sobre política estava em jogo ao pensar, falar e ouvir bem sobre cultura: algo sobre (...) a possibilidade de *construção* de uma verdadeira democracia em uma sociedade que, apesar da recente fundação de um estado de bem-estar, ainda estava, na opinião de Williams, muito longe de ser uma democracia real no sentido de uma forma participativa de vida. O cerne do campo ‘estudos culturais’, para Raymond Williams, era como uma prática de troca e reconhecimento mútuos, visando a um melhor e mais inclusivo modo de vida” (p. 48).

A posição de Couldry é de que os estudos culturais precisariam ser “reinventados” face às circunstâncias históricas em que nos encontramos hoje. Para ele, os estudos culturais incubados nos anos 50-60 do século passado encontraram condições auspiciosas para seu desenvolvimento. Hoje, as condições são outras e as novas ecologias sociais e políticas vinculadas às tecnologias têm se mostrado hostis aos seus objetivos. O autor considera que vivemos em um tempo em que nos deparamos [1] com agudos desafios práticos e ideológicos à democracia; [2] com tentativas conservadoras irrompendo por toda parte; [3] com um “impulso corporativo”, em que a exacerbação no uso de dados possibilita “anexar diretamente ao capital os próprios espaços sociais e de produção de sentido” (p. 49-50). Considero muito fecunda e mobilizadora essa ideia de que diferentes ecologias sociopolíticas, e eu acrescentaria, também culturais, exigem distintas estratégias de enfrentamento.

De fato, parece que estamos assistindo à emergência de novas ecologias sociais e políticas, que Couldry qualifica como “tóxicas” para a democracia. Diante disso, seu texto aponta para três formas como o trabalho acadêmico poderia contribuir para a superação dos déficits democráticos, nenhuma delas simples ou fácil. A vantagem que teríamos hoje para tal enfrentamento, segundo seu ponto de vista, é estarmos globalmente conectados de forma mais eficaz, o que nos possibilitaria esboçar um amplo projeto de trabalho “comprometido em ouvir a produção de sentido e as lutas pela democracia em todo o mundo” (p. 55). Conhecer as formas que ele imagina para construir redes de solidariedade e pensar o futuro da democracia é mais um dos motivos que incentiva à leitura de seu artigo. A meu ver, poderíamos considerar que a iniciativa do *International Journal of Cultural Studies*, convidando os praticantes a responderem às questões: *O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando? Em que deveriam ou poderiam se transformar? Qual é o seu significado? O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?* expressam já uma forma de enfrentamento aos desafios que Couldry apresenta.

Integra também esta coletânea, o instigante texto de Sara Murray a nos alertar para a urgência política de estudos culturais pós-digitais (cujo conceito ela explicita ao final do artigo) se voltarem para a identificação do que denomina economias da atenção. Segundo ela, em um tempo de pós-verdade, materializada em *deepfakes*, *cultura algorítmica* e *indústria digital após a morte*, precisamos revitalizar o foco em estudos da atenção, outrora bastante presentes em projetos iniciais dos trabalhos de Birmingham, então voltados a “formas de atenção”, a “como certos modos de atenção proliferam”, a “como a atenção muda de foco”, e “a menos controle sobre atenção indesejada” por parte de certas populações (p. 94).

Murray declara serem esses os estudos culturais que pratica, voltados a objetivos há muito perseguidos: “criticar o poder como *relações de atenção* e identificar essas relações embutidas na cultura como um modo de vida” (p. 95). E explica: hoje as digitalidades guiam nossa atenção: “o que vestimos é sensível aos nossos corpos móveis rastreados; o que ouvimos é intimamente pessoal; o que assistimos é guiado por um software adaptado aos nossos gostos individuais e o que comemos é servido por economias gigantes e painéis elétricos inteligentes”. (p. 95-96).

Prossegue então a autora expondo três lições de estudos culturais associadas a três exemplos de mídia digital, que formulam outras convocações à nossa atenção, seja como acadêmicos ou como audiências. *Lição 1* – buscando o profundo no *deepfake*; ou a Verdade não tem sido garantida e nunca será. *Lição 2* – os algoritmos são os novos jeans; ou a crítica ainda requer amar e/ou precisar do seu objeto. *Lição 3* – o que conta como vida na indústria digital da vida após a morte? ou o material e o simbólico permanecem companheiros necessários. Como se pode perceber, a mera enunciação de tais lições já constitui um irresistível chamamento a embrenhar-se nas bem tramadas argumentações e exemplificações expostas pela autora. Elas fazem do texto uma leitura cativante acerca dos estudos culturais praticados por Murray, em seu

caso particular, voltados à mediação digital cotidiana, mas que gostaria que fossem intensificados em relação a outros focos e objetos, para que se possa compreender “o poder como relações de atenção” (p. 95).

Talvez o texto mais mobilizador do conjunto composto pelos tradutores/organizadores do e-book seja o de Johan Fornäs, outro praticante da geração mais antiga de estudiosos. Fornäs considera que os estudos culturais são transdisciplinares, abertos à diversidade, e compartilha o entendimento de boa parte da comunidade de intelectuais implicados com esses estudos acerca das dificuldades para identificar com precisão suas características definidoras. A seu ver, é essa peculiaridade que os torna tão produtivos na defesa da abertura para cruzar fronteiras de qualquer tipo que possam obstruir possibilidades de pensar livre e diferentemente. Por abrigarem uma intrincada dialética de fronteiras e transgressões, podem significar muitas coisas em diferentes contextos. Para ele, os estudos culturais são, sobretudo, uma prática acadêmica, um movimento intelectual, um campo de interface, uma interdisciplina integrativa. E sublinha: eles **não são** um movimento político unitário, nem uma subcultura, nem um paradigma ou escola de pensamento, tampouco um conjunto de textos canônicos, teorias, métodos ou materiais. Nesse ponto, entretanto, considero bem instigante lembrar Hall (2003) quando se refere à tremenda seriedade do trabalho intelectual e aponta distinções entre este e o trabalho acadêmico. Hall destaca que “o trabalho intelectual e o trabalho acadêmico: sobrepõem-se, tocam-se, nutrem-se um ao outro, fornecem os meios para se fazer um ao outro. Contudo, não são a mesma coisa” (p.216).

Para responder à pergunta do *International Journal of Cultural Studies*, Fornäs investigou como cinco dos principais *loci* de atividades dos estudos culturais – uma associação e quatro periódicos importantes da área – definem suas ações. Concentrando-se nas formulações políticas, identificou três tropos recorrentes, três faces peculiares do projeto dos estudos culturais: *diversidade*, *contextualização* e *crítica*. Em cada um deles, constatou Fornäs, há conquistas

valiosas, assim como “déficits problemáticos e tarefas remanescentes” (p. 63). Para tal balanço, o autor discute os desdobramentos de cada uma dessas faces, oferecendo-nos ângulos instigantes para análise, particularmente, por situar-se como membro da academia envolvido com os embates dos estudos culturais.

Diante do panorama esboçado, e levando em conta serem os estudos culturais, para Fornäs, um “movimento intelectual crítico e politicamente comprometido” (p. 75), ele vislumbra duas tarefas que deveriam ser por eles assumidas. Primeiro, reforçar sua reflexividade crítica, reanimando seus fundamentos conceituais em debates renovados em múltiplos fóruns, isso para visibilizar suas contribuições singulares, fortalecer as práticas acadêmicas nas ciências humanas e sociais e contribuir para a liberdade acadêmica. Em segundo lugar, a tarefa seria de “unir forças em alerta máximo” (p. 76) para responder alto e rapidamente ao risco de regulamentação externa dos campos de pesquisa. É muito contundente a convocação do autor aos estudos culturais e aos acadêmicos em geral para defenderem o pensamento, a crítica, o raciocínio, a argumentação, como formas de fazer frente aos autoritarismos nacionalistas e populistas que vêm crescentemente atacando a liberdade acadêmica em vários lugares do mundo. Para ele, os estudos culturais precisam assumir papel de liderança e responsabilidade nessa luta em defesa da liberdade acadêmica.

Recorrendo à leitura que fiz dos textos da coletânea, observei que nos variados e novos focos a que se dedicam, o convite para movimentações contra elitismos, exclusões, segregacionismos, preconceitos e políticas antidemocráticas é uma constante.

Os estudos culturais futuristas, por exemplo, discutidos por Devon Powers, consideram-se uma ferramenta ativista que destaca a importância de se analisar o manejo estratégico do futuro como um tipo de governamentalidade contemporânea. Tais estudos ajudam a entender o futuro não apenas como uma zona estratégica para o capitalismo, mas como zona de possibilidades democráticas.

Os dois artigos que tratam de estudos culturais negros, um deles de Laura Guimarães Correa e outro de Marcus Johnson e Ralina Joseph, argumentam, cada um dentro do espectro de sua análise, em defesa da interseccionalidade. Consideram-na uma ferramenta que permite visualizar a multiplicidade de experiências de vida e de posições de sujeito, incorporando à investigação de fenômenos sociais as percepções, interpretações e teorias que provêm das margens, das minorias.

Benjamin Woo também escreve em defesa de pesquisas engajadas empiricamente dedicadas à análise das experiências culturais da vida de pessoas reais. Ele é crítico em relação ao que considera como certo caráter mais teórico dos estudos culturais quando, a seu ver, “a tarefa dos estudos culturais é entender como o mundo da experiência imediata – a definição ‘antropológica’ de cultura – é continuamente recriado na intersecção das forças sociais, econômicas e históricas, e como tais forças relativamente abstratas são registradas e interpretadas pelas pessoas como ‘experiência vivida’, bem como os efeitos materiais de ambos os processos” (p. 84).

Ao longo de muitos anos compartilhei projetos de trabalho e de publicações com os colegas tradutores e organizadores deste e-book, nos quais nos dedicamos a realizar levantamentos da produção resultante das pesquisas nos estudos culturais em educação em nosso país. Ao fazê-lo, constatamos o quão complexa é a tarefa de procurar aglutinar esses estudos em focos temáticos e tendências teóricas. Aliás, é digna de atenção essa tentativa constante dos praticantes dos estudos culturais procurarem apontar e, de certa forma, demarcar seus múltiplos “campos” de ação e investigação, indicando tanto outros focos temáticos/problemáticos quanto opções e invenções metodológicas. De fato, é imenso o leque de possibilidades que se abre quando fronteiras epistemológicas foram revolucionadas, e cruzadas as linhas demarcatórias teóricas e disciplinares. Nesse panorama, fecunda-se não só o pensamento, como também a invenção

e a combinação de estratégias metodológicas, de outros caminhos investigativos, de composições antes impensadas.

Chama nossa atenção, também, o esforço para não se deixar o fascínio pelas inusitadas teorizações obscurecer ou negligenciar a prática política, embora os tipos de intervenção na vida pública sejam pensados dentro de um amplo espectro de possibilidades. E é mais uma vez Hall (2003, p.217) que nos ajuda a refletir: “acredito haver toda a diferença no mundo entre a compreensão da política do trabalho intelectual e a substituição da política pelo trabalho intelectual”.

Toda essa riqueza se confirma, mais uma vez, com a leitura dos textos que compõem esta coletânea. A cada virar de página, ela nos desacomoda e nos incita à mobilização política e ao trabalho intelectual. Ao mesmo tempo, nos entusiasma e estimula a prosseguir lendo, estudando e pesquisando, a puxar mais e mais livros das estantes ou buscá-los nas acessíveis plataformas digitais; concomitantemente, nos mobiliza a praticar intensamente estudos culturais, para o que der e vier!

Na Introdução do volume 2 da *História da Sexualidade*, Michel Foucault (1994, p.13) escreve que “existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir.” Eu penso que momentos assim têm sido constantes quando estamos ocupados com o que a cultura é e com o que ela faz.

Cumprimento o/as organizadores pela bela iniciativa e pelo generoso trabalho de tradução e organização desta coletânea.

Marisa Vorraber Costa

Porto Alegre, 7 de setembro de 2022

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 279 p. (*Legislators and Interpreters - On Modernity, Post-modernity and Intellectuals*, 1987)

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II** – o uso dos prazeres. 7ª Ed. Trad. Maria Thereza Albuquerque e J.A G. Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1994. p.13

HALL, Stuart. **Da Diáspora. Identidade e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Trad. Adelaine Resende et alii. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

SENNET, Richard. **A Corrosão do Caráter**. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Trad. Marcos Santarrita. 6 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

APRESENTAÇÃO

Uma das características marcantes dos estudos culturais é a busca por constantemente colocar em questão práticas e direcionamentos imprimidos aos estudos conduzidos sob sua inspiração. Johnson (1986), Ferguson & Golding (1997), Carey (1997), Eagleton (2003), Denning (2004), Richard (2010) e Grossberg (2008, 2015, 2016, 2019) são alguns dos pesquisadores que procederam a essas revisões. Também no Brasil, Martino (2012), Cevasco (2016), Ribeiro, Soares e Gajani (2017) discutiram direções assumidas por estes estudos. Além desses, pesquisadores e pesquisadoras que atuam no campo da educação têm examinado a produtividade da articulação que vem sendo empreendida entre esse campo e os estudos culturais, tais como Wortmann, Costa e Silveira (2015); Costa, Wortmann e Bonin (2016); Bonin, Ripoll, Wortmann e Santos (2020). Assim, envolver-se com questões relativas a “*O que são e onde se situam os estudos culturais hoje?*” tem sido um propósito que perpassa muitos dos estudos conduzidos neste campo, ou não-campo, tal como a eles se refere Murray¹ (2020).

Neste e-book, além de procurarmos contribuir para situar o campo dos estudos culturais, oportunizando a leitura de textos publicados mais recentemente no *International Journal of Cultural Studies* (IJCS), indagamos, também, por que tal pergunta permanece sendo apresentada: tratar-se-ia de um campo que, apesar dos processos de institucionalização e disciplinarização que experimentou no Brasil², na América Latina e em outros contextos, ainda precisa, a todo momento, dizer a que veio e por quê?

1 Tradução disponível neste e-book.

2 Destacadamente, a criação da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação, no ano de 1996, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS), e o curso de Mestrado e Doutorado em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil (PPGEDU-ULBRA), com ênfase temática em estudos culturais, desde 2002.

Ao longo do ano pandêmico de 2020, o *International Journal of Cultural Studies* publicou uma seção especial intitulada “O que são estudos culturais?” sob a seguinte demanda: “O *International Journal of Cultural Studies* está solicitando, internacionalmente, respostas provocativas para essas e outras questões para uma gama de estudiosos. Publicaremos suas respostas a essas questões como uma série contínua”. Foram oito textos ao longo daquele ano, escritos por diferentes praticantes dos estudos culturais em distintas partes do globo: Ien Ang, Austrália; Nick Couldry, Reino Unido; Johan Fornäs, Suécia; Benjamin Woo, Canadá; Sarah Murray, Estados Unidos; Devon Powers, Estados Unidos; Laura Guimarães Corrêa, Brasil; Marcus Johnson e Ralina L. Joseph, Estados Unidos.

Por aqui, no âmbito da Linha de Pesquisa em Estudos Culturais em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU-UFRGS), o grupo de organizadores deste e-book propôs um seminário especial – *O que são estudos culturais hoje? Algumas leituras/algumas perguntas* – com o objetivo de não apenas apresentar esse conjunto de oito textos a uma audiência maior de praticantes de estudos culturais, em especial alunos de mestrado e de doutorado em educação, mas também de nos indagarmos, mais uma vez, “Por que a pergunta ‘o que são estudos culturais?’” precisa ser recorrentemente formulada e, de certo modo, respondida (por vezes, de antemão) por aqueles e aquelas que o praticam?

Nesse Seminário, além de procurar situar “o que são estudos culturais?” a partir da leitura de textos publicados no *International Journal of Cultural Studies*, acessados por meio do Portal de Periódicos da CAPES, visamos apresentar algumas problematizações e tensionamentos contemporâneos, talvez com o objetivo de trazer mais perguntas do que dar respostas à questão “o que são estudos culturais?”. Assim, é provável que a leitura dos textos aqui reunidos suscite mais perguntas do que respostas, visto que a recorrência deste questionamento (“o que

são estudos culturais?") nos leva a considerar que o campo ainda precisa responder, recorrentemente, à permeabilidade de suas fronteiras, à bricolagem – articulação – interseccionalidade de seus questionamentos, modos de fazer pesquisa e de olhar para o mundo.

A série de textos publicados na seção “*What is cultural studies?*”, presente em várias edições do periódico *International Journal of Cultural Studies* no ano de 2020, nos oferece um produtivo conjunto de questionamentos aos/às praticantes de estudos culturais: “O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando? Em que deveriam ou poderiam se transformar? Qual é o seu significado? O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento ocorrido e o amadurecimento dos estudos culturais como um campo?”. Em suma, são perguntas que também nos fazemos e que, talvez, possamos transpor para os contextos brasileiros e latino-americanos (como discussões úteis para empreender).

A autorização para a publicação desse conjunto de textos em português foi gentilmente concedida pela Editora *SAGE Journals* (<https://journals.sagepub.com/>), por meio do Editor-Chefe do *International Journal of Cultural Studies*, Jonathan Gray (University of Wisconsin, Madison), e do Editor da SAGE em Londres, James Skelding Tattle. Somos imensamente gratos a eles, bem como à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior³ (CAPES), que, por meio dos recursos advindos do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), repassou recursos ao PPGEDU-UFRGS, os quais possibilitaram a edição e a revisão dos textos. Em razão da concessão dos direitos autorais por parte da *SAGE Journals* e dos recursos repassados pela CAPES é que este material pode circular gratuitamente como um e-book em PDF para download. Agradecemos também à professora Laura Guimarães Corrêa (UFMG) – única autora de língua portuguesa entre os textos aqui traduzidos – pela revisão final da tradução de seu texto.

3 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Neste ano de 2022, quando a Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação do PPGEDU-UFRGS (criada em 1996) já ultrapassa vinte e cinco anos de existência, vimos a oportunidade de apresentar estes textos para uma audiência ampliada como parte da (sempre renovada) produtividade que os estudos culturais nos provocam, em relação àquilo que parece “apenas” mundano/cotidiano, mas que se enlaça e se constitui – como já referiam Nelson, Treichler e Grossberg (1995) – a partir de relações de poder articuladas, de distintos modos e em diferentes tempos, às questões ético-políticas de nosso presente. Foi nesta direção, da produtividade e da provocação, que tais textos nos animaram, mais uma vez, para os debates necessários às transformações que constituem e atravessam nossas vidas (incluindo, aqui, a acadêmica) de distintos modos. Cada um dos textos que se seguem (aqui transformados em capítulos, apresentados na sequência em que foram publicados no *IJCS*), e cuja apresentação fazemos a seguir, recorrendo aos resumos de cada um deles, procura responder às *mesmas* perguntas – “O que são estudos culturais?”, por exemplo –, ao mesmo tempo em que nos coloca frente a novas questões e modos de compreendê-las.

Ien Ang, pesquisadora do *Institute for Culture and Society*, da *Western Sydney University*, Austrália, no capítulo 1 – **Sobre os estudos culturais, novamente**, analisa os estudos culturais na atualidade e se pergunta até que ponto estes podem mudar com o tempo, especialmente quando vivemos em um mundo radicalmente alterado e dominado por desafios relacionados às mudanças climáticas, à ascensão da China como grande potência e às transformações tecnológicas. Ela indica a importância de se focalizar as condições institucionais e materiais, a fim de se manter e criar possibilidades, aos estudos culturais, de continuarem a existir como um campo intelectual distinto.

O título proposto por Nick Couldry, professor da *London School of Economics and Political Science*, Reino Unido, sintetiza um questionamento que é analisado ao longo do capítulo 2 – **Estudos culturais – Podemos/devemos reinventá-los?** Para isso, ele retorna ao

sentido original do termo ‘estudos culturais’, ou seja, um campo que precisava ser inventado para complementar um déficit democrático nas ciências humanas e nas disciplinas sociais estabelecidas. Nesta direção, o autor analisa as razões pelas quais os estudos culturais precisam ser reinventados novamente – em parte, como efeito das crises convergentes nos sistemas democráticos e na cultura, decorrentes de novas ecologias sociais e políticas, vinculadas à tecnologia – bem como as razões pelas quais, neste momento, isso é particularmente difícil. Segundo Couldry, enfrentar esses desafios exige modestia quanto ao que pode ser feito, mas também urgência na abertura de um espaço onde as ameaças ao futuro da democracia possam ser enfrentadas honestamente em um diálogo interdisciplinar.

No capítulo 3 – **Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções**, Johan Fornäs, professor na *Södertörn University*, Suécia, questiona se é possível, hoje, discernir um conjunto de traços definidores dos estudos culturais. Ele considera tal questão uma tarefa gigantesca, quase impossível, pois os estudos culturais podem significar muitas coisas diferentes, em contextos distintos. Mesmo assim, considera útil e saudável retornar, de vez em quando, a essas questões fundamentais, a fim de refletir sobre o que está sendo feito e por quê. Para isso, ele identifica um conjunto de traços e objetivos definidores do campo, a partir de uma investigação realizada com cinco dos principais atores deste campo, os quais definem os estudos culturais hoje: a *Association for Cultural Studies* e os periódicos *Cultural Studies*, *European Journal of Cultural Studies*, *International Journal of Cultural Studies* e *Inter-Asian Cultural Studies*. Fornäs identificou três tropos principais que definem o projeto dos estudos culturais: diversidade, contextualização e crítica. Ele também considera que cada um desses tropos foi parcialmente bem-sucedido, mas outros objetivos permanecem não alcançados e, nesta direção, foram formuladas duas tarefas centrais. Na primeira, os estudos culturais precisariam intensificar uma reflexividade crítica para

explicar o que são e por que se fazem necessários como uma força motriz para a diversidade interativa, contextualizando a construção de significados e a crítica comunicativa. A segunda tarefa destaca que o campo precisaria estar em alerta máximo, avançando rapidamente e respondendo em voz alta às ameaças totalitárias atuais contra a produção de conhecimento acadêmico sustentável e resiliente.

Para Benjamin Woo, professor da Carleton University, Canadá, a tradição dos estudos culturais segue como uma grande tenda, definida por uma real política acadêmica, bem como por sentimentos de afinidade ou aversão, mais do que qualquer outra coisa. O capítulo 4 – **Estudos culturais e cultura realmente existente** reconta a própria inserção e profissionalização do autor no campo de estudos culturais e – mais particularmente – como seu relacionamento com os métodos empíricos de pesquisa mudaram ao longo do tempo. Woo argumenta e destaca a importância de permanecer enraizado na análise de experiências culturais reais de pessoas reais, por meio de trabalhos que compartilham um profundo investimento em entender como os processos funcionam do ponto de vista de outros participantes, aprendendo com uma gama de campos e disciplinas, e uma vontade de desafiar narrativas herdadas. Esse tipo de pesquisa engajada empiricamente é, para o autor, a promessa dos estudos culturais que não constitui apenas um vínculo frágil na luta por recursos na universidade, mas, sim, uma tradição ativa, vibrante e intelectual.

Sarah Murray, no capítulo 5 – **Estudos culturais pós-digitais**, questiona “Com o que os estudos culturais pós-digitais deveriam parecer?”. Para desenvolver essa questão, Murray considera que a identificação de economias de atenção é fundamental para o estudo da mídia e da cultura – áreas em que atua como professora assistente no *Digital Studies Institute*, da Universidade de Michigan, Estados Unidos. Clamando para um renovado foco de atenção no poder, o capítulo combina três lições há muito estabelecidas nos estudos culturais com

três exemplos de imersão digital contemporânea: *deepfakes* e outras formas de mídia manipulada, cultura algorítmica e indústria da vida digital após a morte. Ao fazer isso, as questões críticas que impulsionam os estudos culturais sempre emergem como relevantes em uma paisagem pós-digital e de pós-verdade.

Para Devon Powers, professora no Departamento de Publicidade na *Temple University*, Estados Unidos, os estudos culturais são uma disciplina orientada ao futuro, melhor dizendo, mantém conexões tangenciais com o futurismo (estudos acerca do futuro), um campo voltado ao estudo sistemático do futuro. O capítulo 6 – **Em direção aos estudos culturais futuristas** – busca responder o porquê dessa orientação *para* e da conexão *com* o futuro, explorando o modo pelo qual os estudos culturais conceitualizaram ‘o futuro’, bem como identificando alguns dos limites dessas concepções. O texto especula o que o futurismo e os estudos culturais podem ganhar com uma integração mais robusta e propositiva.

No capítulo 7 – **Interseccionalidade: um desafio para os estudos culturais na década de 2020**, Laura Guimarães Corrêa, professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil, defende que a interseccionalidade é uma ferramenta necessária para abordar a cultura na nova década, com base principalmente nas contribuições de feministas negras. Ela também defende que os estudos culturais possam se beneficiar ao chamar a atenção para a produção – seja na cultura popular ou na academia – que provém das margens, ou seja, de indivíduos que enfrentam opressões interseccionadas e que experimentam a vida do ponto de vista ‘de um olhar opositor’ e ‘como forasteiras de dentro’. A autora discute, especificamente, essas contribuições à pesquisa nos estudos culturais e nos estudos de mídia, enfatizando a importância das experiências de vida na elaboração de teorias. Nesta direção, pergunta: qual é a relação entre as experiências de vida e um

ponto de vista teórico-metodológico que adote uma abordagem interseccional? O paradigma da interseccionalidade pode ser aplicado à pesquisa empírica em estudos culturais? Por fim, ela defende que, para qualificar, descentralizar e decolonizar a investigação dos fenômenos sociais, é necessário observar e considerar as percepções, interpretações e teorias que vêm de grupos não hegemônicos – não apenas dentro do campo acadêmico, mas também em espaços periféricos e adjuntos onde o conhecimento é construído.

No capítulo 8 – **Estudos culturais Negros são interseccionais**, Marcus Johnson e Ralina L. Joseph, da *University of Washington*, Estados Unidos, argumentam que os estudos culturais Negros⁴ devam ser entendidos como uma intervenção interseccional da práxis. Neste capítulo, eles examinam a influência transformadora que a teoria feminista Negra teve nos estudos culturais. Tomando como exemplos a defesa de Kimberlé Crenshaw de *2 Live Crew*, passando pelo *#SayHerNameSeattle* e pelo movimento *Protect Black Women*, afirmam que *#Blacklivesmatter* é tanto sobre centralizar as experiências e vozes das mulheres Negras e comunidades LGBTQ+ Negras quanto sobre reconhecer a violência sistêmica contra os homens Negros. Eles argumentam que os manifestantes do *#SayHerNameSeattle* responderam à pergunta feita por Stuart Hall – o pai não apenas dos estudos culturais Negros, mas dos estudos culturais em si – que continua a ser a questão central para os estudos culturais Negros: “que ‘Negro’ é esse na cultura popular Negra?” (“*What is the Black in Black popular Culture?*”). E eles respondem: “estudos culturais Negros são antirracistas, irredutivelmente Negros, *queer*, jovens, feministas, trans, mulheres (...), todas/os dançando, cantando e marchando”.

4 Os autores apresentam a palavra “Black” sempre iniciando com letra maiúscula, de modo que seguimos tal escolha na tradução deste texto em particular.

Ao conduzir esta Apresentação ao seu término⁵, ressaltamos que o conjunto de questionamentos contidos nesses textos – alguns dos quais formulados por autores e autoras que ainda pouco circulam no contexto acadêmico brasileiro – mobilizou-nos fortemente. Mobilizou, igualmente, os estudantes que conosco compartilharam a leitura desses tão produtivos trabalhos. E disso resultou nosso interesse em divulgá-los. Agradecemos novamente aos editores do *International Journal of Cultural Studies* a permissão concedida para apresentá-los neste e-book. Agradecemos, igualmente, à editora Pimenta Cultural por ter aceito nossa proposta de editar e ancorar em seu site as importantes reflexões neles contidas, nos quais ecoam problemáticas que preocupam estudiosos de diferentes recantos deste cada vez mais complexo mundo contemporâneo. Como tem sido sobejamente ressaltado por Lawrence Grossberg (2016, 2019), os estudos culturais rejeitam toda e qualquer escolha binária entre opções simplificadas, que incluam, por exemplo, a busca de uma apaziguadora síntese dialética. Em outras palavras, tais estudos se apresentam como uma prática crítica, que tem um comprometimento com a complexidade, com a contingência e com a contextualização.

Os textos apresentados neste e-book retomam e reafirmam esse compromisso, ao alertarem para a importância de as/os praticantes de estudos culturais atentarem para as conjunturas, bem como para a contingência do tempo presente e a historicidade dos objetos, das práticas, dos entendimentos e das instituições culturais. Acreditamos que os textos aqui reproduzidos serão extremamente úteis para aquelas/es

5 Destacamos que no processo de tradução: (a) mantivemos em itálico os termos e expressões em que ele já foi utilizado nos textos em inglês; (b) em alguns casos, os estrangeirismos também foram, necessariamente, destacados em itálico; (c) as notas de fim de texto, presentes nos textos originais, em inglês, foram transformadas em notas de rodapé; (d) a fim de diferenciar das notas originais, as notas de rodapé introduzidas pelos tradutores foram finalizadas com a sigla NDT. – nota de tradução – entre parênteses; (e) na maior parte das vezes, as principais obras citadas pelos autores cujas traduções estão disponíveis em português, foram destacadas em notas de rodapé, seguidas da sigla (NDT. Outrossim, informamos que as referências bibliográficas dos textos foram mantidas tal como apresentadas no *JCS*, seguindo a *SAGE Harvard Style*; portanto, trata-se de uma formatação diferente daquela adotada no Brasil e nesta apresentação.

que se interessam por compreender e discutir as problemáticas globais que perpassam o cotidiano de nossas vidas, nos dias de hoje. Por fim, desejamos a todas/os uma instigante e mobilizadora leitura!

Luís Henrique, Lodenir e Maria Lúcia

Porto Alegre, julho de 2022.

REFERÊNCIAS

BONIN, Iara Tatiana; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Por que Estudos Culturais? **Educação e Realidade** – Edição eletrônica, v. 45, p. 1-22, 2020. (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>).

CEVASCO, Maria Elisa Burgos. Estudos Culturais: fim de linha ou aposta na relevância? *In*: LISBOA Flavi Ferreira & BAPTISTA, Maria Manuel (org). **Estudos Culturais e interfaces: objetos, metodologias e desenhos de investigação**. Aveiro: Universidade de Aveiro, Programa Doutoral em Estudos Culturais. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2016. (e-book) (Disponível em: www.ufsm.br/estudosculturais).

CAREY, James W. Reflections on the Project of American Cultural Studies. *In*: FERGUSON, Marjorie & GOLDING, Peter (org). **Cultural Studies in Question**. London/ThousandOaks/New Delhi: Sage, 1997.

COSTA, Marisa Vorraber; WORTMANN, Maria Lúcia C.; BONIN, Iara Tatiana. Contribuições dos Estudos Culturais às pesquisas sobre currículo? Uma revisão. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, p. 509-531, 2016. (Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/costa-wortmann-bonin.pdf>).

DENNING, Michael. **A cultura na era dos três mundos**. São Paulo: Francis, 2004.

EAGLETON, Terry. Depois da Teoria. Um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter. Cultural Studies and changing times: an introduction. *In*: FERGUSON, Marjorie; GOLDING, Peter (Ed.). **Cultural Studies in question**. London/ThousandOaks/New Delhi: Sage, 1997.

GROSSBERG, Lawrence. Será que os Estudos Culturais têm futuros? E deverão tê-los? **Comunicação e Cultura**, Porto, n. 6, p. 17-51, 2008.

GROSSBERG, Lawrence. Lutando com os anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. **Matrizes**. V.9 - Nº 2 jul./dez. 2015, p. 13-46. (Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268325526.pdf>).

GROSSBERG, Lawrence. **Los estudios culturales como contextualismo radical. Intervenciones en estudios culturales**, v. 2, n. 3, 2016, p. 33-44 (Disponível em: https://intervencioneseecc.files.wordpress.com/2017/01/n3_art02_grossberg.pdf).

GROSSBERG, Lawrence. What did you learn in school today? Cultural Studies as pedagogy. *In*: AKSIKAS, Jaafar; ANDREWS, Sean Johnson; HEDRICK, Donald (eds.). **Cultural Studies in the Classroom and Beyond. Critical Pedagogies and Classroom Strategies**. Cham: Palgrave Macmillan, 2019.

JOHNSON, Richard. What is cultural studies anyway? **Social Text**, 16, 1986-87: p. 38-80.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula; GROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINO, Luis Mauro Sá. A área dos Estudos Culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. **Comunicação & Sociedade**, Ano 33, n. 57, p. 79-101, jan./jun. 2012. (Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2897>).

MURRAY, Sarah. Postdigital cultural studies. **International Journal of Cultural Studies**, vol. 23(4) 441–450, 2020.

RIBEIRO, Adélia M.; SOARES, Eliane V.; GAJANIGO, Paulo; MATIAS, Glauber Rabelo. Cultura, crítica e democratização: o estado da arte dos Estudos Culturais. **Revista Brasileira de Sociologia**. vol. 5, núm. 11, pp. 142-164, 2017.

WORTMANN, Maria Lúcia C.; COSTA, Marisa Vorraber; RIPOLL, Daniela; BONIN, Iara Tatiana. Dossiê Estudos Culturais em Educação. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 38, p. 11-95, 2015. (Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/issue/view/926>).

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação e Realidade** – Edição eletrônica, v. 44, p. 1-24, 2019. (Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623689212>).

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; COSTA, Marisa Cristina Vorraber; SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. Sobre a emergência e a expansão dos Estudos Culturais em educação no Brasil. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 32, p. 32-48, 2015. (Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/18441>

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

1

Ien Ang

Institute for Culture and Society,
Western Sydney University, Australia

SOBRE OS ESTUDOS CULTURAIS, NOVAMENTE

Resumo

Este artigo reflete sobre o estado dos estudos culturais na atualidade. Ele questiona em que medida os estudos culturais podem mudar com o tempo, agora que vivemos em um mundo radicalmente alterado, dominado por desafios como as mudanças climáticas, a ascensão da China e a transformação tecnológica. O texto aponta para a importância de se focalizar as condições institucionais e materiais de possibilidade dos estudos culturais, se eles continuarem a existir como um campo intelectual distinto.

Palavras-chave: análises conjunturais; estudos culturais; mudanças globais; contexto institucional; interdisciplinaridade.

O que são/como são/onde estão os estudos culturais ao entrarmos na terceira década do século 21? Ou o que deveriam ser/como deveriam ser/onde deveriam estar? Esta não é a primeira vez que sou solicitada a responder a tais questões sobre a situação dos estudos culturais – longe disso! Desde os anos 1990, tenho sido instigada a escrever alguns artigos que tentam responder a essas perguntas (ver, por exemplo, Ang, 1998, 2005, 2013): os estudos culturais parecem convidar seus praticantes a uma autorreflexão constante, sendo esse, indiscutivelmente, um persistente sinal de insegurança em torno do esforço de esclarecer o que passamos a chamar de “estudos culturais”. Então, o que mais posso dizer?

Em muitos textos autorreflexivos sobre o que chamamos de estudos culturais, eles aparecem como um objeto de amor, algo a ser nutrido e cuidado, protegido não apenas de ataques externos hostis (isto é, de pessoas que, por vários motivos, são contra os estudos culturais), mas também daquilo que alguns veem como desvios internos (isto é, pessoas que, por várias razões, supostamente não estariam fazendo estudos culturais da maneira certa). Posso parecer uma velha rabugenta, mas estou bastante cansada dessas escaramuças discursivas em torno do que são, ou não, os estudos culturais ‘reais’, ‘verdadeiros’ ou ‘corretos’. Tais debates tendem a considerar os estudos culturais como a produção de um regime de verdade politicamente engajado, como uma busca intelectual desencarnada, frequentemente matizada por um tipo de idealismo que desconsidera (ou minimiza) suas próprias condições institucionais e materiais de possibilidade. Precisamente porque sou uma velha rabugenta (mas com experiência), vou argumentar, mais adiante, que são exatamente essas condições institucionais e materiais de possibilidade que são cruciais na luta pela existência dos estudos culturais como um campo intelectual distinto.

Porém, antes de tudo, deixem-me enfatizar que “amo” os estudos culturais, porque eles têm sido sempre muito bons para mim. Foram bons para mim porque, a partir da década de 1980, foram um

veículo de identidade que me permitiu buscar o tipo de trabalho transdisciplinar, eclético e, às vezes, transgressivo, que eu queria fazer, fosse relativo a *Watching Dallas*, ou a *On Not Speaking Chinese*, ou, em outro plano, mais institucional, me permitiram o trabalho colaborativo e engajado que promovi no *Institute for Culture and Society*, nos últimos vinte anos. O rótulo de estudos culturais me convém, porque minha abordagem intelectual das coisas tende a abraçar o que pode ser descrito como a sensibilidade dos estudos culturais, tal como desenvolvida por Stuart Hall e seus colegas em Birmingham. (Muitos autores ao redor do mundo protestaram, dizendo que Birmingham não era o único lugar de origem dos estudos culturais e que afirmar isto era, praticamente, uma ação imperialista, mas não há dúvida de que o carisma intelectual de Hall foi decisivo para facilitar a proliferação global dos estudos culturais como uma atividade distinta). Esta sensibilidade é definida por uma compreensão particular acerca de como podemos ‘conhecer’ melhor a cultura e o mundo: saber que o mundo opera através de intrincados emaranhados de produção ativa de sentidos e relações de poder; saber que a “cultura” é um processo social contínuo, por meio do qual modos de vida são totalmente construídos e reconstruídos, e que nós só podemos entender “o que está acontecendo” se analisarmos as práticas em seus complexos contextos e assim por diante. Por mais diverso que meu próprio trabalho tenha sido em termos de foco empírico – desde a televisão popular para o público da mídia até a política de diáspora e etnia, a arte pública, o desenvolvimento da diplomacia pública –, e em termos de enquadramento conceitual, ele tem sido sempre guiado, implicitamente, por premissas epistemológicas amplas. Na verdade, ao longo de minha carreira, tenho me sentido livre para me envolver tranquilamente com tópicos muito diversos, embora ainda me intitule legitimamente como uma “estudiosa de estudos culturais”, precisamente porque a sensibilidade dos estudos culturais (ou seu *habitus* intelectual) abraça tais premissas genéricas e abrangentes sobre como conhecer a cultura e o mundo.

Ao contrário, digamos, de mídia e comunicações – outro campo acadêmico bastante recente que tem consideráveis superposições com os estudos culturais –, estes últimos não pretendem se especializar em um objeto de estudo circunscrito. Em vez disso, os saberes dos estudos culturais podem percorrer toda a paisagem do mundo contemporâneo, com foco em qualquer questão ou tópico específico que seja considerado relevante em um determinado momento e lugar. Na verdade, os estudos culturais são “um tipo de especialização da não especialidade”, nas palavras do veterano de Birmingham Richard Johnson (Johnson *et al.* 2004: 23). Nos estudos culturais, ‘cultura’ (ou melhor, o ‘cultural’) não é um objeto distinto de estudo, mas funciona como uma “categoria inesgotável, fluida e extensa” – o terreno para múltiplos e infinitamente prolíficos locais de luta pela significação. Os estudos culturais, tal como salientei em outro texto (Ang, 2008), são uma “interdisciplina” interessada em quaisquer práticas culturais nas quais a contestação e a negociação sobre o significado estejam em pauta. Esta é uma dimensão muito ampla e geral, tanto que, muitas vezes, ouvimos a denúncia de que os estudos culturais podem ser sobre “tudo” e, como tal, não têm uma identidade clara.

É claro que é essa falta de fronteiras fixas de tópicos que torna, precisamente, os estudos culturais uma prática potencialmente ágil de investigação, capaz de se envolver com novos fenômenos, à medida que esses surgem no cenário mundial. A este respeito, alguns líderes na área têm argumentado que a característica definidora dos estudos culturais é a “análise conjuntural”, descrita recentemente por Jeremy Gilbert (2019: 6) como “a análise de tendências convergentes e divergentes que moldam a totalidade das relações de poder dentro de um determinado campo social durante um determinado período de tempo”. Esta é uma descrição adequada e ressalta a abertura dos estudos culturais para quaisquer novas questões no horizonte, tornando o campo, nas palavras de Gilbert (2019: 6), “um campo de investigação notoriamente instável”. Contudo, eu sugeriria que essa

instabilidade e falta de uma identidade clara, sustentada pela sensibilidade de abertura para “tudo”, tanto podem sustentar uma relação para compreender a atual “conjuntura”, quanto também podem causar, cada vez mais, problemas para os estudos culturais.

Para Gilbert, os estudos culturais podem ser “mais bem compreendidos como uma espécie de sociologia política” (2019: 6): e é nisto que consiste a análise conjuntural, em relação com a ideia de que o foco dos estudos culturais está em “locais de luta”. Contudo, se assim for, isto pode não ser entendido por muitos. Como o próprio Gilbert observa:

um leitor que não esteja familiarizado com esse campo pode muito bem perguntar por que exatamente o nome ‘estudos culturais’ deva ser adotado para nomeá-los, dadas as repetidas reivindicações de seus defensores de que eles realmente equivalem a uma forma de análise política (ainda que esta inclua uma concepção alargada de ‘político’). (Gilbert, 2019: 6-7)

E, em função do uso generalizado, mas ao mesmo tempo bastante específico – isto é, politizado – da noção de ‘cultura’ ou do ‘cultural’, implícito na sensibilidade dos estudos culturais, pode ser muito difícil explicar para quem está de fora o que os estudos culturais realmente envolvem. Tenho tentado responder a perguntas sobre isso muitas vezes, geralmente sem sucesso: quase invariavelmente, entendimentos do senso comum sobre “culturas” se atravessam nessa compreensão (“Qual cultura você está estudando?”). E este é um problema dos estudos culturais já descrito há algum tempo, nesta revista⁶, por Paul McEwan (2002), como ‘falta de visibilidade’ dos estudos culturais. Ele argumentou que os estudos culturais estavam “em perigo de se tornarem uma disciplina para iniciados, para aqueles que já estão ‘por dentro’ e aqueles que os encontram casualmente” (McEwan, 2002: 427). Nesta direção, McEwan (2002) descreveu os estudos culturais como uma ‘disciplina oculta’. Da mesma forma e mais recentemente,

6 A autora se refere ao texto publicado anteriormente no *IJCS*, conforme as referências bibliográficas (NDT).

Andrew Hickey, Kelly McWilliam e Sally Hourigan (2019), em sua análise de cursos de graduação em estudos culturais na Austrália e Nova Zelândia/Aotearoa, diagnosticaram que há uma “falha de presença’ dos Estudos Culturais na percepção pública mais ampla” (Hickey *et al.*, 2019: 405). Em outras palavras, existe uma ignorância generalizada ou uma incompreensão acerca do que os estudos culturais representam.

Na minha opinião, esse é um problema crescente, agora que a primeira geração de estudiosos – que têm maior probabilidade de estar ‘por dentro’ das origens dos estudos culturais e podem ter maior lealdade aos estudos culturais como um empreendimento distinto – têm começado a se aposentar (e eu me considero parte desta geração...). Gerações mais jovens de estudiosos podem ter um ‘amor’ muito menos afetivo pelo campo, vendo sua ligação com este em termos mais pragmáticos ou provisórios. Além disso, como já estamos distantes há quase meio século dos primeiros dias do surgimento dos estudos culturais, em Birmingham e em outros lugares, o mundo inevitavelmente mudou. Então, se a ‘análise conjuntural’ é o que os estudos culturais fazem, é claro que as questões-chave que enfrentamos hoje, na atual conjuntura, são bem diferentes daquelas que preocupavam o campo social nas últimas décadas do século 20, quando o conjunto de ferramentas, de teorias e métodos dos estudos culturais foram principalmente desenvolvidos. Para simplificar, acho que seria justo dizer que, naquele período, as políticas de raça, gênero e sexualidade (e, em menor medida, classe) eram os terrenos definidores dentro dos quais as relações de poder cultural eram disputadas. Essas eram lutas por identidade, representação, cultura popular e as relações sociais e subjetividades que elas defendem ou contestam. Muitos trabalhos de estudos culturais enfocaram essas questões ao longo das décadas e, é claro, eles não terminaram aí. Pelo contrário, o *me-too movement*, o crescente ativismo LGBTQI e a persistência da injustiça racial são testemunhos de que essas questões permanecem atualmente enraizadas como importantes locais de luta no campo social. Entretanto,

ao mesmo tempo, vivemos agora em um mundo onde alguns outros importantes locais de luta passaram a dominar nossos modos de vida, relacionados a questões bastante díspares, mas que mudaram o mundo maciçamente, tais como as mudanças climáticas, a ascensão da China e a transformação tecnológica. Então, onde isso posiciona os estudos culturais? Os estudos culturais têm os recursos para responder a tal conjuntura radicalmente transformada?

Certamente, um número crescente de estudiosos começou a enfrentar novos desafios em seu trabalho, tais como as mudanças climáticas ou a crise ambiental como instâncias de luta social, mas grande parte desse trabalho não é visto como parte dos estudos culturais. Em vez disso, esses estudos tendem a ser categorizados sob rótulos mais novos, tais como “estudos de ciência e tecnologia” ou “humanidades ambientais”. Uma razão para isso pode ser – tal como o estudioso de *Canadian cultural studies*, Jody Berland (2006) uma vez assinalou – que as questões da natureza e do meio ambiente ultrapassam as preocupações teóricas predominantes no campo, relativas a identidade e representação: na verdade, tais questões expõem os próprios limites da compreensão fundamental dos estudos culturais (isto é, sua sensibilidade paradigmática) sobre ‘cultura’ e ‘cultural’ como constitutivos da vida social. Outros tópicos destacados à época, tais como a ascensão da China, colocam em primeiro plano desafios geopolíticos sem precedentes em escala global, que nunca tinham feito parte das preocupações centrais dos estudos culturais. No entanto, pode-se argumentar que um novo movimento acadêmico, como os ‘Estudos Sinófonos’, iniciado por Shumei Shih (2011), na UCLA, constitui uma resposta intelectual crítica ao crescimento global do poder da China, que está inspirado por uma estrutura de pensamento dos estudos culturais, mesmo que nenhum dos participantes esteja identificado como estudioso do campo. Em síntese, embora seja questionável pensar em que medida os estudos culturais como um campo podem realmente ‘mover-se com os tempos’, por assim dizer, não há dúvidas de que um

trabalho muito significativo nas ciências humanas e sociais atualmente assume *insights* dos estudos culturais para abordar locais sociais de luta emergentes, sem ser nomeado como tal. Assim, então, os estudos culturais operam como uma disciplina oculta, efetivamente!

Em meu ensaio de 2008 sobre os estudos culturais, observei que o desenvolvimento desses estudos tem mostrado um duplo movimento de expansão e dispersão (Ang, 2008: 243). Isto é, embora muito da sensibilidade dos estudos culturais tenha realmente influenciado vários estudiosos mais jovens que vinham trabalhando em uma série de outras disciplinas mais convencionais (sociologia, antropologia, geografia, história, estudos de área), o que é explicitamente reconhecido como trabalho em estudos culturais está sendo esvaziado pelo florescimento de uma série desorganizada de especialidades discretas, mas sobrepostas, como – para citar apenas alguns – estudos *queer*, estudos de trauma, estudos de deficiência, estudos de alimentos, bem como, é claro, estudos de mídia e comunicações, estudos de ciência e tecnologia e estudos sinófonos etc., etc. Esta desconcertante proliferação de novos ‘campos’ tem ocorrido em um contexto em que as disciplinas convencionais ainda constituem poderosos blocos de construção institucional na academia, ao mesmo tempo em que “cada disciplina já está sempre infiltrada por alguma outra disciplina(s)” (Leitch, 2003: 170). É neste contexto complicado do que Leitch (2003) chama de ‘(inter)disciplinaridade pós-moderna’, que os estudos culturais precisariam garantir um espaço para si – fazendo-se visíveis – caso desejem continuar a existir como uma (inter)disciplina distinta e reconhecível. Isso é especialmente importante no atual regime neoliberal de auditorias de qualidade de pesquisa e de classificação de universidades e disciplinas, bem como no recrutamento competitivo de estudantes: aqui, visibilidade e presença são cruciais.

Hickey *et al.* (2019) argumentam que, para superar o que eles chamam de ‘problema de imagem’, é necessário haver muito mais clareza sobre o que os estudos culturais representam como uma ‘marca’.

A este respeito, eles veem como imperativo criar “um sentido mais amplo da presença e do propósito dos Estudos Culturais” (2019: 419). Concorro com isso, embora – como esbocei neste artigo – seja mais fácil dizer tais coisas do que fazê-las, dada a atual situação paradoxal dos estudos culturais, como realmente são: um conjunto expansível e disperso de discursos e práticas, um campo de investigação profundamente instável e heterogêneo, no qual a ‘análise conjuntural’ pode assumir diferentes formas em contextos amplamente diversos. O que, então, pode ser o elemento ‘unificador’ que pode reunir os estudos culturais, em toda a sua heterogeneidade, como uma disciplina distinta e ‘marcante’?

Eu mesma propus que a especificidade dos estudos culturais – seu objeto virtual, por assim dizer – fosse descrita como um envolvimento sério com a *complexidade cultural*: “qualquer que seja a temática abordada, a tendência do analista de estudos culturais é enfatizar o contexto específico, multidimensional e contingente, em suma, a natureza *complexa* do assunto, e um esforço correspondente para representar e fazer justiça a essa complexidade” (Ang, 2008: 207–8). O propósito desse esforço não é apenas intelectual, mas amplamente político: “os estudos culturais lidam com a complexidade cultural para avançar em formas mais eficazes de ver e intervir no mundo” (Ang, 2008: 208); ou seja, o objetivo é fornecer ferramentas e recursos para *navegar* melhor pela complexidade cultural (Ang, 2011). O debate está posto, funcione ou não tal demarcação do campo de trabalho! Para mim, no entanto, foi crucial o contexto institucional no qual trabalhei e que me fez tentar formular esta abrangente definição para o campo. Como Professora de Estudos Culturais na *Western Sydney University*, tive a tarefa de criar um centro de pesquisa que pudesse apoiar as lideranças da universidade, reunir uma gama diversificada de colegas sob o mesmo guarda-chuva e obter apoio de vários constituintes (ou ‘parceiros’) fora da universidade. Isto se tornou, no início dos anos 2000, o *Centre for Cultural Research*, que se transformou, em 2012, no *Institute for Culture and Society* (para

um relato inicial, ver Ang, 2006). Embora o Instituto seja agora uma entidade que hospeda uma ampla gama de atividades, de focos de pesquisa e de especialidades disciplinares – tanto que, às vezes, é até difícil ver-se como tudo e todos o integram – eu diria que é a sensibilidade dos estudos culturais, e um amplo e sério compromisso com a complexidade cultural, que, em última instância, fornecem a ‘cola’ intelectual para esta comunidade institucional.

Em suas reflexões sobre o estágio de desenvolvimento dos estudos culturais, o pesquisador de *Swedish cultural studies* Johan Fornäs (2020) tem observado que: “todas as disciplinas são construções históricas que, muitas vezes, são internamente muito heterogêneas, apenas reunidas por uma história compartilhada e um conjunto de arranjos institucionais”. Esta é uma declaração crítica, que salienta a importância crucial do trabalho duro requerido para criar condições institucionais e materiais dentro das quais os estudos culturais possam ser desenvolvidos. Para mim, isso significava tornar-se parte da ‘gestão’ – muitas vezes rejeitada pelos acadêmicos como um obstáculo aos seus ‘reais’ interesses intelectuais, ajudando a ajustar as orientações da universidade de forma que o ambiente institucional fosse receptivo aos trabalhos dos estudos culturais. Não há dúvida de que a política institucional é frequentemente enfadonha e consumidora de tempo, exigindo diplomacia cuidadosa e manobras estratégicas – coisas para deixar alguém de mau humor, de fato. Porém, à medida que me aproximo do fim da minha carreira, sinto que essa foi a coisa mais importante que eu poderia fazer. Outros fizeram trabalho institucional por meio do desenvolvimento de programas de ensino, bem como da edição de periódicos, organização de conferências, administração de associações profissionais, e assim por diante. Este talvez seja o verdadeiro trabalho oculto por trás da disciplina, mas sem ele os estudos culturais não seriam capazes de existir.

- **Financiamento** – a autora não recebeu apoio financeiro para a pesquisa e autoria e/ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Ang I (1998) Doing cultural studies at the crossroads: Local/global negotiations. **European Journal of Cultural Studies** 1(1): 13–31.
- Ang I (2005) Who needs cultural research? *In*: Leystina P (ed.) **Cultural Studies and Practical Politics: Theory, Coalition Building, and Social Activism**. New York: Blackwell, pp. 477–483.
- Ang I (2006) From cultural studies to cultural research. **Cultural Studies Review** 12(2): 183–197.
- Ang I (2008) Cultural studies. *In*: Bennett T and Frow J (eds) **The Sage Handbook of Cultural Analysis**. London: Sage, pp. 228–248.
- Ang I (2011) Navigating complexity: From cultural critique to cultural intelligence. **Continuum: Journal of Media and Cultural Studies** 25(6): 779–794.
- Ang I (2013) Cultural studies matters (does it?): Engaging inter/disciplinarity. **Inter-Asia Cultural Studies** 14(1): 1–6.
- Berland J (2006) What is environmental cultural studies? Unpublished address, https://www.academia.edu/1219953/What_is_Environmental_Cultural_Studies (accessed 12 October 2019).
- Fornäs J (2020) Cultural studies: Crossing borders, defending distinctions. **International Journal of Cultural Studies** 23(3): 298–309.
- Gilbert J (2019) The conjuncture: For Stuart Hall. **New Formations** 96–97: 5–37.
- Hickey A, McWilliam K and Hourigan S (2019) Undergraduate programs in cultural studies in Australia and New Zealand/Aotearoa. **Continuum: Journal of Media and Cultural Studies** 33(4): 405–423.
- Johnson R, Chambers D, Raghuram P and Ticknell E (2004) **The Practice of Cultural Studies**. London: Sage.
- Leitch V (2003) **Theory Matters**. New York: Routledge.
- McEwan P (2002) Cultural studies as a hidden discipline. **International Journal of Cultural Studies** 5(4): 427–437.
- Shih S (2011) The concept of the Sinophone. **PMLA** 26(3): 709–718.

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.



Nick Couldry

London School of Economics
and Political Science, UK

**ESTUDOS CULTURAIS –
PODEMOS/DEVEMOS
REINVENTÁ-LOS?**

Resumo

Este breve artigo retorna a um sentido original do termo 'estudos culturais', ou seja, um campo que precisava ser inventado para complementar um déficit democrático nas disciplinas estabelecidas de ciências humanas e ciências sociais. Ele analisa as razões pelas quais algo como os estudos culturais precisa ser reinventado novamente hoje (crises convergentes nos sistemas democráticos e na cultura, decorrentes de novas ecologias sociais e políticas, vinculadas à tecnologia), mas também as razões pelas quais, neste momento, isso é particularmente difícil. Enfrentar este desafio exige modéstia quanto ao que pode ser feito, mas também a urgência de abrir um espaço onde as ameaças ao futuro da democracia possam ser enfrentadas honestamente em um diálogo interdisciplinar.

Palavras-chave: crise; estudos culturais; democracia; reinvenção; solidariedade.

Os estudos culturais, para mim, nunca foram *apenas* sobre estudar cultura. Como poderiam sê-lo, quando o próprio termo 'cultura', tal como destacou James Clifford (1998:10) há três décadas, é profundamente problemático, ainda que indispensável de alguma forma, e quando a 'produção de significação' (a definição do 'objeto' dos estudos culturais, com a qual tanto o editor original quanto os novos editores deste periódico concordam: Hartley, 1998; 5; Gray *et al.*, 2019: 4) promete um domínio de investigação efetivamente infinito, ainda que não facilmente diferenciado?

Sim, *há* razão em afirmar o estudo da significação (hermenêutica) quando as humanidades e as ciências sociais estão cada vez mais dominadas por regimes de cálculos (das humanidades digitais à 'física social': Pentland, 2014). Contudo, afirmar a perspectiva hermenêutica, por si só, não nos leva muito além no esclarecimento do *por que* a hermenêutica pode e deve ser defendida. Esta questão do 'por quê?' (Por que o estudo do significado? por exemplo) não pode ser evitada quando as abordagens hermenêuticas estão reconhecidamente sob ataque, inclusive sob o risco de não receberem financiamento e [atenção de] outras agendas institucionais a médio prazo. Assim, é importante – e não somente egoísta – retornar, tal como farei neste pequeno texto, à questão: *por que* estudos culturais?

Para Raymond Williams, os estudos culturais eram o espaço de sustentação de questionamento (não apenas por pesquisadores e escritores, mas também por professores em sala de aula), onde as pessoas poderiam se reunir para um diferente tipo de encontro. Como tal, era um campo que ele sentia que tinha que ser inventado (Williams, 1961: 10). Pensando nos participantes da classe trabalhadora na educação para adultos na Grã-Bretanha dos anos 1930 a 1950, ele escreveu:

... pessoas que tinham sido privadas de qualquer oportunidade de continuidade educacional eram, no entanto, leitoras e queriam discutir o que estavam lendo; e, mesmo mais especificamente,

as mulheres que, impedidas do processo de educação superior, se educavam repetidamente a si mesmas através da leitura... ambos os grupos queriam discutir o que eles tinham lido e discutir isso em um contexto em que traziam suas próprias situações, suas próprias experiências – uma demanda que não era satisfeita, como ficou claro depois, por aquilo que as universidades ... estavam preparadas para oferecer. (Williams, 1989: 152)

Os desafios britânicos pós II Guerra Mundial parecem um universo distante mesmo para aqueles que hoje vivem na Grã-Bretanha, e, de qualquer forma, seria um absurdo demandar privilégio especial para perspectivas desta nação imperial em aparente declínio terminal. Contudo, o objetivo de citar Williams é mostrar que, para ele, enquanto os estudos culturais *envolviam* o estudo do significado, de maneiras que desafiaram muitos dos limites de disciplinas estabelecidas como 'estudos literários', o objetivo de tal estudo – e, de fato, a criação de algo como uma nova disciplina – foi muito além disso. O objetivo, em vez disso, era alcançar “uma ética de reciprocidade, uma prática mútua tanto de falar quanto de ouvir, que é inextricavelmente vinculada a levar a sério a complexidade das culturas” (Couldry, 2000: 5). Algo sobre política estava em jogo ao pensar, falar e ouvir bem sobre cultura: algo sobre democracia, mais especificamente, a possibilidade de *construção* de uma verdadeira democracia em uma sociedade que, apesar da recente fundação de um estado de bem-estar, ainda estava, na opinião de Williams, muito longe de ser uma democracia real no sentido de uma forma participativa de vida. O cerne do campo 'estudos culturais', para Raymond Williams, era como uma prática de troca e reconhecimento mútuos, visando a um melhor e mais inclusivo modo de vida.

Se isso ainda diz respeito ao objetivo dos estudos culturais, o que quer que eles realmente sejam hoje (e desafio qualquer um a dizer qual formulação de objetivo os estudos culturais têm hoje), então, precisamos reavaliar o que esse objetivo pode significar atualmente.

O DESAFIO DA RELEVÂNCIA

As razões específicas para este reexame já devem ter ficado claras (irei abordá-las em um instante), e elas não são, de forma alguma, sobrepujadas pelas duas diferenças mais óbvias entre a situação de hoje e a situação que Williams enfrentou quando escreveu os seus textos mais famosos: *Culture and Society* (Williams, 1958) e *The Long Revolution* (Williams, 1961). Primeiro, porque, de uma forma ou de outra, embora nem sempre sob o rótulo 'estudos culturais', as práticas disciplinares que Williams esperava já existem; de fato elas têm sido institucionalizadas há muito tempo. Em segundo lugar, porque, especialmente nos últimos 20 anos, o campo do trabalho acadêmico em estudos culturais tem sido amplamente internacionalizado, sendo o *International Journal of Cultural Studies* um excelente exemplo disso. Ainda assim, existem fortes razões para perguntar mais uma vez e, de fato, atualmente com urgência: *por que estudos culturais?* Por que eles (ou algo parecido) seriam necessários novamente agora?

Os motivos são as crises que afetam a cultura e a política hoje, em toda a parte. Correndo o risco de simplificação excessiva, essas crises são triplas. Em primeiro lugar, há os agudos desafios práticos e ideológicos à *democracia* como forma de fazer política (Runciman, 2018). Em segundo lugar, e emergindo dentro da primeira crise, há tentativas conservadoras generalizadas em todos os continentes para *reverter* meio século ou mais de reformas nos aspectos sociais, culturais e políticos, sendo o gênero um fator importante, mas obviamente não o único (Banet-Weiser, 2018). Terceiro, e sutilmente relacionado aos dois primeiros, há o impulso corporativo – por meio de uma transformação emergente do tecido social por processos de dataficação⁷ – de anexar

7 Segundo André Lemos (2013), no site disponível no seguinte link (datafication - acesso em 09 de agosto de 2021), a dataficação ou *datafication* seria um processo sistemático de extração e tabulação de dados dispersos e aparentemente irrelevantes, um fenômeno do *big data*, cunhado por Mayer-Schönberger e Cukier, e que busca mostrar como e por que coletar e classificar dados relativos às mais diversas situações, mesmo aquelas que não parecem inúteis ou nada valiosas são importantes. (NDT)

diretamente ao capital os próprios espaços sociais e de produção de sentido (Couldry e Mejías, 2019). É como se, em alguma versão histórica de cobras e escadas⁸, as forças mais progressistas para as quais, desde sua perspectiva muito particular, Williams esperava falar na década de 1960, tivessem agora deslizado para debaixo de uma cobra enorme, para pousarem em algum lugar muito perto do começo do jogo da democracia, várias casas⁹ abaixo de onde Williams começou, e com um impulso reverso. Não podemos mais aceitar, portanto, o otimismo de Raymond Williams sobre a política, neste momento, mesmo que as instituições acadêmicas que Williams esperava que existissem pareçam seguras, por ora, em muitos lugares.

A questão – ‘por que estudos culturais?’ – nos lembra de algo que é tentador esquecer: que, enquanto os estudos culturais foram inventados sob condições sociais e políticas que, de muitas maneiras, eram auspiciosas para esse projeto, qualquer tentativa atual de ‘renovar’ (Grossberg, 2018: 856) ou, como eu preferiria, ‘reinventar’ os estudos culturais enfrenta um desafio diferente: como reverter o que quase equivale a um ‘ambiente hostil’ para a democracia¹⁰.

A partir disso, seguem-se três desafios imediatos: reconhecer a genuína desolação frente à atual situação para a democracia (portanto, respeito o pessimismo honesto de Lawrence Grossberg em seu ensaio de despedida como editor do *Cultural Studies*: Grossberg, 2018); entender que ‘continuar fazendo estudos culturais’ pode não

- 8 Trata-se de “um jogo de tabuleiro infantil baseado na sorte, jogado em uma grade numerada, cujo objetivo é avançar até o fim, e no qual as escadas ajudam o progresso e as cobras o impedem”. Como expressão idiomática, refere-se a) “Qualquer situação em que pessoas ou eventos vão para frente ou para trás, aparentemente ao acaso”. Disponível em: snakes-and-ladders, acesso em 29 de julho de 2021. (NDT)
- 9 Referência a “casas” no jogo de tabuleiro, nas quais o jogador pode avançar ou retroceder a cada jogada. (NDT)
- 10 Emprego o termo ‘ambiente hostil’ para lembrar a determinação oficial verdadeiramente vergonhosa do governo do Reino Unido da recente adoção de um regime para administrar e, se possível, deportar imigrantes não brancos e até descendentes de imigrantes não brancos, sob a liderança, originalmente, da ex-primeira-ministra do Reino Unido, Teresa May, enquanto ela era *Home Secretary*.

ser suficiente para lidar com essas crises cruzadas que, tomadas em conjunto, desenraizam o ambiente político de longa data a partir do qual os estudos culturais emergiram como imagináveis; e, finalmente, insistir em que essas crises são em escala global, o que significa que as 'soluções' não podem mais ser confortavelmente nutridas dentro dos limites seguros do estado-nação (a limitação, sempre, da visão de Williams). Uma explicação para o último ponto é o movimento acelerado do capital, de pessoas e dos significados, que, por si só, tem sido uma pré-condição chave para a atual turbulência nas estruturas políticas e nos arranjos culturais. Outra é que, 'acima' das três crises que acabamos de mencionar, elevam-se a crise global no meio ambiente da Terra e o atual fracasso dos sistemas e culturas políticas em gerar respostas adequadas a essa crise *em qualquer lugar*.

A questão básica 'podemos reinventar os estudos culturais?' pode ser reemoldurada, de modo mais prático, como uma questão diferente: *o que está faltando* a partir de agora no campo interdisciplinar do qual os estudos culturais são apenas uma parte (incluindo estudos raciais críticos, estudos de dados críticos, estudos *queer*, sociologia da cultura) que, *se somado*, constituiria o *início* de uma resposta a essas crises que se cruzam? Isso sugere uma segunda pergunta: quais serão as consequências para os estudos culturais e, talvez, para muitas outras formas de crítica acadêmica funcionarem, se esse elemento ausente não puder ser encontrado?

Pode ser mais fácil responder à segunda do que à primeira pergunta, pelo menos prospectivamente. Suponhamos que abandonemos a tentativa de responder à primeira pergunta, decidindo antecipadamente que ela não tem como ser respondida, e que o trabalho acadêmico não tem como moldar uma resposta mais ampla às crises emergentes de democracia, cultura e dataficação. Isso poderia significar o abandono da ideia de que o trabalho acadêmico tem uma contribuição distinta para o desenvolvimento social e político, condenando-o à condição de mero canal para a implementação de soluções

corporativas. A menos que realmente desejemos isso, devemos pelo menos levar a primeira pergunta a sério.

Então, o que poderia estar faltando no trabalho acadêmico no campo dos estudos culturais e nos outros campos de trabalho críticos aos quais ele é contíguo? Na tentativa de responder a isso, não oferecerei propostas para 'novos estudos culturais' ou para a reforma dos estudos culturais existentes. Pois, como já deveria estar claro, os estudos culturais que temos hoje são a solução, há muito institucionalizada, para problemas que têm entre 50 e 60 anos. Respostas para as crises atuais tendem a assumir formas institucionais que não podemos prever, embora, para os objetivos deste breve texto, eu assumo que essas soluções passam, pelo menos, pela academia. Mesmo assim, é improvável que elas mapeiem ordenadamente os limites históricos contingentes dos estudos culturais como prática acadêmica. Entretanto, isso não exclui que periódicos como o *International Journal of Cultural Studies* sejam um local de debate sobre tais soluções, onde quer que elas frutifiquem mais.

UM CAMINHO INVENTIVO

Com esse espírito, deixe-me abordar a primeira e assustadora questão que acabei de fazer. Talvez deva reformulá-la: onde e como o trabalho na academia pode iniciar, no sentido de se identificarem pontos de partida para abordar o *triplo* déficit democrático que mencionei?

Observe-se que não é uma crise única que as sociedades de hoje enfrentam, mas tripla. É uma crise tripla que combina fatores *institucionais* (o declínio de partidos, sistemas políticos e eleitorais, e de estruturas para reconhecer a opinião¹¹ de forma mais geral) com fatores

11 As duas ocorrências da palavra "opinião" neste parágrafo correspondem à tradução da palavra "voice", voz, que, no presente contexto, remete à expressão de um pensamento, de uma ideia, à possibilidade de falar sobre alguma coisa (NDT).

culturais (uma ampliação de uma guerra pela inclusão cultural e social e pelas medidas historicamente tomadas para ampliá-las) e com fatores *sociotécnicos* (a dataficação do tecido social, com profundas implicações para o registro, a longo prazo, de qualquer coisa como opinião em tomada de decisão em qualquer escala).

Na medida em que reformulamos a questão desta forma, torna-se óbvio por que, até agora, mesmo um periódico global excelente como o *International Journal of Cultural Studies* não tem um fluxo regular de artigos na fila para respondê-la. Da mesma forma que a pergunta 'A democracia é possível aqui?' (para lembrar o brilhante título do filósofo Ronald Dworkin: Dworkin, 2008), a questão do que significaria trabalhar para reinventar os estudos culturais hoje é algo que todos preferimos evitar, não apenas porque é assustadora, mas também porque, para aqueles que se beneficiaram do sucesso do projeto dos estudos culturais originais, é bastante embaraçosa e desconcertante. (Em 50 anos os estudos culturais realmente não alcançaram nada de duradouro no domínio social? Pelo menos é isso que podemos temer secretamente.) E, no entanto, esta é a pergunta que deve ser feita.

Não posso, é claro, fingir que tenho respostas perfeitas e prontas. Ainda não estamos o suficientemente distantes do caminho que poderia gerar um novo campo, por exemplo, como na direção da insatisfação de Williams com a democracia britânica e da insatisfação de Stuart Hall ou Ngugi wa Thiong'o com as consequências das versões de estudos culturais geradas pelo Império Britânico.

Além disso, o balanço dos problemas atuais é muito distinto daquele obtido em momentos históricos anteriores: menos a ossificação de disciplinas acadêmicas ou de elites culturais, e mais o fato de que inesperadas *novas ecologias sociais e políticas* (novos desenvolvimentos *dentro das* democracias) estão emergindo, as quais são verdadeiramente tóxicas para a participação democrática de longo prazo. Obviamente, o trabalho acadêmico não pode, por si só, fazer todo

o trabalho pesado aqui: lembre-se de que Williams desenvolveu sua visão de um novo campo tendo como pano de fundo sua própria experiência de trabalhar como professor por alguns anos na Grã-Bretanha dentro da *Workers Educational Association* [Associação de Trabalhadores da Educação], assim como um ambiente sindical e partidário mais saudável do que aquele de agora. E, ainda assim, as novas instituições da sociedade civil que possam dar apoio ao trabalho acadêmico de hoje, no sentido de contribuir positivamente para a renovação da democracia, ao que parece, ainda não existem.

Na melhor das hipóteses, portanto, agora o trabalho acadêmico pode contribuir para abordar os atuais e urgentes déficits democráticos de três formas mais limitadas:

1. apresentando a questão do déficit democrático contemporâneo da forma mais clara possível, baseando-se em várias outras disciplinas e aspectos da crise tanto quanto possível, para construir uma visão mais ampla das tendências, dos perigos subjacentes e das variações geográficas;
2. indo em busca de novas práticas que, apesar de tudo, estejam trabalhando para sustentar os valores democráticos e construir pontes – não divisões – entre as pessoas (mesmo uma olhada rápida nos títulos dos artigos dos últimos 12 meses do *International Journal of Cultural Studies* sugere que as sementes deste trabalho já estão presentes);
3. refletindo seriamente sobre como seria o trabalho acadêmico em que tentássemos oferecer recursos práticos e intelectuais para essas novas práticas democráticas, com base, é claro, nas realizações históricas dos estudos culturais, mas também moldando novos recursos e novas formas de pensar para o coquetel único de crises atual.

Nenhuma dessas tarefas será fácil. Tal como reuni, recentemente, em uma coleção de ensaios contemplando toda a minha carreira, ao lidar amplamente com os desafios que associo com o projeto histórico dos estudos culturais (publicado por Couldry, 2020), de repente percebi quão assustadores são os desafios desta conjuntura atual.

Atualmente, uma vantagem que temos e que não estava disponível nas décadas de 1950 e 1960 são os números: muitos de nós estão conectados de forma mais eficaz, mais ampla e globalmente do que se poderia imaginar então, e somos capazes de desenhar um amplo projeto de trabalho, ainda em expansão, comprometido em ouvir a produção de sentido e as lutas pela democracia em todo o mundo.

Talvez o *International Journal of Cultural Studies* possa se tornar o lugar onde um grande número de nós, profundamente perturbados e intrigados com as direções recentemente tomadas pela cultura e seus pontos de referência políticos em muitos lugares, possamos nos reunir para formular as questões sobre o futuro da democracia a que, por enquanto, não podemos responder. Reunindo-nos em torno desse foco, talvez possamos encontrar uma certa solidariedade em não desistir da ideia de que as opiniões têm valor e que escrever sobre e ouvir bem a cultura pode desempenhar um papel na construção de sociedades onde esse valor ainda conte para alguma coisa.

Ao menos isso é melhor do que o silêncio e a desesperança que ele abriga. 'Desesperança', como Paulo Freire escreveu, "é uma forma de silêncio, de negar o mundo e sentir a partir dele" (1972: 64). Suspeito que nenhum de nós pode se dar ao luxo do silêncio neste momento.

- **Financiamento** – O autor não recebeu apoio financeiro para a pesquisa e autoria e/ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Banet-Weiser S (2018) **Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny**. Durham, NC: Duke University Press.
- Clifford J (1988) **The Predicament of Culture**. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Couldry N (2000) **Inside Culture**. London: Sage.
- Couldry N (forthcoming 2020) **Refracted: Essays on Media, Voice, Space and Power**. London: Routledge¹².
- Couldry N and Mejías UA (2019) **The Costs of Connection: How Data is Colonizing Human Life and Appropriating it for Capitalism**. Stanford, CA: Stanford University Press.
- Dworkin R (2008) **Is Democracy Possible Here?** Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Freire P (1972) **Pedagogy of the Oppressed**. Harmondsworth: Penguin.
- Gray J, Burgess J, Frosh P, Fung A, Georgiou M and Lopez LK (2019) Editorial. **International Journal of Cultural Studies**, 22(1): 3–8.
- Grossberg L (2018) Pessimism of the will, optimism of the intellect: Endings and beginnings. *Cultural Studies* 32(6): 855–888.
- Hartley J (1998) Editorial. **International Journal of Cultural Studies** 19(1):1–4.
- Pentland A (2014) **Social Physics**. London: Penguin.
- Runciman D (2018) **How Democracy Ends**. London: Profile Books.
- Williams R (1958) **Culture and Society**. Harmondsworth: Penguin.
- Williams R (1961) **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin.
- Williams R (1989) The future of cultural studies. In: **The Politics of Modernism: Against the New Conformists**, London: Verso.

12 Tratava-se de uma previsão de publicação para 2020. Contudo, a obra foi publicada em 2019 pela Routledge, sob o seguinte título “Media, Voice, Space and Power: Essays of Refraction” (NDT).

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

3

Johan Fornäs
Södertörn University, Sweden

**ESTUDOS CULTURAIS:
atravessando
fronteiras,
defendendo
distinções**

Resumo

Identificar um conjunto de traços e objetivos definidores do campo dos estudos culturais é a tarefa desta intervenção, que inicia investigando como os principais atores deste campo o definem hoje: a *Association for Cultural Studies* e as revistas *Cultural Studies*, *International Journal of Cultural Studies* e *Inter-Asian Cultural Studies*. Foram identificados três tropos principais para defini-los: diversidade, contextualização e crítica. Cada um desses teve sucesso, parcialmente, mas outros objetivos permanecem não alcançados. Foram formuladas duas tarefas centrais: 1) os estudos culturais precisam intensificar uma reflexividade crítica para explicar o que são e por que se fazem necessários como uma força motriz para a diversidade interativa, contextualizando a construção de significados e a crítica da comunicação; 2) o campo precisa estar em alerta máximo, avançando e respondendo forte e rapidamente às ameaças totalitárias atuais contra a produção de conhecimento acadêmico sustentável e resiliente.

Palavras-chave: academia; conceito de cultura; crítica; estudos culturais; diversidade; identidade; produção do conhecimento; reflexividade; pesquisa.

O conceito de estudos culturais é bastante evasivo. Eles pertencem, principalmente, às ciências sociais ou às humanidades? Eles são uma disciplina jovem, uma escola de pensamento, uma corrente intelectual, um movimento político, um campo de especialidade ou uma interface interdisciplinar? Pertencem àquele grupo que tende a preferir encruzilhadas às avenidas retas e largas. Concordo com quem gosta mais da ideia de esse ser um campo transdisciplinar, mais do que uma nova disciplina, uma vez que prezo a abertura à diversidade e ao diálogo comunicativo, pois isso empodera os melhores momentos dos estudos culturais. No entanto, mesmo a abertura de fronteiras precisa de algumas demarcações internas e externas para tornar identificáveis agentes ou arenas, pois a capacidade inerente de cruzar fronteiras acadêmicas não implica uma total falta de distinção. Muitas correntes e perspectivas diferentes se encontram neste campo heterogêneo, mas, por isso, ele deve ser visto como um camaleão ou um significante vazio?

O campo dos estudos culturais abriga uma intrincada dialética de fronteiras e transgressões. O cruzamento de fronteiras não teria sentido e, na verdade, seria impossível, se distinções não fossem feitas. O apelo à unidade na e através da diversidade combina esses dois aspectos referidos, reconhecendo distinções e diferenças e, simultaneamente, defendendo trocas e comunicação.

É possível, hoje, discernir um conjunto de traços definidores neste campo? Descobrir isso é uma tarefa gigantesca, quase impossível, pois os estudos culturais podem significar muitas coisas em diferentes contextos. Muitos preferem, com razão, se engajar na prática de pesquisa em vez de se prenderem a debates programáticos. Mesmo assim, acho que é útil e saudável retornar, de vez em quando, a essas questões fundamentais e refletir sobre o que está sendo feito e por quê. Identificar alguns aspectos desta questão é a tarefa desta intervenção.

TRÊS TROPOS

Tendo examinado uma série de opções possíveis, fiquei curioso para ver como algumas das principais organizações e periódicos nesse campo definem suas tarefas e perfis atualmente. Optei por me concentrar nas formulações políticas da *Association for Cultural Studies* (ACS) e dos periódicos *Cultural Studies* (CS), *European Journal of Cultural Studies* (EJCS), *International Journal of Cultural Studies* (IJCS) e *Inter-Asian Cultural Studies* (IACS)¹³. Esses cinco núcleos têm muito em comum, mas também têm algumas diferenças. É preciso ter em mente que esses textos são frequentemente bastante antigos e raramente atualizados, embora, com os ajustes necessários, ainda ofereçam estimativas aproximadas de como esses atores centrais do campo desejam definir sua missão. Encontrei três tropos principais recorrentes.

1. Todos elogiam a **diversidade** decorrente do cruzamento de fronteiras que registrei aqui inicialmente. A *Association for Cultural Studies* (ACS) define os estudos culturais como um eixo “inter e transdisciplinar” para reunir uma “diversidade de trabalhos realizados por acadêmicos e trabalhadores comprometidos” conectados a partir de “todo o mundo”, para desenvolver um “local de encontro significativo” para “uma pluralidade de abordagens” e para forjar “vínculos entre diversos grupos de estudiosos e trabalhadores de estudos culturais ao redor do mundo”. O *Inter-Asian Cultural Studies* (IACS) está baseado em “um compromisso coletivo transfronteiriço para confrontar a política cultural interasiática”, estabelecido em “um momento único para o diálogo”, “forjando vínculos políticos entre essas sub-regiões”, bem como “um vínculo entre agrupamentos intelectuais críticos”. O *Cultural Studies* (CS) “entende o termo ‘cultura’ inclusivamente”, a fim

¹³ Estas declarações podem ser encontradas em ACS, CS, EJCS, IJCS e IACS [os links foram encurtados para este e-book – NDT].

de assegurar seu caráter “internacional e interdisciplinar”. O *International Journal of Cultural Studies* (IJCS) também tem uma “perspectiva multidisciplinar”, enquanto o *European Journal of Cultural Studies* (EJCS) publica “trabalhos teórica e empiricamente fundamentados provenientes de uma variedade de locais e contextos disciplinares”, especificando que “análise do discurso, análise visual e narrativa, teoria fundamentada em dados e etnografia estão entre os métodos de análise que podem ser usados”. A última especificação implica uma limitação do campo, sugerindo que se faça uma distinção entre estudos culturais e outros estudos sobre cultura. Isso está formulado em dois outros tropos entrelaçados.

2. Uma demarcação passa por enfatizar a importância da **contextualização**. A *Association for Cultural Studies* (ACS) fala de estudos culturais que investigam “práticas e formas culturais e seus efeitos, colocando-as em contextos de relações”. O *Cultural Studies* (CS) argumenta que o trabalho neste campo “explora a relação entre práticas culturais, vida cotidiana, contextos materiais, econômicos, políticos, geográficos e históricos”. O *International Journal of Cultural Studies* (IJCS) também menciona as “práticas culturais, os processos, os textos e as infraestruturas” como alvos de uma análise que “interroga o que a cultura significa e o que a cultura faz, em escalas globais e locais de poder e ação, e [interroga, também] as diversas tecnologias e formas de mediação e múltiplas dimensões de performance, experiência e identidade”. Isto está expresso sob a forma de uma exclusão explícita: “A revista não publica análises bem feitas de textos isolados; mas considera análises críticas contextualizadas”. O *European Journal of Cultural Studies* (EJCS) é igualmente explícito, pois “não está interessado em publicar estudos de cultura que se concentrem exclusivamente em objetos individuais”, porque “o estudo da cultura e das formas culturais sempre

precisa de uma contextualização mais ampla para incluir como objetos, práticas ou ideias são inseridas nas relações de poder”.

3. As últimas formulações conectam-se a um terceiro tropo, relacionado aos anteriores, a saber, o foco na **crítica** das relações de poder dominantes. O *European Journal of Cultural Studies* (EJCS) “se envolve em discussões críticas sobre as relações de poder relativas a gênero, classe, preferência sexual, etnia e outros macro ou micro locais de luta política”, ao mesmo tempo que está “enraizado na experiência vivida”. Especificando melhor: “o denominador comum para o trabalho ser publicado está no engajamento e em uma visão crítica de como as relações de poder são (re) produzidas nas práticas cotidianas de construção de significado. Os estudos podem dizer respeito a gênero, classe, raça e etnia, sexualidade, preferência sexual, deficiência e outros macro ou micro locais de luta política”. Portanto, “nosso foco duplo é nas relações de poder e nos processos de construção de significado, [entendidos] como os lados gêmeos na produção da ‘cultura’”. Em suma: “estamos interessados em como o significado é construído e em como as relações de poder são produzidas”. Da mesma forma, o *Inter-Asian Cultural Studies* (IACS) se descreve como fundamentado em “novos movimentos sociais e em estudos culturais críticos como forças de descolonização”, que “deram origem a modos alternativos de produção de conhecimento”, focalizando a interface entre “economia política, cultura e política”. Essa perspectiva crítica é intensificada, às vezes, em uma demanda por ação política e intervenção. O *International Journal of Cultural Studies* (IJCS) quer “revitalizar os estudos culturais” como “um espaço crítico para a inovação teórica e metodológica na pesquisa cultural global”. O *Cultural Studies* (CS) demanda “conversas analíticas, críticas e políticas mais abertas”, com o objetivo de “intervir nos processos pelos quais técnicas, instituições e estruturas de poder existentes são reproduzidas, enfrentadas e transformadas”, por meio

de “experimentação intelectual e política, intervenção e diálogo”. Finalmente, a *Association for Cultural Studies* (ACS) fala sobre “o estudo e a intervenção nas relações entre as práticas culturais e as relações sociais e a organização do poder”, bem como sobre as “agências que os habilitam ou resistem”. Na constituição da *Association for Cultural Studies* (ACS), este tropo é expandido para um compromisso crítico mais específico, ou seja, para a tarefa de *defender* os estudos culturais contra vários “desafios” e “ataques ao seu projeto”, falando “em defesa dos estudos culturais, seus programas ou dos estudiosos de estudos culturais”.

Diversidade, contextualização e crítica são, portanto, três facetas importantes do projeto dos estudos culturais, conforme está expresso nesses cinco textos acerca da política [editorial] desses periódicos, e tenho encontrado essas facetas, em proporções variáveis, em muitas outras vertentes do campo. Olhando mais detidamente para cada um desses textos, e a partir de como me envolvo e experimento este campo na prática, algumas observações podem ser feitas, sugerindo conquistas valiosas, mas também déficits problemáticos e tarefas remanescentes.

DIVERSIDADE E HIBRIDEZ

Se os estudos culturais podem ser descritos como um movimento, não se trata de um movimento político ou cultural, mas intelectual. Eles são uma interface para o discurso crítico transgressor e para a produção de conhecimento acadêmico, ao invés de uma força política ou uma vanguarda artística. Eles são uma interdisciplina, atuando como um metaconector para articular diferentes disciplinas e outros campos interdisciplinares, bem como para discutir um conjunto múltiplo de agendas críticas. Eles não têm líderes formais ou informais e quase nenhum cânone compartilhado, embora as questões de significado, identidade e poder sejam frequentemente identificadas como

tópicos centrais. Eles foram particularmente associados à sua tradição britânica de mais de 60 anos, mas, ao contrário de muitas outras correntes paradigmáticas (da teoria crítica à Teoria de Atores-Rede), eles não têm uma única raiz definidora, mas consistem em um feixe de rotas cruzadas que remontam a um determinado tempo e que se conectam a muitos ramos e variantes diferentes em uma rede rizomática flexível com muitos começos diferentes e trajetórias possíveis.

Alguns teóricos culturais demarcam uma distância entre eles e seus concorrentes e defendem seus modelos como soluções autosuficientes para todos os problemas concebíveis. Não acredito em tal reducionismo. Em vez disso, defendo uma heterologia policêntrica, inescapável e fundamental, ou uma *diversidade* pluralista. Não existe uma única disciplina, paradigma ou teoria que, por si só, seja suficiente para explicar tudo e que, portanto, seja capaz de tornar todas as outras perspectivas supérfluas. Em vez disso, a diversidade deve ser levada a sério, contra todas as tentativas de restringir o campo. Consequentemente, tradução e comunicação são absolutamente necessárias. Cada teoria pode, é claro, criticar outras e encontrar suas limitações, mas também deve ser capaz de reconhecer que essas outras também podem apontar corretamente seus próprios limites e, portanto, acolher a pluralidade multidimensional – no conhecimento acadêmico em geral, bem como no campo dos estudos culturais.

Já deveria ter ficado bastante óbvio que não me incluo entre aqueles que desejam reconstruir os estudos culturais como uma disciplina unitária. Todas as disciplinas são construções históricas, frequentemente muito heterogêneas internamente, sendo mantidas unidas apenas por uma história compartilhada e por um conjunto de arranjos institucionais. Campos interdisciplinares fluidos também podem gradualmente se solidificar em um status disciplinar. No entanto, acredito que os estudos culturais têm muito a ganhar ao se aterem à sua autoimagem de uma “interface transnacional na qual as preocupações

de diferentes disciplinas e de outros conhecimentos interdisciplinares podem entrar como formas frutíferas de diálogo” (Bennett, 1998: 535). Eles são um ponto de encontro para formas altamente diversas de prática analítica “com diferentes graus de comensurabilidade uns com os outros, que dificilmente se somam a uma única forma política de importância, e que estão sempre amarrados em emaranhados interdisciplinares variáveis e móveis” (Bennett, 2013: 439). Em razão de seus muitos compromissos (e não apesar deles), este *campo fronteiro* de interface *não* é um movimento político unitário, nem uma subcultura distinta, que compartilha um conjunto fixo de normas e valores, nem mesmo um paradigma ou escola de pensamento vinculado a um conjunto obrigatório de textos canônicos, teorias, métodos ou materiais. Ien Ang (2013: 433-6) também enfatizou que, embora os estudos culturais possam ter uma orientação crítica, “eles são, antes de tudo, uma prática acadêmica”, que dá “o seu melhor quando atua como uma *interdisciplina integrativa*”. Portanto, ela desafiou “a homogeneidade social e cultural dos estudos culturais”, que “perpetua um eurocentrismo impensado (ou ainda mais estreitamente, um anglocentrismo) e inibe um envolvimento verdadeiramente cosmopolita com a vasta diversidade do mundo que nos rodeia”.

Este acolhimento multidimensional da diversidade tem sido bastante bem-sucedido de muitas maneiras. Ele serviu, nessa direção, como um motor modernizador na academia, lidando com questões contemporâneas de grande complexidade e oferecendo oportunidades raras de diálogo e cooperação além fronteiras – entre países ou regiões, bem como entre áreas temáticas, mas, também, em seus melhores momentos, conectando com sucesso a pesquisa acadêmica às artes e à política na sociedade civil. Havia trincheiras mais profundas antes da mudança do milênio, e muitas lacunas antigas petrificadas foram hoje preenchidas por vigorosas contracorrentes (Fornäs, 2008).

No entanto, ainda hoje, esta ambição diversificadora está longe de ser cumprida, pois existem várias interfaces não suficientemente desenvolvidas a serem exploradas e alimentadas. Em primeiro lugar, existem muitos tons diferentes de inter, multi e transdisciplinaridade (Fornäs, 2016), cujas possibilidades (potencialidades e limitações) merecem ser discutidas mais profundamente. A maior parte da cooperação entre as disciplinas ainda permanece em um estágio multidisciplinar, no qual cada estudioso faz seu trabalho, resultando disso uma colcha de retalhos aditiva sem interação densa entre as perspectivas de colaboração. Tanto na teoria quanto na prática, as metodologias de travessia de fronteiras merecem maior atenção. Gostaria de ter uma visão mais ampla sobre para que podem e devem ser usados os diferentes modos de interdisciplinaridade: a cooperação entre as perspectivas serve principalmente para permitir um melhor conhecimento sobre questões complexas, ou há, também, uma ambição em permitir que novas formas híbridas de construção de significado surjam na interface entre as partes que estão em colaboração?

Em segundo lugar, ainda há muito a ser feito em termos de bricolagem interteórica e de esforços para superar as divisões dificultadoras, tais como aquelas entre o novo materialismo e a hermenêutica crítica, o pós-estruturalismo e a teoria crítica ou entre etnografia e análise textual. Algumas antigas divisões são teimosamente persistentes, pelo menos nas correntes dominantes dos estudos culturais no Reino Unido e nos Estados Unidos. Essas múltiplas divisões disciplinares estão ligadas a divisões geopolíticas polidimensionais semelhantes entre leste e oeste, norte e sul, mas também entre regiões anglófonas, onde as dicotomias herdadas do Reino Unido e dos Estados Unidos tendem a se firmar, e em outras regiões linguísticas e culturais do mundo, como a América Latina, Leste da Ásia ou os países nórdicos da Europa, onde estão pelo menos parcialmente dissolvidas em favor de fronteiras híbridas mais inventivas de vários tipos.

Essas trincheiras geopolíticas e paradigmáticas combinadas precisam ser abandonadas, para quebrar a doxa e renovar o conhecimento crítico e cultural por meio da corajosa montagem da imaginação criativa. O valor central da diversidade permanece, portanto, neste campo, como um objetivo não alcançado a ser perseguido ainda mais radicalmente, questionando as dicotomias comuns que ainda persistem.

CONTEXTUALIZAÇÃO E CULTURA

Uma segunda palavra-chave unívoca para esses importantes guardiões dos estudos culturais é **contextualização**. Este é, de fato, um aspecto importante, especialmente em relação às disciplinas de humanidades centradas no texto, como a literatura, os estudos de cinema, a história da arte ou a musicologia. No entanto, é problemático enfatizar a importância da contextualização, contrastando-a com o formalismo centrado no texto, sem enfatizar, simultaneamente, a atenção que se faz necessária às formações textuais de significado. Se isso for tomado de forma unilateral, reduzem-se os estudos culturais ao seu aspecto científico-social e sua capacidade para a construção interpretativa de significados derivada das humanidades (que os torna distintos de outros ramos da sociologia ou da ciência política) se perde. O risco é simplesmente o de negligenciar-se a própria cultura como prática criadora de significado, tomando-a como algo garantido. O medo de se concentrar demais em um único texto pode levar a jogar-se fora o bebê junto com a água do banho, caso os encontros profundos com os textos sejam evitados. É fundamental reconhecer a necessidade de focar tanto o texto quanto o contexto, pois é essa dupla inter-relação com os sujeitos atuantes que deve estar no centro dos estudos culturais. Portanto, apelo para um compromisso renovado com o conceito de cultura e com os processos de interpretação, por serem esses os traços que distinguem a pesquisa cultural da pesquisa social, ou mesmo das ciências biológicas ou naturais.

Já escrevi muito sobre o conceito de cultura em outros lugares (particularmente em Fornäs, 2017). Aqui é suficiente reafirmar que o conceito hermenêutico-semiótico de cultura como prática significativa criadora de significado merece ser levado a sério. Como formadora de significado, a cultura combina dois eixos igualmente essenciais: o eixo vertical da imaginação, por meio do qual as pessoas virtualmente representam o ausente, e o eixo horizontal da comunicação, que liga textos, assuntos e contextos entre si por meio de redes de mediação e interação. Além disso, na plataforma *EJCS*, esses conceitos básicos de cultura, significado e interpretação estão surpreendentemente ausentes em minhas fontes, indicando um ponto cego central problemático ao campo. A falta de contato com a hermenêutica crítica resultou na inoportuna perda de um ponto-chave nos legados de Raymond Williams, Stuart Hall e Richard Johnson. Embora versões ‘suaves’ do pós-humanismo tenham complementado de forma valiosa as estratégias interpretativas, conferindo-lhes uma maior consciência e uma interação densa e interminável entre materialidade e significado, suas versões mais radicais e ‘duras’ ameaçam abandonar um fundamento vital para qualquer pesquisa cultural que responda por este nome.

A pesquisa em estudos culturais faz a ponte entre as ciências humanas e sociais. Seu foco na construção de significados e nos textos abre a porta para as humanidades, enquanto seu foco em práticas e contextos se vincula às ciências sociais. Vejo essa interação mais como uma oportunidade do que como uma restrição e sou, portanto, cético em relação a afirmações de alguns periódicos de estudos culturais que destacam que “não publicam análises bem feitas de textos isolados” (*JCS*), ou que “não estão interessados em publicar estudos de cultura que focalizem, exclusivamente, objetos individuais” (*EJCS*), mesmo que esses acrescentem que “consideram leituras críticas contextualizadas” (*JCS*) e que esclareçam “como objetos, práticas ou ideias são inseridos nas relações de poder” (*EJCS*). Autoidentificações negativas raramente são produtivas. Os estudos de Adorno, Benjamin,

Derrida, Butler e muitos outros têm mostrado como uma leitura atenta de obras isoladas pode realmente ser frutífera. É verdade que eles sempre contextualizam tais leituras, mas tais mandamentos proibitivos podem facilmente inibir um trabalho interpretativo inovador, e, se o textualismo unilateral é proibido, por que não banir também o contextualismo unilateral, que não se importa em como o mundo torna-se significativo e que, portanto, enquanto tendência, fica fora dos estudos culturais? Na minha opinião, os estudos culturais se tornam mais fortes ao abrirem essas portas e convidarem à curiosidade, reflexão e fertilização mútuas, em vez de se esconderem atrás de paredes firmes.

CRÍTICA E INTERVENÇÃO

Um terceiro valor básico tem a ver com a **crítica**: a busca por investigar, iluminar e questionar as normas dominantes e as estruturas de poder na cultura e na sociedade, bem como na produção do próprio conhecimento acadêmico. Nas fontes a que me refiro, a criticidade parece dominar, mas também há vozes que questionam essa obsessão de ser contrário. Uma opção é ver a crítica como apenas um dos muitos modos de ler e interpretar textos artísticos, da mídia ou sociais, complementados por modos dialógicos mais calorosos ou atentos, e de ficar alerta contra prender-se a uma hermenêutica fria e distante da suspeita (Anker e Felski, 2017; Felski, 2015; Latour, 2004). Outra sugestão é usar a ideia de crítica iminente, construída a partir de contradições internas, ao invés da aplicação de medidas normativas buscadas fora, para cultivar-se uma *crítica comunicativa* que seja reflexiva, dialógica e dialética (Fornäs, 2013 e 2017: 95-7). Em qualquer caso, o elemento crítico não deve ser tomado nem como dado nem como descartável. Expor estruturas de poder e dominação é importante, mas também é preciso ouvir vozes opostas e buscar entender o que as motiva.

Apesar de alguns defensores do pós-criticismo, ser crítico continua a ser uma virtude usual nos estudos culturais. Cada acadêmico pode, é claro, atuar em duas frentes: pesquisando e participando de ações políticas. Entretanto, a prática diária dos estudos culturais pode ou deve ser uma forma de ativismo político? Concordo com Ang e Bennett em não conceber os estudos culturais como um movimento político, mesmo que isso não deva impedir alguém de fazer *intervenções* em questões sociais e políticas. Alcançar um equilíbrio entre independência e compromisso é uma tarefa difícil, mas crucial, que exige a combinação simultânea de uma postura reflexiva crítica (para reconhecer os privilégios de classe específicos de acadêmicos e de outros intelectuais) com a determinação de estar alerta para *defender*, precisamente, essas práticas acadêmicas e artísticas contra ameaças recorrentes de forças externas políticas, econômicas ou culturais que ameaçam miná-las.

DEFENDENDO UMA AUTONOMIA INTELLECTUAL COMPROMETIDA

Não há, portanto, contradição em combinar a defesa da liberdade acadêmica com a intervenção política fora da academia. Essa defesa da autonomia intelectual é hoje pelo menos tão urgente quanto o era durante a era das cruzadas neoliberais, quando a Nova Gestão Pública ameaçou apagar essa independência. Naquela época, Pierre Bourdieu (1996 [1992]: 340-8) instou os intelectuais a “mobilizarem e criarem uma verdadeira *Internationale of intellectuals* comprometidos com a defesa da autonomia dos universos da produção cultural”, lutando por “um corporativismo do universal”, no qual os intelectuais assumem um duplo compromisso: salvaguardarem a autoridade específica e as leis para a autonomia do mundo intelectual, independente do poder religioso,

político e econômico, e, ao mesmo tempo, engajarem eficientemente essa autoridade na ação política. Essas duas posições não estão em oposição recíproca: de fato, os intelectuais podem intervir nas lutas políticas de maneira mais eficiente quando esse engajamento se baseia em regras e experiências básicas relativamente autônomas de sua prática de campo. Bourdieu (1991: 661–9) apelou para uma reflexividade crítica que permitisse aos intelectuais não monopolizarem nem abandonarem seus privilégios específicos, mas compreenderem que a razão é “um produto da história que deve ser continuamente reproduzido por meio da ação histórica, que visa garantir as condições sociais para possibilitar o pensamento racional”, e observou que eles deveriam, portanto, também “lutar pela *universalização das condições privilegiadas de existência* que tornam possível a busca do universal”. É precisamente a partir dos procedimentos específicos de seus próprios campos que estudiosos e intelectuais, em geral, podem fazer a diferença na sociedade. Os acadêmicos não deveriam se transformar em políticos, mas fazer uso de seus recursos e competências como acadêmicos, pois esta é a base para seu papel fundamental na defesa do conhecimento público e da comunicação aberta no mundo social em geral.

Posso pensar em vários desses recursos específicos ancorados em práticas acadêmicas. Um desses recursos centrais está ligado à cultura dos seminários, que é, na melhor das hipóteses, um berço de inspiração para a liberdade de expressão, mas também de respeito pelos outros, no sentido do que Chantal Mouffe (2013) chamaria de política ‘agonística’. Outro, relacionado a esse, é a norma de acesso aberto do discurso público, acessível a todos os cidadãos. A discussão colegiada para a tomada de decisões também merece ser defendida contra a racionalidade instrumental da estrutura de comando centralizada e vertical da Nova Gestão Pública. A revisão por pares tem suas dificuldades e custos, mas continua sendo importante para garantir a sustentação da liberdade acadêmica. Todos esses recursos podem ser corrompidos por estruturas de dominação

formais ou informais, mas eles têm possibilidade de contribuir como recursos essenciais para a comunicação democrática e a interação ética na sociedade em geral. Portanto, é importante defender que artistas e pesquisadores acadêmicos tenham controle sobre seus meios de produção, difusão e avaliação, para contrariar todas as formas de discriminação e qualquer esforço para aumentar o controle político externo sobre a produção de conhecimento.

Naquela época, Bourdieu via a comercialização neoliberal de práticas intelectuais como a maior ameaça à autonomia intelectual, particularmente representada por formas irresponsáveis de jornalismo midiático. Agora, trinta anos depois, os ataques da Nova Gestão Pública à liberdade acadêmica ganharam apoio adicional em meio a uma série de movimentos e regimes autoritários com motivações divergentes, mas com efeitos destrutivos semelhantes. A defesa contínua contra a comercialização neoliberal de experiências específicas e a ampliação da defesa de autonomia dos intelectuais devem ser enfatizadas para enfrentar o crescimento do nacionalismo neoconservador de extrema direita, que, também, ameaça corroer a vida intelectual e destruir toda aquela autonomia acadêmica, que, antes de tudo, permitiu a reivindicação universal de raciocinar. Os acadêmicos devem manter uma reflexividade crítica em relação aos nossos próprios valores acadêmicos, práticas e instituições, mas também devem levantar-se para defendê-los quando esses estão sob ataque. Com sua postura reflexiva e crítica, os estudos culturais devem estar na vanguarda dessa defesa, não apenas dos próprios estudos culturais, mas também de qualquer outra especialidade sob ataque, bem como de todas as ciências humanas e mesmo de toda a produção de conhecimento acadêmico.

Jornalistas, escritores, artistas e músicos têm sido perseguidos e até mortos por nacionalistas autoritários, sem qualquer respeito pelos recursos intelectuais que sustentam as democracias. De forma não menos importante, acadêmicos têm sido seriamente questionados

ou assediados. Há uma ameaça individual a cada acadêmico, mas também, em princípio, uma ameaça impessoal para todas as instituições de ensino acadêmico gratuitas e críticas. É possível identificar dois níveis de ataque interativos: (1) a confiança na ciência é minada por fenômenos tais como pós-verdade, resistência aos fatos e negação das mudanças climáticas, bem como por recusas em aceitar resultados de pesquisa sólidos em favor de sentimentos politicamente motivados e falsos rumores. Teorias da conspiração antielitistas afirmam que os acadêmicos estão por trás das notícias falsas. A desconfiança nas autoridades privilegiadas tem como alvo os intelectuais considerados desleais ao nacionalismo populista. Os neopositivistas atacam todas as formas de construcionismo, particularmente nos estudos de gênero, que são acusados de serem um centro de propaganda tendenciosa em favor da igualdade e dos direitos humanos; (2) os movimentos autoritários influenciam os regimes totalitários para encerrar programas e departamentos de ensino superior [vistos como] inconvenientes. Este já foi o destino dos estudos de gênero em vários países, inclusive da Europa Central e Oriental, e de outras disciplinas ou áreas de pesquisa, como os estudos étnicos, que também correm o risco de ser apagados. Ataques individuais violentos, verbais e físicos, a acadêmicos completam este quadro, impedindo outros de os apoiarem.

Tais ataques têm sido lançados aos estudos culturais, bem como a campos próximos a eles, como os estudos feministas, de gênero e *queer* ou os estudos pós-coloniais, étnicos e raciais, há muito tempo. Disciplinas e campos como a sociologia, antropologia, etnologia e pesquisa climática foram, da mesma forma, seriamente questionados em alguns casos. Em países do Leste Europeu, em particular, a liberdade acadêmica é prejudicada por uma parceria perigosa entre neoliberalismo e autoritarismo nacionalista, o que limita direitos e faz encerrar atividades insubmissas e críticas de qualquer tipo, pelo menos aquelas associadas ao feminismo, aos estudos de gênero e aos estudos étnicos pós-coloniais. A situação difere entre países europeus como

Polônia, Hungria, Sérvia, Croácia, Romênia, Bulgária, Rússia e Turquia, mas a tendência geral é que tais ameaças cresçam de forma constante, mesmo em países como a Suécia, com o avanço da direita fascista-populista e a liberação do extremismo ao nível da União Europeia (UE). Pressões semelhantes são, no entanto, também notáveis no Ocidente, tal como ficou claro nas tempestades de *trollagem*¹⁴ nas mídias sociais, bem como nas recentes eleições na União Europeia (UE), embora não tenham (ainda?) alcançado o apoio da maioria da opinião pública. Portanto, é hora de levar essas ameaças a sério e de começar a agir.

Há, nessa situação precária, a necessidade de refletir sobre o que deve ser defendido, como e com quais argumentos, para se estar preparado e capaz de atuar com eficiência cada vez que um novo ataque à liberdade acadêmica ou a qualquer tipo de pensamento crítico for desferido. Há diferentes aspectos envolvidos neste processo complexo – misoginia, racismo, nacionalismo e ataques contra minorias fracas, como bodes expiatórios, mas há, também, uma reação anti-intelectual geral, que é alimentada por uma reação da modernidade tardia contra as crescentes desigualdades econômicas combinada a uma desvalorização generalizada da autoridade acadêmica. Que distinções precisam ser feitas, quais fronteiras devem ser defendidas e quais devem ser atravessadas ou transgredidas? Não estou convencido pela forma como Mouffe e outros defendem uma estratégia populista de esquerda, que temo que entraria em conflito com os valores básicos do trabalho intelectual – com consequências. Entretanto, com base em que fundamentos e valores centrais poderiam ser construídas alianças com outros campos e movimentos acadêmicos? Como a pesquisa crítica e a liberdade acadêmica poderiam ser defendidas com sucesso? Todas as pesquisas que têm relevância direta para questões

14 Para melhor compreender o termo, com fronteiras não muito claras com outros termos/conceitos empregados nas mídias, sugerimos a consulta ao texto de Suely Fragoso. "HUEHUEHUE eu sou BR": spam, *trollagem* e *griefing* nos jogos on-line. Revista FAME-COS: mídia, cultura e tecnologia. Vol. 22, n. 3 (jul./set. 2015), p. 129-146. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141888>, acessado em 13/07/2022. (NDT)

políticas contemporâneas, mais cedo ou mais tarde, são atacadas. Às vezes, há um deslizamento problemático entre pesquisa e ativismo, o que pode alimentar uma resposta reacionária. Portanto, é necessário impedir que a academia caia em duas armadilhas: a relativamente menor – confundir ação acadêmica com movimentos ativistas – e a mais perigosa – fazer uso dessas tendências para condenar ou mesmo banir todo um campo do conhecimento. A tarefa dos estudos culturais, dos estudos de gênero, dos estudos étnicos e dos estudos climáticos é desenvolver uma compreensão mais profunda, que possa explicar os fenômenos sociais e culturais. É assim que os estudos críticos podem se tornar um recurso-chave no discurso político contemporâneo, sem perder seu caráter de produção independente de conhecimento.

DUAS TAREFAS

Sendo provavelmente a câmara de compensação¹⁵ interdisciplinar mais aberta e reflexiva, ostentando isso como um movimento intelectual crítico e politicamente comprometido, os estudos culturais deveriam assumir um papel de liderança e responsabilidade por tal ação de defesa. No entanto, até agora, isso raramente tem acontecido, somente com poucas exceções. Vou apenas acrescentar mais algumas palavras às minhas duas sugestões acima.

15 Trata-se de um termo relativo ao mundo das finanças – *clearing-house* ou câmara de compensação tem relação com trocas entre sistemas financeiros, bem como com segurança e confiança nas tramitações financeiras. Segundo o site *Mais Retorno*, “a Câmara de Compensação centraliza uma série de processos financeiros, permitindo também a padronização do mercado” (...), “a grande finalidade da Câmara de Compensação está em oferecer transparência, eficiência e segurança para todos os investidores que optam por negociar seus ativos, sejam eles quais forem” (...) A Câmara de Compensação é uma das entidades que compõem o Sistema de Pagamentos Brasileiro (SPB). Essa é a rede de programas, empresas e sistemas que avaliam tudo que ocorre dentro das instituições financeiras” (Disponível em: <https://maisretorno.com/portal/termos/C/camara-de-compensacao>, acesso em 13/07/2022). Nesta direção, entendemos que o autor emprega o termo como uma metáfora para se compreender o lugar que os estudos culturais ocupam no contexto acadêmico, permitindo trocas interdisciplinares mais abertas e reflexivas do que (provavelmente) outros campos disciplinares. (NDT)

(A) Em primeiro lugar, a transversalidade do campo dos estudos culturais precisa de uma **reflexividade crítica** reforçada para explicar o que é e por que é necessária como uma força motriz para a diversidade interativa, a construção de significado e a crítica comunicativa. De vez em quando, seus fundamentos conceituais precisam ser reanimados em debates renovados em seus vários fóruns. O que significa e implica chamar este campo de 'estudos culturais' e não de 'estudos sociais' ou de 'estudos críticos'? Como pluralidade pode ser combinada com coerência, contextualização com interpretações textuais, e críticas afiadas com abertura dialógica? Que tipos de combinações interdisciplinares são preferíveis e para quais finalidades? Há uma necessidade de problematizar e revisar as deficiências próprias do campo nesses aspectos, mas também de tornar visíveis suas contribuições singulares, bem como de melhorar e refinar suas práticas comunicativas e emancipatórias. Os ganhos devem ser visibilizados com a aplicação de um foco duplo dos sujeitos atuantes em interação com os textos e os contextos, das ciências humanas e sociais, da construção de sentido e materialidade. As práticas acadêmicas nas ciências sociais e humanas devem ser continuamente fortalecidas e, assim, tornadas sustentáveis e resilientes em face dos contínuos ataques fascistas. Os estudos culturais podem contribuir para a defesa geral da liberdade acadêmica tanto por sua própria exploração inventiva de práticas de vanguarda, quanto por seus *insights* particulares sobre a prática de produção de significado, interpretando formações textuais, situando-as em contextos sociais e fortalecendo a subjetividade agencial coletiva.

(B) Em segundo lugar, os atores dos estudos culturais precisam, atualmente, unir forças em **alerta máximo**, respondendo em voz alta, e muito mais rapidamente do que até agora, ao número crescente de casos em que os próprios estudos culturais ou outros campos de pesquisa correm o risco de ser regulados por autoridades políticas ou religiosas, ou mesmo apagados, sob o pretexto de proteção aos valores nacionais. Deve ser tornado público como os regimes totalitários

tornam o trabalho acadêmico crítico difícil ou mesmo impossível na Polônia, Hungria, Turquia, Rússia e China, e como nacionalistas fundamentalistas, que recusam fatos na América do Norte, na América Latina e na Europa Ocidental também estão exigindo medidas semelhantes. A cooperação internacional e interdisciplinar é necessária para ir contra qualquer enfraquecimento adicional da liberdade acadêmica. Todas as agências coletivas no campo dos estudos culturais precisam se manifestar e contribuir com iniciativas existentes e emergentes para apoiar colegas em perigo, independentemente de serem filiados aos estudos culturais ou mesmo identificados com outras posições. Dois desses exemplos são *Scholars at Risk* (www.scholarsatrisk.org/) e o *Council for At-Risk Academics* (Cara, www.cara.ngo). As universidades necessitam, de modo global, construir recursos conjuntos para a comunicação independente dos conhecimentos das ciências humanas e sociais, tanto comercialmente quanto politicamente, mais cooperando do que competindo entre si, baseadas na colaboração entre acadêmicos e comunicadores. Com sua experiência transdisciplinar e global acumulada e seu alto nível de reflexividade crítica, os estudos culturais têm a responsabilidade particular de avançar e agir para a produção de conhecimento acadêmico sustentável e resiliente.

- **Financiamento** – o autor não recebeu apoio financeiro para a pesquisa, autoria e / ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Ang I (2013) Cultural studies matters (does it?): Engaging inter/disciplinary. **Inter-Asia Cultural Studies: Movements** 14(3): 432–437.
- Anker ES and Felski R (eds) (2017) **Critique and Postcritique**. Durham, NC: Duke University Press.
- Bennett T (1998) Cultural studies: A reluctant discipline. **Cultural Studies** 12(4): 528–545.

- Bennett T (2013) The multiplication of cultural studies' utility. **Inter-Asia Cultural Studies: Movements** 14(3): 438–441.
- Bourdieu P (1991) Universal corporatism: The role of intellectuals in the modern world. **Poetics Today** 12(4): 655–669.
- Bourdieu P (1996 [1992]) Postscript: For a corporatism of the universal. **The Rules of Art: Genesis and Structure of the Literary Field**. Cambridge: Polity, pp. 337–348.
- Felski R (2015) **The Limits of Critique**. Chicago: University of Chicago Press.
- Fornäs J (2008) Bridging gaps: Ten crosscurrents in media studies. **Media, Culture & Society** 30(6): 895–905.
- Fornäs J (2013) The dialectics of communicative and immanent critique in cultural studies. **tripleC – Communication, Capitalism & Critique: Open Access Journal for a Global Sustainable Information Society** 11(2): 504–514 (<http://www.triplec.at/index.php/tripleC/article/view/504>).
- Fornäs J (2016) Trans/inter/multi: Exploring disciplinary crossroads. **Baltic Worlds In-House Edition**: 10–11.
- Fornäs J (2017) **Defending Culture: Conceptual Foundations and Contemporary Debate**. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Latour B (2004) Why has critique run out of steam? From matters of fact to matters of concern. **Critical Inquiry** 30: 225–248.
- Mouffe C (2013) **Agonistics: Thinking the World Politically**. London: Verso.

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

4

Benjamin Woo

Carleton University, Canada

ESTUDOS CULTURAIS E CULTURA REALMENTE EXISTENTE

Resumo

A tradição dos estudos culturais é uma grande tenda que é definida por *realpolitik* acadêmica e sentimentos de afinidade ou falta de afinidade, mais do que qualquer outra coisa. Esse artigo reconta minha própria inserção e profissionalização no campo dos estudos culturais e – mais particularmente – como meu relacionamento com os métodos empíricos de pesquisa mudaram ao longo do tempo. Quero argumentar e chamar atenção para a importância de permanecer enraizado na análise de experiências culturais reais de pessoas reais.

Palavras-chave: estudos culturais; empirismo; experiência; profissionalização; métodos de pesquisa.

Acho a tarefa de escrever sobre o que penso que são os estudos culturais, e onde poderiam ou deveriam chegar, mais do que um pouco assustadora, porque há, obviamente, muitos estudos culturais. Minha própria interpretação da tradição – e costumo pensar nisso como uma tradição que tem se ampliado e operado em diferentes contextos, mais do que como um campo ou disciplina – é formada pelas minhas experiências como um estudioso em lugar, tempo e esquema disciplinar específicos, pois sou canadense e tenho trabalhado sempre em instituições canadenses. Quanto ao tempo, tenho trinta e sete anos e frequentei a universidade entre os anos de 2000 e 2012. Finalmente, por mais que minha pesquisa esteja principalmente engajada com os campos interdisciplinares de estudos de quadrinhos e *fan studies*, isso aconteceu por meio do embasamento em estudos de comunicação, área em que realizei meus estudos de pós-graduação e onde mantenho meu compromisso na *Carleton University*. Meu primeiro contato com o trabalho de estudos culturais foi em estudos cinematográficos e sociologia, duas disciplinas da graduação, das quais a primeira apelava à teoria social, e a outra voltava-se à cultura, cada uma tentando preencher o ‘centro ausente’ de Perry Anderson (1968: 12, 55-6), da mesma maneira que os críticos literários pós-Leavisianos¹⁶ pensaram em fazer sociologia de outras maneiras por meio da leitura de experiências cotidianas. Creio que eu ainda não conhecia isso *como* estudos culturais; eram apenas os textos que eu gostava mais de ler nessas aulas. Em vez disso, como resultado da minha localização geográfica, temporal e disciplinar, os ‘estudos culturais’ primeiramente surgiram como um dos dois caminhos para eu escolher na pós-graduação.

Naquela época, muitos departamentos de estudos de comunicação no Canadá ainda lidavam com as consequências de uma crise na identidade disciplinar. A narrativa no nosso programa era de que nós éramos líderes no paradigma crítico-político-econômico de

16 Expressão utilizada em referência ao crítico literário F. R. Leavis ou ao seu trabalho. Ver leavisianismo (NDT).

comunicação, até então dominante, mas que a nova geração de professores contratados teria mudado o foco para (dun! DUN! *DUN!*)¹⁷ estudos culturais. Se isso era um final feliz para um conto de fadas ou o desdobramento de uma tragédia, dependia de quem estava contando a história. Para ser honesto, ainda me sinto um pouco perdido nos detalhes, pois na prática ‘estudos culturais’ geralmente parecem estar relacionados à identidade, levando a tradições teóricas que não o Marxismo, ou em orientação amplamente humanística – ou seja, qualquer coisa que não fosse economia política. Em outras palavras, esses ‘estudos culturais’ eram essencialmente uma facção, uma das gangues lutando por território intelectual. Como eu pretendia escrever minha tese sobre representações de identidade nacional em histórias em quadrinhos canadenses, parecia que aquele era o lugar mais natural para o que eu queria fazer – e lancei minha sorte com eles.

Ao olhar para trás, acho que o atrativo dos estudos culturais foram o seu conceito abrangente de cultura e a justificativa que eles forneciam para pesquisar as coisas pelas quais me interessava, sem me preocupar, à primeira vista, com a sua ‘importância’. Se a cultura é um modo de vida inteiramente estruturado pela dominação, então, não apenas qualquer coisa que chamasse minha atenção poderia ser objeto de consideração acadêmica, mas também poderia, se olhada da maneira certa, se abrir para questões mais profundas. E, realmente, os interesses apresentados entre meus colegas de estudos culturais variavam entre bicicletas ergométricas, filmes de terror japonês, comédia *stand-up* e os cadáveres plastinados das exposições do *Body Worlds*. Sabíamos que estávamos unidos a partir do entendimento (como tenho aprendido que quase todos em uma universidade estão) de que éramos desconsiderados pelos poderes vigentes. Sabíamos que fazíamos estudos culturais – só tínhamos que descobrir o que queríamos com aquilo. Iniciamos com um grupo de leituras e, a seguir, com uma

17 Conforme texto original. Seria algo equivalente “ao nosso” “tchan, tchan, tchan, tchaaaaan!”, interjeição de suspense (NDT).

série de seminários eventuais que – apenas de forma quase irônica – chamávamos de Laboratório de Estudos Culturais (*Cultural Studies Lab*). Minha compreensão acerca da complexa e multifacetada tradição intelectual que nós chamamos de estudos culturais era esquecida naquelas discussões, por mais que eu estivesse fortemente influenciado pelo maravilhoso *Cultural Marxism in Postwar Britain*, de Dennis Dworkin (1997). Então aqui está a minha – assumidamente idiossincrática – tentativa de definir estudos culturais: estudos culturais são uma ciência teórica e metodologicamente católica¹⁸ de experiência.

Suspeito que meu aceno à diversidade intelectual não vá impressionar. O trabalho que mais admiro não é restrito a ortodoxias rígidas, pois se baseia em vários paradigmas e estruturas das humanidades e das ciências sociais interpretativas, passadas e presentes, transformando-as, quando necessário, para atender às necessidades atuais. Trata-se de uma prática criativa e sintética, até mesmo improvisada, que começa com problemas e questões e depois procura pelos instrumentos necessários para atribuir significados a eles, onde quer que possam ser encontrados.

Você pode discordar de minha valorização da experiência em relação a identidade, resistência ou hegemonia, para dar nome a outras opções, mas é obviamente um dos *leitmotifs* da tradição. Não o apelo conservador à sabedoria dos anos ('experiência passada'), mas o que Raymond Williams (1983:126) descreveu como 'um tipo específico de consciência' no presente. Experiência, nesse sentido, é localizada no espaço entre o individual e o coletivo, entre o subjetivo e o objetivo e entre o que nós sabemos e o que nós podemos dizer, e interpretar isso tem sido o palco central do projeto de estudos

18 Traduzimos 'católico', aqui, no sentido de 'universal', 'geral', tal como consta no Dicionário Webster. Disponível em: Catholic Definition & Meaning – Merriam-Webster, acessado em 06 de julho de 2022 (NDT).

culturais. Por exemplo, no texto *Two Paradigms*¹⁹, Stuart Hall observa que, para os 'culturalistas', o motivo de estudar cultura era "aprender como as interações entre todas essas práticas são vividas e experimentadas como um todo" (1980: 60), e, na introdução para o *Back to Reality*, Angela McRobbie (1997: 1) escreve sobre "o compromisso para entender a experiência social de cultura, a maneira como cultura é vivida e o uso da cultura como uma estrutura para a articulação da experiência". Para mim, a tarefa dos estudos culturais é entender como o mundo da experiência imediata – a definição 'antropológica' de cultura – é continuamente recriado na intersecção das forças sociais, econômicas e históricas, e como tais forças relativamente abstratas são registradas e interpretadas pelas pessoas como 'experiência vivida', bem como os efeitos materiais de ambos os processos.

Não, presumo que seja meu uso do termo 'ciência' que possa lhe causar estranheza. Afinal, os estudos culturais não foram sempre opostos ao cientificismo, positivismo e o meramente empírico? Na realidade, pesquisadores de estudos culturais têm assumido uma série de posições diferentes na pesquisa empírica com o passar dos anos, desde o realismo romântico ao ceticismo e relativismo (ver Grossberg, 1993). No entanto, a pesquisa empírica foi certamente crucial para extrair o conceito de agência de audiência a partir de estereótipos de 'idiotas' e 'ingênuos' não reflexivos e passivos (Ang, 1985; Jenkins, 1992; Morley, 1986; Morley and Brunson, 1999; Radway, 1984), e a pesquisa de audiência continua a mais insistentemente empírica das atuais pesquisas do campo (Ang, 1991; Drotner, 1994; Nightingale, 1993, 1996, 2012). Naqueles tempos, os compromissos empíricos dos estudos culturais eram em sua maioria honrados na violação, como nos estudos de caso 'etnográficos' de *Resistance through Rituals* (Hall e Jefferson, 2006), que dependiam mais de leituras criativas de letras de música e artigos de jornais do que

19 Em português, HALL, Stuart. Estudos Culturais: dois paradigmas. In _____. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org.). Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003 (NDT).

de trabalho de campo, mas estavam lá. Esse é o ponto em que eu gostaria de insistir. Levar a vida cotidiana a sério significa realmente prestar atenção no que está acontecendo no dia a dia das pessoas. Então, acho curioso que – não obstante a crítica de Thompson (1978) – os estudos culturais tenham se tornado tão identificados com a teoria, quando *experiência* e *empírico* nascem de raízes comuns.

Recordo vividamente uma reunião do nosso grupo de leitura na qual o texto discutido era um artigo, deste mesmo periódico²⁰ (Brooker, 2007), sobre fãs de televisão que visitaram Vancouver, British Columbia, para encontrar locais de filmagem associados a shows como *The X-Files*, *Smallville*, e *Battlestar Galactica*. Com base na teoria urbana e em suas próprias observações como um fã turista, Brooker argumentava que Vancouver era uma 'não-cidade' plana e anônima, na qual os fãs projetavam seus próprios mapas imaginários. Embora estivéssemos estudando em Vancouver, apenas um de nós havia crescido lá, e ele discordou do artigo: como alguém poderia viajar para a cidade por alguns dias e, com base nisso, decidir que aquele local não tinha identidade, história ou significado? Ele relatou sua experiência da cidade contra os argumentos teóricos de Brooker, e este último parecia desmoronar na frente dos meus olhos. Essa discussão me impressionou bastante, preparando-me, a seguir, para a leitura do ensaio de Martin Barker (2003) *Assessing the quality on qualitative research* e para a descoberta do infinitamente inventivo *Comics: Power Ideology and the Critics*, de Barker (1989). Usei o argumento de Justin Lewis (1997) para abordar quantificação e generalização, e a tentativa de Sonia Livingstone (1997) de fornecer uma correção da direção para os estudos culturais sobre audiências - e logo eu estava devorando livros como *The Sage Handbook of Cultural Analysis* (Bennett e Frow, 2008). A metodologia se tornou um tópico permanente de discussão em nosso pequeno círculo de estudos culturais,

20 O autor faz referência, aqui, ao texto de Brooker (2007), também publicado no *International Journal of Cultural Studies* (NDT).

e métodos de pesquisa começaram a servir como uma língua franca. A conversa sobre método era algo que nós podíamos compartilhar com os colegas fora da nossa própria gangue – método importa para a economia política, ciência e estudos tecnológicos, comunicação da saúde e estudos jornalísticos também. Estávamos olhando para objetos diferentes e tínhamos nossas próprias sensibilidades quando se tratava de teoria, mas cada um de nós lidava com os mesmos problemas metodológicos: escolher estudos de caso e fontes de dados; selecionar métodos para a coleção e análise de dados; lidar com relações éticas com temas de pesquisa; saber se há material empírico suficiente; organizar e interpretar aquele material; e descobrir qual história você pode contar com base em seus achados. Não posso dizer que todos nos tornamos *nerds* de método, embora alguns de nós certamente tenham se tornado. Entretanto, o empirismo era compreendido como um palavrão quando comecei meus estudos.

Frequentemente penso sobre como nós, acadêmicos, preservamos os modismos intelectuais de nossos próprios processos formativos e os reproduzimos em nossos estudantes, tal como dinossauros clonados a partir de um mosquito no âmbar. Durante os meus anos de graduação, na primeira metade dos anos 2000, os professores que mais me impressionaram e que primeiro moldaram o que eu faria na minha pesquisa, foram aqueles que ainda estavam operando sob o arco pós-moderno. Nas aulas obrigatórias de teoria sociológica, por exemplo, me ensinaram a suspeitar do que eu estava aprendendo em aulas obrigatórias sobre métodos de pesquisa. Deveria acreditar nesse eminente filósofo francês ou em meus olhos enganadores? Poder e saber estavam tão profundamente interligados que reivindicações para o conhecimento objetivo eram irremediavelmente ingênuas ou uma justificação *post-hoc* de relações sociais opressivas; apelar para como as coisas 'são' na realidade empírica seria apenas revelar você como um caipira pouco sofisticado, que não sabia que o mundo é uma construção social e que todas as reivindicações sobre isso são contingentes do ponto de vista de alguém.

Há muito, valorizo essas críticas às atitudes não reflexivas a respeito da produção de conhecimento que está sendo chamada de positivista ou empirista. É, indubitavelmente, verdade que o 'cientificismo' lavou os privilégios e regalias da elite às custas de terceiros, assim como outras formas de conhecimento foram tornadas 'senso comum' ou 'tradição', e as instituições de ciência têm sido cúmplices de abusos escandalosos ou de coisas piores. Muito frequentemente, a ciência e seus defensores ignoraram os conhecimentos de quem eles não se importavam em conhecer. Eles sabiam o que viam quando olhavam para o mundo; então, eles não escutavam mais ninguém. Mas não acho que o remédio para esses problemas seja se afastar da realidade em direção a uma prática (meta)teórica confusa, que é mais poética que probatória, em direção àquela versão dos estudos culturais caracterizada como "virtualmente incapaz de tocar o chão, de realmente se engajar com as práticas sociais" (McRobbie, 1997: 3). É, sim, trazer mais vozes para o diálogo, permanecer ancorado na experiência e criticamente engajado com ela – não uma 'Experiência' universalizada, mas as experiências concretas de pessoas reais que tiveram experiências bem diferentes das minhas próprias experiências. McRobbie questiona se os estudos culturais "podem (...) responder às críticas provando ser mais do que capazes de fazer o trabalho empírico de base sem sucumbir a uma prática estreita, localizada e pouco teorizada?" (1997:3). Eles podem, em outras palavras, ser empíricos sem se tornar empiristas? Podem! E eu acho que devem!

Quando leciono estudos de audiência e recepção, sempre começo a aula avisando aos meus alunos que eles estão entrando em uma das áreas mais desafiadoras da mídia, comunicação e estudos culturais – não a mais interessante, difícil ou importante (embora tenha problemas interessantes e difíceis), mas a mais *desafiadora*, no sentido de *frustrante*. Particularmente, estudos de audiência e recepção não podem ignorar pessoas, e as pessoas são imprevisíveis, estranhas e, inevitavelmente, perturbam nossos próprios entendimentos de como as

coisas significam e de como elas funcionam. Para colocar de outra maneira, prestar atenção nas pessoas reais em situações reais ajuda a nos proteger de dois perigos epistemológicos para o trabalho de estudos culturais, assegurando que a 'cultura' que nós estudamos é uma cultura que realmente existe, e não uma leitura fictícia das representações em trabalhos culturais, nem simplesmente são nossas próprias opiniões lavadas através das palavras de outros. *Experiens*, uma das raízes latinas de que derivam as palavras *experiência* e *experimento*, significa testar ou tentar, e o trabalho empírico pode ser ambos, mas pode também significar que existe a possibilidade de ser surpreendido e encantado por descobertas que você não sabia que estava procurando. Tal como o meu amigo Bart Beaty tem destacado, se você é um pesquisador Lacaniano e se propõe a performar uma análise Lacaniana de um texto, você vai descobrir que Lacan sempre funciona. Isso não é para atacar os Lacanianos; sintá-se livre para substituir por qualquer outra escola cuja grande teoria consegue compartimentalizar e explicar tudo de maneira inteligível. Você não preferiria ver o mundo – aquele mundo humano das experiências cotidianas sociais encapsuladas no slogan 'cultura é comum' – cheio de acontecimentos estranhos e maravilhosos, de enigmas para serem desvendados e problemas a serem investigados?

Espero que esteja claro que não estou advogando por um tipo de estenografia social que meramente derrube e reinterprete o que nós vemos e o que as pessoas nos falam. Teoria é ainda absolutamente essencial para a interpretação e explicação, mas teoria é melhor e mais forte quando tem materiais ricos sobre os quais teorizar. Penso sobre muitos trabalhos nas áreas onde sou mais atuante que têm me impressionado recentemente: a entrevista de Miranda Campbell (2013, 2018) com jovens criativos e trabalhadores ou a pesquisa de Li Cornfeld (2018) sobre modelos promocionais em feiras; a procura de Margaret Galvan nos arquivos para reconstruir o contexto que impulsionou a carreira do cartunista Alison Bechdel (2018); Sasha Bassett (2019), compartilhando os resultados de sua pesquisa com criadores de livros de história

em quadrinhos, como um ato de uma bolsa de estudos compromissada e politicamente engajada; e Rebeca Wanzo (2015), Rukmini Pande (2018) e as chamadas de Alfred Martin (2019), para prestar atenção em como tanto fãs de mídia quanto acadêmicos que estudam essas mídias têm negligenciado a compreensão da experiência de raça. Esses trabalhos compartilham de um profundo investimento em entender como os processos sociais funcionam do ponto de vista de outros participantes, aprendendo com uma gama de campos e disciplinas, e uma vontade de desafiar narrativas herdadas. Esse tipo de pesquisa teórica e empiricamente engajada é, para mim, a promessa de estudos culturais que não constituem apenas um vínculo frágil na luta por recursos na universidade, mas uma ativa e vibrante tradição intelectual.

- **Financiamento** - o autor não recebeu nenhum suporte financeiro para a pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Anderson P (1968) Components of the national culture. **New Left Review** 1(150): 3–57.
- Ang I (1985) **Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination**. London: Methuen.
- Ang I (1991) **Desperately Seeking the Audience**. London: Routledge.
- Barker M (1989) **Comics: Power, Ideology, and the Critics**. Manchester: Manchester University Press.
- Barker M (2003) Assessing the 'quality' in qualitative research: The case of text-audience relations. **European Journal of Communication** 18: 315–335.
- Bassett S (2019) Comics workforce study 2019. Available at: <https://sites.google.com/view/cws2019> (accessed 1 December 2019).
- Bennett T and Frow J (2008) **The SAGE Handbook of Cultural Analysis**. London: Sage.
- Brooker W (2007) Everywhere and nowhere: Vancouver, fan pilgrimage and the urban imaginary. **International Journal of Cultural Studies** 10(4): 423–444.

- Campbell M (2013) **Out of the Basement: Youth Cultural Production in Practice and in Policy**. Kingston and Montreal: McGill-Queen's University Press.
- Campbell M (2018) 'Shit is hard, yo': Young people making a living in the creative industries. **International Journal of Cultural Policy**. Epub ahead of print 26 November 2018, doi: 10.1080/10286632.2018.1547380.
- Cornfeld L (2018) Babes in tech land: Expo labor as capitalist technology's erotic body. **Feminist Media Studies** 18(2): 205–220.
- Drotner K (1994) Ethnographic enigmas: 'The everyday' in recent media studies. **Cultural Studies** 8(2): 341–357.
- Dworkin D (1997) **Cultural Marxism in Postwar Britain: History, the New Left, and the Origins of Cultural Studies**. Durham, NC: Duke University Press.
- Galvan M (2018) The lesbian Norman Rockwell: Alison Bechdel and queer grassroots networks. **American Literature** 90(2): 407–438.
- Grossberg L (1993) Formations of cultural studies: An American in Birmingham. *In*: Blundell V, Shepherd J and Taylor I (eds) **Relocating Cultural Studies: Developments in Theory and Research**. London: Routledge, pp. 21–66.
- Hall S (1980) Cultural studies: Two paradigms. **Media, Culture & Society** 2(1): 57–71.
- Hall S and Jefferson T (2006) **Resistance through Rituals: Youth Subcultures in Post-war Britain**, 2nd ed. London: Routledge.
- Jenkins H (1992) **Textual Poachers: Television Fans and Participatory Culture**. New York: Routledge.
- Lewis J (1997) What counts in cultural studies. **Media, Culture & Society** 19(1): 83–97.
- Livingstone S (1998) Audience research at the crossroads: The 'implied audience' in media and cultural theory. **European Journal of Cultural Studies** 1(2): 193–217.
- Martin AL Jr (2019) Fandom while black: Misty Copeland, *Black Panther*, Tyler Perry and the contours of US black fandoms. **International Journal of Cultural Studies** 22(6): 737–753.
- McRobbie A (1997) Introduction. *In*: McRobbie A (ed.) **Back to Reality? Social Experience and Cultural Studies**. Manchester: Manchester University Press, pp. 1–4.
- Morley D (1986) **Family Television: Cultural Power and Domestic Leisure**. London: Comedia.

- Morley D and Brunson C (1999) **The Nationwide Television Studies**. London: Routledge.
- Nightingale V (1993) What's 'ethnographic' about ethnographic audience research? *In*: Turner G (ed.) **Nation, Culture, Text: Australian Cultural and Media Studies**. London: Routledge, pp. 164–177.
- Nightingale V (1996) **Studying Audiences: The Shock of the Real**. London: Routledge.
- Nightingale V (2012) Media ethnography and the disappearance of communication theory. **Media International Australia** 145(1): 94–102.
- Pande R (2018) **Squee from the Margins: Fandom and Race**. Iowa City: University of Iowa Press.
- Radway J (1984) **Reading the Romance: Women, Patriarchy, and Popular Literature**. Chapel Hill, NC: University of North Carolina Press.
- Thompson EP (1978) **The Poverty of Theory and Other Essays**. London: Merlin Press.
- Wanzo R (2015) African American acafandom and other strangers: New genealogies of fan studies. **Transformative Works and Cultures** 20, Doi: 10.3983/twc.2015.0699.
- Williams R (1983) **Keywords: A Vocabulary of Culture and Society**. New York: Oxford University Press.

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

5

Sarah Murray

University of Michigan, USA

ESTUDOS CULTURAIS PÓS-DIGITAIS

Resumo

Com o que os estudos culturais pós-digitais deveriam parecer? Identificar economias de atenção é fundamental para o estudo de mídia e de cultura. Clamando para um renovado foco em atenção como poder, este artigo combina três lições há muito estabelecidas nos estudos culturais, com três exemplos de imersão digital contemporânea: *deepfakes* e [outras formas de] mídia manipulada; cultura algorítmica e *digital afterlife industry* [indústria de vida digital após a morte]. Ao fazer isso, as questões críticas que impulsionam os estudos culturais sempre emergem como relevantes em uma paisagem pós-digital e de pós-verdade.

Palavras-chave: cultura algorítmica; atenção; estudos culturais; *deepfakes*; indústria de vida digital após a morte; teoria do cotidiano; estudos pós-digitais.

O estudo da *atenção* no mundo pós-digital da pós-verdade é um ato urgente e político para o qual os estudos culturais permanecem inequivocamente pertinentes. Nos anos iniciais da escola de Birmingham, muitos projetos chamaram a atenção, implicitamente, através de análises de classe e construção de conhecimento – *Learning to Labour* (Willis, 1977) – ou por darem visibilidade a críticas de gênero, tais como *Women Take Issue* (Women’s Studies Group, 1978). Em especial, *Policing the Crisis* (Hall et al., 1978) é um livro sobre a percepção de quais formas de atenção são dadas a quem, em um determinado momento histórico, e de como certos modos de atenção proliferam. Stuart Hall, Charles Critcher, Tony Jefferson, John Clarke e Brian Roberts usam o pânico de assalto dos britânicos para mostrar como “uma imagem e um conjunto de relações” são condensadas e redistribuídas na produção do crime ‘real’ (Horton, 1979). As pré-condições para a geração do pânico de assalto foram produzidas onde se prestou atenção (interesse da aplicação da lei britânica em publicidade), por quem (uma imprensa ávida), na forma como a atenção se trasladou (o pino quadrado das relações sociais americanas urbanas e racializadas se encaixa no furo redondo dos tons diferentemente racializados e colonialistas da Grã-Bretanha) e na forma como algumas populações têm menos controle sobre atenção indesejada ou não examinada (juventude negra britânica).

Os estudos culturais são encarregados de identificar as relações entre a prática cultural (tanto as comuns quanto as excepcionais) e as estruturas de influência e controle em qualquer conjuntura histórica considerada (Turner, 2003). Mesmo na época em que este não-campo era uma formação suficiente para justificar uma reflexividade crítica medida, Hall (1992) já havia rejeitado a ideia de que os estudos culturais *britânicos* – ou quaisquer estudos culturais – fossem o “guardião da consciência” de um campo. Resistência ao cânone à parte, há consistência entre os estudos tidos como textos definidores: eles estão preocupados com a natureza cuidadosa ou não de como a atenção é construída, direcionada, gerenciada, redirecionada

ou cooptada²¹. Os pesquisadores de mídia há muito consideram a atenção uma mercadoria escassa. A atenção *sempre* alimentou a vida social, o progresso econômico (individual e institucional) e os movimentos políticos. Ainda assim, é geralmente aceito que as condições de produção, distribuição e acesso em uma paisagem pós-digital mudam a natureza de como a atenção é praticada, dada, mostrada, colocada em circulação e recebida. Nesta conjuntura, a mecânica de atenção e sua fértil política – a atenção é limitada e competitiva, fluida e constantemente móvel, segmentada, hiperpessoal, automatizada e descentralizada – são fundamentais para entender como a mediação digital cotidiana confere visibilidades²².

Em meus estudos culturais, então, o objetivo é antigo e não precisa ser modificado: criticar o poder como *relações de atenção* e identificar essas relações embutidas na cultura como um modo de vida. A seguir, me envolvo com três lições de estudos culturais que relaciono a três exemplos de mídia digital, os quais fazem novas demandas à nossa atenção como acadêmicos e audiências²³. A cultura digital é um mundo com o qual os estudos culturais têm relações instáveis, para usar um termo útil da teoria feminista. Com uma tendência à efemeridade, aceleração, confusão sobre a materialidade e com múltiplas camadas de significação (infraestrutura, interface, conteúdo), a mídia digital pode parecer em desacordo com um não-campo que leva a sério “o que vestimos, ouvimos, assistimos e comemos” (Turner, 2003: 2). No entanto, agora, mais do que nunca, nossa atenção é guiada por digitalidades: o que vestimos é sensível aos nossos corpos móveis rastreados; o que ouvimos é intimamente pessoal; o

21 Veja-se, por exemplo, Raymond Williams, *Marxism and Literature* (1977), ou Charlotte Brunsdon, 'On being made history' (2015). A dívida dos estudos culturais ao (pós-)estruturalismo europeu (Barthes, Foucault) e Marxismo (Gramsci) baseia-se em questões compartilhadas sobre como o poder é construído e sustentado por meio de relações de atenção.

22 Dois exemplos excepcionais de como a atenção concede visibilidade na vida pós-digital são *Algorithms of Oppression*, de Safiya Noble (2018) e *Automating Inequality*, de Virginia Eubanks (2018).

23 *Audiência e atenção* compartilham as mesmas raízes etimológicas [sic].

que assistimos é guiado por um software adaptado aos nossos gostos individuais e o que comemos é servido por economias gigantes²⁴ e painéis elétricos inteligentes.

LIÇÃO #1: BUSCANDO O PROFUNDO NO DEEPPFAKE; OU, A VERDADE NÃO TEM SIDO GARANTIDA E NUNCA SERÁ

Estudiosos da mídia crítica despendem muito tempo desvendando a relação entre realidade e representação. Em meio ao temor da dissolução de padrões sociais amplamente aceitos para medir a veracidade – a alegada chegada de um mundo pós-verdade –, não há melhor momento para usar este corpo de conhecimento. Pondo de lado, por um momento, a ousadia do termo *pós*, os estudos culturais são uma disciplina construída sobre a avaliação de como as verdades são formadas na e por meio da representação. Por verdade, quero indicar as forças em ação que guiam as relações de atenção para aquelas palavras-chave às quais voltamos sempre: articulação; interpelação; interpretação e identificação. O nosso campo é constituído sobre a evocação de verdades construídas – audiências como formas de ver, textos polissêmicos, notícias como um significante flutuante. Essa memória física deve nos guiar na crítica das inúmeras maneiras pelas quais a atenção e a verdade se tornaram perigosamente ligadas, de formas familiares, mas novas, por meio de políticos que tuitam com naturalidade, de fábricas de *fake news* na Macedônia, e do foco particularmente sinistro desta primeira lição, o *deepfake*.

24 Um mercado de trabalho caracterizado pela prevalência de contratos de curta duração ou trabalho como *freelance* em oposição a empregos permanentes. A expressão poderia significar a forma como aquilo que comemos é cada vez mais efeito/fruto da circulação de mercadorias (incluindo alimentos de todas as ordens) em escalas globais (por grandes corporações ou países) ou mesmo efeito de produção de agricultura em larga escala ou “industrial”/monocultura, com seus consequentes usos de sementes modificadas (transgênicos), agrotóxicos e patentes de determinadas plantas, por exemplo, com consequente redução da diversidade, para se dizer o mínimo. (NDT)

No outono de 2019, o Facebook lançou o *Deepfake Detection Challenge*, uma chamada global para colaboração a fim de “acelerar o desenvolvimento de novas tecnologias para a detecção de *deepfakes* e mídia manipulada” (Pesenti, 2019). O *deepfake* usa inteligência artificial para sintetizar imagens humanas no vídeo de origem, a fim de fazer os indivíduos dizerem ou fazerem virtualmente qualquer coisa²⁵. Corpos de figuras públicas conhecidas são fundidos, tornando a personificação reconhecível no vídeo; após um exame mais atento, a humanidade fica borrada nas bordas. Esse controle de fantoches foi usado para gerar vídeos sobre tudo, desde uma entrevista falsa com Putin a grandes *spoilers* de TV para atrair CEOs da tecnologia para que admitam acumular dados de seus usuários. Embora ainda seja relativamente detectável para o espectador mais exigente (por enquanto), o *deepfake* é um exemplo alarmante de um tipo de verdade que circula *online*; ele é a representação de uma série de cortes e recortes estranhos que imitam vozes confiáveis, expressões faciais, padrões de fala e ambientes familiares de fundo.

A manipulação é parte integrante da narrativa de mídia. O *deepfake* é, principalmente, uma tecnologia de edição de vídeo que certamente tem precedentes históricos. A ilusão do cinema foi possibilitada pela edição. A relação da transmissão com a vitalidade mitificou um enquadramento do mundo destinado a ser considerado objetivo e centrado. A fotografia – literalmente, a captura de uma semelhança – é uma arte inerentemente obediente (cortar, recortar, misturar, pincelar). E, como seus contemporâneos *fake news*, o *deepfake* é sintomático de uma espécie de representação que circula na era pós-digital, que começa com a intenção de enganar. Uma vez que *deepfakes* visam obscurecer o real ou, pelo menos, substituir uma realidade por outra, eles criam possibilidades totalmente diferentes de interpretação. Se a relação problemática

25 Veja-se, por exemplo, um exemplo brasileiro de vídeo em que o vetusto apresentador Sílvio Santos (dono da rede de televisão SBT) ‘falsamente’ apresenta o *Jornal Nacional* (da Rede Globo de Televisão) no lugar de seu apresentador Willian Bonner – Disponível em: [deepfake](#), acesso em 27 de setembro de 2021 (NDT).

da transmissão com a representação provinha de sua sugestão de uma verdade objetiva, a relação problemática do *deepfake* é sua disposição de tornar objetiva qualquer Verdade que você esteja procurando.

O *Deepfake Detection Challenge* (DDC) do Facebook é um apelo para lutar contra a inteligência com inteligência. Ao construir bancos de dados que detectam o que é real e o que não é, as equipes combatem a “mídia adulterada” com verossimilhança: “para detectar as pequenas imperfeições em uma imagem adulterada e expor sua representação fraudulenta da realidade” (Torralba, citado em Schroepfer, 2019). Embora o DDC certamente pretenda atingir os engenheiros de software com seu incentivo ao desafio, se os estudiosos dos estudos culturais estivessem na linha de frente dessa batalha épica contra a desinformação, que lições eles poderiam fornecer primeiro?

O objetivo do DDC é focar o *falso* no *deepfake*, mas e se o foco estivesse mais ao *fundo*? Seguindo o intercâmbio produtivo de André Brock (2015) e Lori Kendall sobre a política de estudar dados *mais profundos*, o profundo é um acordo para considerar os processos ideológicos subjacentes em ação que afetam a mobilidade, o impacto e as nuances da mediação digital. Semelhante à descrição densa de Clifford Geertz (1973), o profundo chama a atenção para a natureza do texto, para a profundidade de seu percurso e para as possibilidades complexas de sua recepção. Ao fazer isso, atinge o cerne do letramento midiático e as questões de veracidade, circulação e audiência, que são o ‘conhecido conhecido’ dos estudos culturais (Srinivas, 2019).

O perigo do *deepfake* não está tanto na qualidade do que foi falsificado, mas em suas frenéticas rotas de disseminação e interpretação imprevisível. Lançado na selva de notícias efêmeras e de atualização rápida, e nos *feeds* sociais com medidas quantificadas em impressionantes frações de segundo, o *deepfake* é um artefato sintomático de grande parte da apresentação da cultura digital e da *recepção voluntária* de verdades. Com isso, quero dizer que o *deepfake* atende a relações

de atenção que são surpreendentemente subjetivas, transformadas em armas e contingentes. Em um mundo pós-COVID 19, a magnitude da desinformação é literalmente uma questão de vida ou morte. Se a pandemia global do século 21 nos ensinou alguma coisa é que disseminar a verdade é algo semelhante a gritar no vazio. Felizmente, um foco no profundo recentra os estudos críticos em torno do que impulsiona nossa relação com as verdades: entre outras coisas, esta é uma interação complicada entre estratégias de sobrevivência, necessidade econômica (ou seja, adolescentes em países em desenvolvimento estão construindo *deepfakes* com verdades vendáveis, como um meio para um fim) e as possibilidades de validação de recepção (ou seja, de se encontrar em um vídeo o que se espera que seja verdade).

Em suma, não é necessário conhecer as especificidades técnicas sobre como o *deepfake* é produzido para estudar como sua realização e distribuição expõem velhas e familiares questões. Em vez de perguntar “Você consegue identificar uma falsidade?”, os estudos culturais deveriam perguntar: “Você consegue identificar onde as verdades estão vulneráveis (dica: elas estão sempre nos olhos e na boca); para onde essa versão da verdade viajará e pousará; e quem vê sua verdade representada, mergulhada no ‘espectro das tipificações’ (Gates, 2018) que perduram e guiam significados?”

LIÇÃO #2: OS ALGORITMOS SÃO OS NOVOS JEANS; OU A CRÍTICA AINDA REQUER AMAR E/OU PRECISAR DO SEU OBJETO

Um dos pilares dos estudos culturais é o comum, o cotidiano, o popular. Examinamos a autoridade incorporada e reconhecida que o comum detém para orientar a existência rotineira (Turner, 2003: 2). Enfrentamos dois desafios ao estudar o cotidiano e como o popular

há muito vem sendo submetido a críticas teóricas e metodológicas: primeiro, a banalidade dos objetos estudados e sua subsequente capacidade de falar com o poder; segundo, o posicionamento crítico do pesquisador e a proximidade a seus objetos. Podemos estudar algo de que estamos tão próximos, tão dependentes e, ocasionalmente, algo que nos apaixona? Em um mundo pós-digital, poucos objetos culturais parecem mais comuns do que o algoritmo. Os vídeos do YouTube e os artigos sobre tecnologia ressaltam que os algoritmos estão por toda parte – ocultos, penetrantes, tendenciosos e emponderando inúmeros aspectos da organização do dia a dia. Culpamos e elogiamos o algoritmo, presumimos sua existência discursiva e material como a pedra angular da internet, e lhe atribuímos uma autoridade determinística, quando os processos tecnológicos são caixas-pretas ou estão além da compreensão popular ('é o algoritmo!')²⁶.

Alimentando os mecanismos de recomendação de plataformas de *streaming* populares, os algoritmos têm sucesso quando eles mostram (Dayan, 2013), quando eles oferecem conhecimento aos usuários. Confiamos às plataformas o ato de elogiar; por sua vez, nos deslumbramos ao sermos devida (ou indevidamente) nelas saudados. Alguns escrevem sobre esse fenômeno como assustador, enquanto outros apontam para a realização de um encontro, para o satisfatório reconhecimento de que a Netflix me conhece 'melhor do que eu mesmo'²⁷. Os sistemas de recomendação expressam como nossos afetos são atrelados aos processos computacionais, o que Robert Prey (2018) chama de individualização algorítmica. Como ocorre em muitas relações íntimas de atenção, quanto mais se dá, mais se recebe. Como nós fornecemos

26 Os mal-entendidos gerais sobre algoritmos e suas funções precisas nos processos computacionais reforçam esse empoderamento. Estou preocupada aqui com conjuntos de códigos de instrução que incorporam o aprendizado mecanicamente e, ao fazer isso, são programados para ajustar seus objetivos com base em como os usuários interagem com eles.

27 A mídia de entretenimento é um exemplo conveniente, mas a classificação e recomendação algorítmicas fundamentam muitos processos diários, desde a apresentação de manchetes de notícias agregadas e compras online para o planejamento de tráfego e rotas, até a compra e preparação de alimentos e ciclos de sono.

mais dados, o discurso de descoberta é desenvolvido pelas plataformas de mídia para explicar a qualidade mágica dessa atenção.

Como podemos estudar esse objeto agora comum? Nos estudos culturais, o jeans há muito é um símbolo de como os indivíduos negociam as liberdades e as limitações da cultura popular. Os jeans representam, para muitos, os objetos do dia a dia que demonstram como participamos de ciclos de cumplicidade e resistência sujeitos a classe, gosto, trabalho, economia e afeto. De modo semelhante a como ainda compramos jeans rasgados, de cintura alta, adequados à nossa própria imagem, convidamos para nossas vidas a similar e banal funcionalidade do algoritmo. Comprometer-se com o filme recomendado para você em uma plataforma, é um voto de confiança em que o algoritmo se encaixará. Assim, é possível utilizar para este objeto (o algoritmo), as perguntas que faríamos a qualquer outro objeto popular: como esse artefato cultural se ajusta ao corpo e quais corpos se encontram com um ajuste reconhecível? Como os algoritmos se tornam significativos e como isso compete com as eficiências que eles devem atender – tais como *commodities* e significantes de classe, raça e idade?

Embora jeans e algoritmos tenham conexões íntimas com corpos e identidades, eles operam de maneira diferente. Com o desgaste, o jeans desbota e se torna mais macio, não importa o estilo de incorporação; com mais uso, os algoritmos se tornam mais nítidos e mais ajustados ao self, ou pelo menos a alguma versão de um self, que John Cheney-Lippold (2018) afirma serem os 'tipos mensuráveis' de visibilidade algorítmica. Por certo, nem todos se sentem contemplados nas representações oferecidas pelos algoritmos, ou confortáveis com os usos que lhes são aplicados. O algoritmo é sintomático de um cotidiano digital, no qual a atenção alimenta e energiza existências datificadas²⁸. Os algoritmos não respondem apenas à nossa atenção: eles ativamente se unem a nós para gerar novos objetos, para avaliar

28 Para maiores informações acerca deste conceito, vide o texto 2, de Nick Couldry, neste e-book. NDT

como se configura a nossa atenção. O poder gerador de um algoritmo depende, muitas vezes, da atenção que lhe é dada pelo usuário. Portanto, ao contrário do jeans, essa relação de co-criação complica os ciclos de excorporação e incorporação e suscita novas questões e modos de estudo. Como fazemos para estudar o cotidiano quando nós somos participantes ativos tanto na configuração de sua utilidade, quanto na configuração de sua provável opressão?

Voltando ao desafio de uma posicionalidade crítica: resistência, na forma de crítica acadêmica, significa estar perto de ou, talvez, até amar e precisar de seu objeto. De forma banal ou não, os usuários ajudam a gerar poder algorítmico e, com isso, participam ativamente em sistemas de autoridade e controle. Se os estudos culturais devem continuar a se aproximar do cotidiano, eles não podem evitar esse imediatismo cúmplice – a necessária presença de alguma coisa na vida de alguém para ser estudada. Essa tensão entre aquilo ao qual se deve resistir e a oportunidade e o desejo para resistir é uma observação crítica fundacional na qual os estudos culturais insistem.

Talvez agora, mais do que nunca, essa proximidade com nossos objetos [de estudo] seja uma vantagem distintiva. A grande ironia do algoritmo, em todo o seu prodígio gerador, está em como ele converte o ser fã em empírico. É a própria interação entre a intimidade e a dependência desenvolvida no engajamento algorítmico diário que engendra questões novas e diferentes – questões que não levam à celebração ou à condenação, mas a questões sobre como a atenção é confusa e contém dualidades de sobrevivência e negociação. A maioria dos processos de mediação digital imersiva, como os algoritmos, oferece suporte a experiências que são, ao mesmo tempo, momentos de cuidado e descuido. Assim, aquilo a que os estudiosos devem responsabilmente resistir – por exemplo, a coleta de dados implícita nos processos algorítmicos – também está necessariamente presente nos prazeres e na pragmática do mundo do lazer, nos espaços mundanos onde, como observa Janice Radway (1988), a identidade significativa toma forma.

A atenção que damos como humanos, como dados, como humanos datatificados, pode estar ok e pode até ser necessária para nosso posicionamento crítico. Quando John Fiske perguntou aos seus alunos sobre o amor deles por jeans, ele interpretou suas respostas como sutilmente contraditórias: os jeans me fazem sentir eu mesmo, e todo mundo está usando (há aqui uma espécie de solidariedade ativista). De forma semelhante, o algoritmo é um mecanismo poderoso por meio do qual “situamos as diferenças individuais dentro da lealdade comunal” (Fiske, 1989: 2). Na verdade, correndo o risco de levar uma etapa técnica longe demais, essa relação dialética entre aclamar a massa e aclamar o indivíduo é uma boa aproximação a como os modelos de filtragem colaborativa conduzem a *recommendation engines of media streaming services*²⁹.

A privilegiada capacidade dos estudos culturais é, de fato, a identificação dessa desordem; ou, como Hall insistiu, “a metáfora extremamente produtiva da hegemonia” (1992), que é imperativa para o estudo da sociedade e da cultura. Em um momento em que a mídia digital é objeto de histórias de advertência sobre vigilância, violação de privacidade, apatia e narcisismo, os estudos culturais têm o compromisso de produzir algo totalmente diferente, de rejeitar argumentos reducionistas de uma agência de baixo para cima ou de imposição de cima para baixo³⁰. Como Lomborg e Kapsch (2019: 2) insistem: “Se não podemos abrir a caixa preta em si, *podemos* estudar as relações que as pessoas vivem com algoritmos e, por extensão, como e em que medida essas relações experimentadas tornam-se significativas e estão entrelaçadas às reflexões dos usuários sobre poder, transparência e justiça”.

29 Trata-se de um tipo de ferramenta de filtragem de dados que usa algoritmos apreendidos em uma máquina para recomendar os itens mais relevantes para um determinado usuário ou cliente – disponível em: <https://www.appier.com/blog/what-is-a-recommendation-engine-and-how-does-it-work/>, acesso em 20 de setembro de 2021. (NDT)

30 As afirmações de Fiske sobre incorporação e excorporação são frequentemente criticadas por sua preocupação com a exatidão: elas são simplistas ou reducionistas. Pelas razões descritas acima, a relação complicada do algoritmo com a agência e o poder estrutural é uma oportunidade para complexificar e seguir em frente com essa crítica.

LIÇÃO #3: O QUE CONTA COMO VIDA NA INDÚSTRIA DIGITAL DA VIDA APÓS A MORTE? OU O MATERIAL E O SIMBÓLICO PERMANECEM COMPANHEIROS NECESSÁRIOS

Apesar da reputação de resistirem ao fechamento disciplinar, os estudos culturais insistem em “pensar as questões da cultura por meio das metáforas da linguagem e da textualidade” (Hall, 1992). Nas últimas décadas, os alertas interdisciplinares quanto a atenção à materialidade têm tentado fundamentar, ou pelo menos contornar, a luta para fechar a ‘semiose infinita’ que desvirtua o significado. Quando não podemos definir a linguagem, buscamos resoluções mais firmes escondidas no código e suas consequências, o objeto e suas possibilidades. Abundam os debates sobre como lidar com uma ânsia de materialidade em relação ao lugar privilegiado da discursividade e do construcionismo nos estudos da cultura (Sterne, 2014).

Porém, para o estudioso cuidadoso, a linguagem é apenas metade da fórmula de como o poder funciona, sendo a outra metade a forma como as práticas significantes estão em tensão com a fenomenologia da experiência vivida, à medida que essa toma forma dentro e contra redes e instituições sociais³¹. Os estudos culturais sempre reconheceram o material e o simbólico como um casamento incômodo, mas, no final das contas, seguro, uma parceria compartilhada que molda as possibilidades da vida agencial. Conforme observa Jonathan Sterne (2014: 121), as dimensões da materialidade são formadas por meio de, e são inteiramente dependentes ‘do caráter relacional da realidade’. (Para saber como o caráter relacional da realidade toma forma, volte à lição #1). A vida pós-digital é cada vez mais composta de exemplos duradouros

31 Aqueles que desejam questionar o lugar da fenomenologia nos estudos culturais não encontrarão esse debate aqui.

dessa interdependência e de seus efeitos; basta olhar para a computação em nuvem e suas materialidades incompreendidas para apreciar a confusão de significado e fisicalidade que ancora a vida digital diária. Ambos vitais na construção da própria realidade, o material e o metafórico são co-constitutivos nas relações de atenção e importância, e sempre afetarão diferentemente os corpos interseccionais.

Considere a indústria digital da vida após a morte como uma forma de dar sentido a essas complicações contemporâneas. Já em 2009, o Facebook começou a publicizar contas ‘em memória de’ e muitas plataformas sociais seguiram o exemplo. O que iniciou como uma forma de abrandar as expressões sociais de luto, lembrança e trollagem³² evoluiu para a indústria digital da vida após a morte (*digital afterlife industry* – DAI). Hoje, a DAI é um mercado crescente de empresas que agregam rastros de informações de usuários ‘que partiram’ da internet e os transformam em oportunidades comerciais. Na maioria das vezes, isso significa reunir mercadorias materiais e restos simbólicos dos mortos (por exemplo, serviços de mensagens póstumas) para revivê-los. Embalada em dados, a sua *essência* – ou melhor, o ‘você’ representado em uma vida de escolhas na autoexpressão digital – é finalmente preservada³³. Não posso deixar de me perguntar se Don Draper, de *Mad Men*, poderia superar seu icônico argumento do Kodak Carousel com material tão rico³⁴.

32 Vide o capítulo 3 (Estudos culturais: atravessando fronteiras, defendendo distinções), neste e-book, no qual o termo é mais extensamente discutido.

33 Um episódio de 2013 da antologia de ficção científica do Canal 4, que integrou a Netflix, *Black Mirror*, ‘Be Right Back’ (dir. Owen Harris) expôs muitas pessoas à indústria digital da vida após a morte. Ele continua sendo um dos únicos textos populares contemporâneos a representar especificamente essa florescente indústria.

34 A autora faz menção à cena de um episódio da série sobre a publicidade estadunidense nos anos 1960, *Mad Men*, na qual o personagem Don Draper (interpretado por Jon Hamm), diretor de criação de uma agência publicitária, apresenta o argumento de venda do projetor (que se move com um carrossel) de slides da Kodak a partir da sequência de imagens pessoais dele com sua família: momentos com a esposa e com os filhos em diversas situações (*Don Draper’s “Kodak Carousel” Ad Pitch* - *Mad Men* – disponível em Kodak Carousel, acesso em 27 de setembro de 2021) (NDT).

Uma indústria robusta baseada nos anseios de humanos vivos que buscam se manter conectados com humanos que não vivem mais é um novo materialismo totalmente diferente ou um novo pós-humanismo material? No entanto, as próprias questões que orientam nosso estudo da cultura como dinâmica, viva e cotidiana – quem constrói e manipula a atenção, para que objetivo, para quem e por meio de qual repertório de interpretação – podem ser aplicadas tanto aos corpos-dados que representam os falecidos, quanto aos chamamentos para participar da saudação de seus parentes.

Muitos de nós, nos estudos digitais, já estamos envolvidos com a constante negociação entre como as infraestruturas guiam a nossa atenção e como o conteúdo o faz. A DAI provoca novos questionamentos que apontam para as configurações inevitáveis de humanos, máquinas, dados e emoções que surgem na vida pós-digital. Que novas relações de atenção emergem neste conjunto de corpos, dados e meios de subsistência (tanto animados quanto econômicos)? Que espaços físicos os dados mercantilizados dos usuários que morreram ocuparão no armazenamento na nuvem global que ameaça a existência na Terra? Os usuários mortos ainda são nodais (Karppi, 2013) e, então, quais pontes desmoronam nas redes sociais quando eles são removidos?

Assim, o material e o simbólico assumem novas complexidades que reforçam a necessidade de se estudar as suas interdependências. Para o usuário comum, a morte é a perda final da agência de estar presente e ser observado, mas as corporeidades transformadas em dados permanecem nas tentativas de drenar extensas formas de atenção póstuma. Empresas como a NowSayIt.com ou a Virtual Eternity (ambas agora extintas) ofereciam a seus usuários a oportunidade de enviar e-mails para amigos e familiares após a sua morte, estimulando-os a trabalhar mais para dedicar-se a deixar suficientes rastros de dados de uma vida participativa para seus entes queridos. E, no entanto, para os estudos culturais, essas nem mesmo são as questões mais urgentes. O que fazer com uma indústria próspera que capitaliza o desejo

de atender *pessoas mortas*, quando ainda nem reconhecemos os corpos vivos, de cor, da migração, da diáspora e da d-eficiência?

POST SCRIPT

Deixei por último o uso que fiz dos termos *pós-verdade* e *pós-digital*. O uso do *pós* é fértil, como alertam os acadêmicos queer, as feministas e os críticos de raça. Na melhor das hipóteses, isso indica uma mudança histórica nas atitudes sociais em relação a uma coisa; na pior das hipóteses, é um sinal de ignorância, um nivelamento das realidades das experiências globais ou um bocejo performativo de uma tendência intelectual. A qualidade redentora do *pós*, no entanto, está em como ele destaca a natureza compulsória de tudo o que ele descreve. Neste caso, tendo ido muito além *do novo* ou *do emergente*, o *pós* aponta para as consequências inevitáveis do digital na cultura, na economia e no meio ambiente. Pós-digital e pós-verdade chamam a atenção crítica para a mediação contemporânea como um emaranhado vital, para culturas digitais imersivas que operacionalizam e são operacionalizadas pelo mundano. Tendo reconhecido sua onipresença, quais novas resistências podem ser descobertas, focalizando as experiências humanas desiguais, situadas e diferenciais dessa mediação?

Há uma tendência de tratar o *pós* como um *depois*, mas *pós* também significa *além* e 'situar, posicionar'. Muitos têm criticado os estudos culturais como uma abordagem historicamente avessa a mudanças. Mas, curiosamente, o *pós* aponta para uma autoevidência no campo que há muito tempo tem permanecido estável – as perguntas que fazemos e os objetos que abordamos têm tudo a ver com a situacionalidade, com a visibilidade por meio de posicionamento e atenção, e com o que está além da moldura. Nós sabemos, por exemplo, que o *outro* sempre já existe em um ambiente de pós-verdade. Certamente,

a indústria digital da vida após a morte traz um novo significado corporal para a articulação do pós e do digital, assim como o *deepfake* e o algoritmo despertam para um novo pensar sobre como a verdade é situada.

O que os estudos culturais deveriam ser, em minha opinião, é o que já são: a oportunidade de abordar qualquer processo social ou institucional que se estude – no meu caso, é a mediação digital cotidiana, mas no seu caso pode ser legislação, cuidados em saúde, arte, gênero, cinema ou educação – com questões há muito destinadas a compreender o poder como relações de atenção.

- **Financiamento** – a autora não recebeu auxílio financeiro para a pesquisa, autoria e ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Brock A (2015) Deeper data: A response to boyd and Crawford. **Media, Culture & Society** 37(7): 1084–1088.
- Brunsdon C (2015) On being made history. **Cultural Studies** 29(1): 88–99.
- Cheney-Lippold J (2018) *We Are Data: Algorithms and the Making of Our Digital Selves*. New York: New York University Press.
- Dayan D (2013) On whose terms are you shown? In Couldry N, Mirca M and Pinchevski A (eds) **Ethics of Media**. London: Springer, pp. 161–177.
- Eubanks V (2018) **Automating Inequality**. New York: St. Martin's Press.
- Fiske J (1989) **Understanding Popular Culture**. New York: Routledge.
- Gates R (2018) **Double Negative: The Black Image and Popular Culture**. Durham, NC: Duke University Press.
- Geertz C (1973) **The Interpretation of Cultures**. New York: Basic Books.
- Hall S (1992) Cultural studies and its theoretical legacies. In Grossberg L, Nelson C and Treichler P (eds) **Cultural Studies**. London: Routledge.
- Hall S, Critcher C, Jefferson T, Clarke J, and Roberts B (1978) *Policing the Crisis: Mugging, the State, and Law and Order*. London: Macmillan.

- Horton J (1979) Review of **Policing the Crisis**, by Stuart Hall, Charles Critcher, Tony Jefferson, John Clarke, and Brian Roberts. **Crime and Social Justice** 12: 59–63.
- Karppi T (2013) Death proof: On the biopolitics and noopolitics of memorializing dead Facebook profiles. **Culture Machine** 14: 1–20.
- Lomborg S and Kapsch P (2019) Decoding algorithms. **Media, Culture & Society**, online: <https://doi.org/10.1177/0163443719855301> (accessed 4 April 2020).
- Noble S (2018) **Algorithms of Oppression**. New York: New York University Press.
- Pesenti J (2019) Deepfake Detection Challenge launches with new data set . . . Facebook A.I. Research Blog, 11 December. Available at: <https://ai.facebook.com/blog/deepfake-detectionchallenge-launches-with-new-data-set-and-kaggle-site/> (accessed 6 January 2020).
- Prey R (2018) Nothing personal: Algorithmic individuation on music streaming platforms. **Media, Culture & Society** 40(7): 1086–1100.
- Radway J (1988) Reception study: Ethnography and the problems of dispersed audiences and nomadic subjects. **Cultural Studies** 2(3): 359–376.
- Schroepfer M (2019) Creating a data set and a challenge for deepfakes. Facebook A.I. Research Blog, 5 September. Available at: <https://ai.facebook.com/blog/deepfake-detection-challenge/> (accessed 6 January 2020).
- Srinivas SV (2019) After English: What do we teach when we teach literary and cultural studies? **Artha – Journal of Social Sciences** 18(3): 1–24.
- Sterne J (2014) “What do we want?” “Materiality!” “When Do We Want It?” “Now!” *In*: Gillespie T, Boczkowski P and Foot KA (eds) **Media Technologies: Essays on Communication, Materiality and Society**. Cambridge, MA: MIT Press.
- Turner G (2003) **British Cultural Studies: An Introduction**, 3rd edn. London: Routledge.
- Williams R (1977) **Marxism and Literature**. Oxford: Oxford University Press. (Tradução: WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- Willis P (1977) **Learning to Labour: How Working-class Kids Get Working-glass Jobs**. Farnborough, UK: Saxon House.
- Women’s Studies Group, Centre for Contemporary Cultural Studies (1978) **Women Take Issue: Aspects of Women’s Subordination**. London: Hutchinson.

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?

Em que deveriam ou poderiam se transformar?

Qual é o seu significado?

O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?

O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

6

Devon Powers
Temple University, USA

EM DIREÇÃO AOS ESTUDOS CULTURAIS FUTURISTAS

Resumo

Estudos culturais são uma disciplina orientada ao futuro, melhor dizendo, que mantém conexões tangenciais com o futurismo – um campo de estudos voltado ao estudo sistemático do futuro. Por quê? Esse texto busca responder a essa questão. Ele explora como os estudos culturais conceitualizaram ‘o futuro’ e identifica alguns dos limites dessas concepções. Assim, o artigo especula sobre o que os estudos futuristas e os estudos culturais podem ganhar com uma integração mais robusta e propositiva.

Palavras-chave: Estudos críticos do futuro; estudos culturais; futuros; futurismo; futurologia.

EM DIREÇÃO AOS ESTUDOS CULTURAIS FUTURISTAS³⁵

Em novembro de 2019, a revista *New York* convidou escritores a especularem sobre o ano de 2029. O resultado foi uma série abrangente de textos e vinhetas, cobrindo tudo, desde inteligência artificial a *Frankeneating*, do plástico ao *Xi Jinping*, do *TikTok* ao *Ava DuVernay*. Por mais que os artigos tenham sido provocantes e criativos, a revista não ofereceu um panorama do futuro – pelo menos, não exatamente. Ao invés disso, o seu foco era o prolongado presente: examinar como o momento atual sugere o que mundo ‘pode ser’, enquanto permanece descrente em relação ao mundo tal ‘como ele é’. Nesse sentido, ‘o estranho brilho do bizarro futuro’ (*New York magazine*, 2019) que percorre nossos tempos é mais bem entendido como um emaranhado de esperanças, confusões e incertezas a respeito do lugar para onde tudo isso está sendo levado. Estamos indo em direção a qual futuro? O que acontecerá quando chegarmos lá? O quanto dessa jornada está sob nosso controle?

Os jornalistas, escritores de ficção, críticos e criativos, que contribuíram para o *Problema do Futuro* tal como abordado no *New York* não estão lidando sozinhos com essas questões. Imaginar o amanhã tem sido uma faceta central, não valorizada dos estudos culturais. O trabalho de campo considera as implicações dos desenvolvimentos culturais (Abidin, 2018; Banet-Weiser, 2012, 2018; John, 2017; Lotz, 2018), alerta sobre mudanças tecnológicas, políticas e econômicas (Andrejevic *et al.*, 2015; Benjamin, 2019; Couldry and Mejias, 2019; Zuboff, 2019) e pondera sobre como está evoluindo a dinâmica socio-cultural e como essa pode estender ou desafiar as relações de poder

35 Futurismo, em Português, é um termo que mais frequentemente designa uma vertente artística – o Futurismo – de Marinetti, surgida há mais de 100 anos. Aqui, entretanto, está na acepção de ‘estudos do futuro’. Vide: <https://blog.ubueditora.com.br/manifesto-futurista/>, acessado em 06 de julho de 2022. (NDT)

(Beer, 2016; Lash, 2007). O futuro, em si, também tem sido objeto de investigação dentro dos estudos culturais. Representações do futuro, que vão da ficção científica até o *World Expos*, apresentam-se como textos culturais que iluminam expectativas e suposições sobre futuros (Bacon-Smith, 2000; Hubbert, 2017; Wang and Chan, 2020; Wood *et al.*, 2019). Os estudiosos se esforçam em teorizar o papel do futuro na vida cotidiana e no pensamento, articulando-o, de várias maneiras, com o trabalho sobre temporalidade, memória e a relação de ambas com a tecnologia (Alper, 2019; Szpunar and Szpunar, 2016). E, em trabalhos como o de John Urry, *O que é o futuro?*, o futuro é entendido como um terreno crucial para a contestação de poder. Urry também exorta que seus leitores recuperem o futuro como algo de nosso domínio, pois “um elemento chave do poder é poder determinar – produzir – o futuro, a partir das diversas maneiras como ele é imaginado, organizado, materializado e distribuído” (2016: 11, 17).

Além das atividades acima mencionadas, que chegam ao coração da ‘cultura’ dos estudos culturais, pesquisadores desse campo também se importam com o futuro do subcampo. Regularmente, há debates sobre a direção para qual o campo deve ir e como chegar até lá (Grossberg, 2010; Hartley, 2009). Como Larry Grossberg argumenta em seu livro de 2010 *Cultural Studies in the Future Tense*: “estudos culturais são importantes porque se referem ao futuro e a uma parte do trabalho que demanda, no presente, configurar esse futuro” (2010:1). Grossberg vê os estudos culturais como um projeto político que “assume a contestação como certa, não como uma realidade em todas as instâncias, mas como uma suposição necessária para a existência de trabalho crítico, oposição política e até mesmo mudança histórica” (2010: 8–9). Dentro dessa visão, não é suficiente estudar ou decifrar a cultura, não é suficiente analisar textos culturais em termos de significado e poder. O trabalho dos estudos culturais, para ele e para muitos outros, é efetivar a mudança dentro e além da academia. Fazer o contrário é se tornar irrelevante ou cúmplice (Grossberg, 2010: 7).

Apesar de tais investimentos no futuro, os estudos culturais ainda têm que abraçar o ‘futurismo’ – o estudo sistemático do futuro – de uma maneira significativa. A literatura futurista está presente desde meados do século 20, mas os estudos culturais não se engajaram com isso, exceto de modo periférico. Nós flertamos com a linguagem futurista (como ‘futurando’ e ‘futuros’) e métodos (como tendências, cenários e reconhecimento de padrões), embora, geralmente, apenas por acidente. Nos estudos culturais é comum fazer previsões e alertas, mas é raro encontrar pesquisadores que se identifiquem como futuristas ou que considerem o propósito e as implicações das especulações sobre o futuro. Além disso, tal como os colaboradores da revista *New York*, nossas considerações sobre o futuro geralmente dizem respeito mais a ansiedades e obsessões correntes do que a mudanças plausíveis ou resultados práticos. E, embora haja, certamente, utilidade em visualizar futuros desejáveis ou lamentar os indesejáveis, os estudos culturais estão sob o constante risco de fazer a especulação sobre o futuro focalizar mais arrogância e ideologia do que humildade e curiosidade. Crenças rígidas soam corretas, mas podem limitar a habilidade de alguém ver o mundo como ele é ou como pode ser (Tetlock and Garder, 2015: 71-2). E, apesar de nossa constante agitação, o céu nem sempre está desabando.

A contemporaneidade apresenta desafios e oportunidades que podem empurrar os estudos culturais em direção a uma percepção mais clara. Reinhart Koselleck, em seu livro *Futures Past: On the Semantics of Historical Time*, argumenta que ‘o peso do futuro’ se intensifica durante algumas épocas, “[forçando] os seus habitantes a intervalos de tempo cada vez mais curtos, nos quais podem apreender novas experiências e adaptar as mudanças induzidas em um ritmo sempre crescente” (2004: 3). Alguém pode certamente argumentar sobre para quem o ritmo de tempo tem se intensificado de forma evidente. (Sharma, 2014); apesar disso, nos encontramos dentro de um desses momentos carregados, no qual a discussão do futuro é frequente e deliberada, e as demandas do futuro necessitam de conversa

e ação. Como está dado, os interesses da elite – geralmente com o auxílio de profissionais futuristas – estão produzindo decisões sobre o futuro em nosso nome, sem o nosso *input* ou conhecimento (Powers, 2019). Os tipos de questões que guiam os estudos culturais poderiam trazer indicações muito necessárias aos futuros imaginados, mas isso requer pensar os estudos culturais com métodos mais robustos e teorias para pensar, agir e fazer a diferença. Em suma, precisamos de estudos culturais futuristas. O futurismo pode aumentar nossa eficácia, e os estudos culturais podem aumentar a humanidade do futurismo.

Reivindicar ‘mudança’ tem sido uma premissa operante dos estudos culturais desde o seu início. Em sua busca por se engajar na crítica – de poder, de classe, de raça e de relações de gênero, e de narrativas totalizantes de todos os tipos – os estudos culturais são práxis que visam reformular a sociedade em direção a objetivos progressistas (Hartley, 2003; Johnson, 1986). Os estudos culturais, da mesma forma, se dedicam a mudar a si mesmos: flexibilidade, reflexividade e experimentação são seus baluartes contra a inatividade, o conservadorismo e a institucionalização inflexível. Como Johnson influentemente escreveu, o que define os estudos culturais “é sua abertura e versatilidade teórica, até mesmo um humor autoconsciente (...) estudos culturais são um processo, um tipo de produção de conhecimento útil; codifique-os e você poderá interromper seus efeitos” (1986: 38). Essas características têm tornado os estudos culturais às vezes solipsistas de forma paralisante. Concomitantemente, elas também têm assegurado que os estudos culturais questionem suas suposições fundantes e tenham novas maneiras de fazer coisas.

Um compromisso constitucional para a mudança liga os estudos culturais ao futuro tanto como um conceito, quanto como uma temporalidade. Os estudos culturais tendem a conceitualizar o futuro como uma competição entre a mudança e o *status quo*, na qual a mudança significa um projeto político progressista que mistura empoderamento do *demos*, igualdade radical e um alerta crítico. O *status*

quo, por outro lado, é geralmente regressivo, marginalizante e discriminatório. Portanto, os desejos dos estudos culturais do futuro são, implicitamente (e algumas vezes explicitamente) com frequência, considerados possíveis apenas dentro de um socialismo democrático, por mais que tenha havido movimentos ao longo da história dos estudos culturais para pensar elementos emergentes desse futuro, especialmente por meio da adoção dos aspectos revolucionários da cultura popular (Webstar, 2006: 579). Além disso, o futuro existe tanto como uma luta atual quanto como uma temporalidade ideal que será alcançada apenas se algumas formas de revolução forem atualizadas. Tomadas em conjunto, essas noções duais do futuro performam o trabalho retórico e teórico que torna os estudos culturais possíveis.

Mas e se o futuro dos estudos culturais nunca chegar? É uma questão impossível. Uma maneira de torná-la maleável é perguntar o que acontece se os estudos culturais não alcançarem a igualdade, emancipação e empoderamento que são seus objetivos expressos. Tome como exemplo o grande sucesso disciplinar dos estudos culturais desde o seu início – as instituições, os departamentos, as aulas, artigos, as conferências, os pesquisadores. Por um lado, esse florescimento pode ser lido como uma evidência de que os estudos culturais avançam em direção ao futuro de forma crescente, mesmo que sua visão utópica permaneça não realizada. Por outro lado, alguém pode argumentar que a formalização dos estudos culturais é uma evidência de sua conivência – prova de que o projeto dos estudos culturais falhou em criticar sistemas, em interrogar e desmascarar o poder –, de tal forma que eles se tornaram parte da máquina. Em ambos os cenários, e em dezenas de outros que nós poderíamos imaginar, os estudos culturais permanecem intactos, por um lado, graças a sua aceitação e, por outro lado, graças ao fato de seu projeto estar incompleto. Ao que parece, a mudança poderia seguir em diferentes direções, ironicamente considerando a dedicação do subcampo ao 'progresso radical'.

Vamos colocar a questão do futuro dos estudos culturais de maneira diferente. Como o campo deve atribuir sentido aos futuros que competem com os estudos culturais? Neste caso, estamos falando dos futuros utópicos dos quais outras filosofias dependem, dos amanhãs que eles estão se esforçando em alcançar. Como os estudos culturais podem compactuar com o fato de que o futuro não é imaginado apenas por nós, mas envolve competição e cooperação entre maneiras de pensar e maneiras de ser, que não apenas transcendem aquilo em que acreditamos e aquilo em que conhecemos, mas o desafiam diretamente? Existem algumas maneiras de responder a essa questão. Primeiro, ela nos lembra que os estudos culturais não têm sido muito bons em considerar as perspectivas que não veem seus objetivos como progresso. Um outro ponto importante de resposta é que, como o presente e o passado, o futuro existe em múltiplos níveis. O mundo é cheio de configurações temporais que não avançam em direção ao futuro de forma progressiva, mas que experienciam o tempo de maneira multidirecional, descontínua. Impulsionar em direção ao progresso – não importa como o progresso seja definido – sempre vem de um ponto com vantagem limitada, e sempre ignora outras epistemologias.

O futurismo é um começo útil para se engajar com tamanha multiplicidade. Com certeza, o futurismo tem muitas personificações e suas próprias contradições internas – até a palavra ‘futurismo’ é uma luva para aqueles que se identificam com futurologia, estudos do futuro ou outro termo. Contudo, em benefício da argumentação, aqui uso futurismo como um termo guarda-chuva para referir o campo de estudo devotado ao futuro – tanto para analisar os sinais do futuro como para influenciar produções futuras. O futurismo, tal como os estudos culturais, fez incursões durante os anos de 1960 e 1970 – uma época em que as ciências sociais emergiram com novos paradigmas para entender o mundo –; eles abraçaram a mudança como conceito organizacional e, em algumas manifestações, operaram com noções idealizadas de como a mudança poderia ocorrer. Então, ambas as tradições

estão interessadas em como os seres humanos podem influenciar o mundo ao seu redor e trazer à tona seus futuros preferidos.

Os estudos culturais e o futurismo compartilham conexões significativas, mas muitas coisas os separam, também. Uma distinção maior diz respeito à aceitação da incerteza pelo futurismo: menos preocupado em ‘conhecer’ o futuro do que em influenciar como ele se desenvolve (Powers, 2019). Especialmente em manifestações posteriores – nas quais o futurismo tomou forma mais especificamente dentro de configurações corporativas do que acadêmicas – essa aceitação da incerteza frequentemente se manifestou com uma atitude de *laissez-faire* frente às direções futuras, na qual o objetivo era simplesmente ganhar vantagem, não importando o futuro. Por exemplo, dentro da visão estratégica, uma ramificação do futurismo especialmente popular entre entidades militares, de inteligência e governamentais, a previsão envolve determinar a probabilidade de possíveis resultados, não para alterar esses resultados *per se*, mas para planejar táticas adequadas (Tetlock and Gardner, 2015). Na área corporativa, capitalizar a incerteza se traduziu em permanecer adaptável no presente, o que geralmente não tem pressionado para uma mudança ampla e sistêmica, mas para capitalizar formas mais facilmente comercializadas (Powers, 2019).

Versões práticas e profissionais do futurismo têm tido influência, apesar da relativa obscuridade do campo. De maneira similar, o futurismo acadêmico permanece como um nicho disciplinar acerca do mundo. Mesmo assim, como Andersson explica, as pesquisas futuristas deram início a “expertise, métodos e tecnologias que se tornaram parte da governamentalidade contemporânea” (2018: 6) – o futurismo ajudou a tornar o manejo estratégico do futuro uma preocupação dos dias atuais. A ironia é que o uso dessas ferramentas por interesses poderosos tende a limitar a capacidade de os humanos moldarem o seu futuro e, ao invés disso, levou muitos de nós a ceder a dinâmicas poderosas e aceitar desenvolvimentos que parecem além do nosso controle.

De qualquer forma, isso tudo está começando a mudar. O futurismo está começando a se expandir para além dos seus limites na estratégia militar e corporativa, se tornando uma ferramenta ativista ou um método generalizado para especulação futura. E, à luz das mudanças climáticas, degradação ambiental, nacionalismos polarizados, desigualdade crescente e crises geopolíticas e de saúde pública com custos humanos enormes, o futurismo está se tornando crescentemente necessário como forma não apenas de reagir ao ataque de problemas emergenciais, mas de imaginar, para além da aflição, e de criar soluções diferentes para maneiras antigas de se pensar. Por exemplo, enquanto podemos dizer que grandes plataformas tecnológicas estão cada vez mais poderosas e intrusivas, uma abordagem futurista transcende a crítica para mostrar como tendências políticas, sociais, econômicas e de comportamento podem moldar a maneira como tais poderes se desenvolvem, e como isso, em troca, pode sugerir diferentes intervenções críticas. É nesse momento que os estudos culturais e o futurismo mais precisam um do outro!

Estudos críticos do futuro, por exemplo, oferecem ideias para os estudos culturais adotarem. Estudos críticos do futuro podem ser definidos como um campo interdisciplinar que “investiga o escopo e as restrições dentro da cultura pública para imaginar e debater diferentes futuros potenciais” e “interroga futuros imaginados fundados – geralmente de forma sub-reptícia – em valores e suposições do passado e do presente, bem como naqueles que representam um afastamento de trajetórias sociais atuais” (Godhe e Goode, 2018: 109). O intuito desse trabalho é abordar o debate público sobre o futuro. Godhe e Goode reconhecem de maneira correta que “em termos de moldar a capacidade de a sociedade imaginar e deliberar sobre futuros potenciais (e, dessa maneira, focar em direção a ou para longe de cenários específicos), nós estamos sempre e inevitavelmente lidando com questões de cultura”. (2018: 11). Isto é, a tendência de os estudos futuristas instrumentalizarem o futuro precisa ser balanceada com os objetivos

aos quais a instrumentalização tradicionalmente serviu, com as culturas sobre o futuro que ela apoiou ou não. Estudos culturais têm muito a contribuir nesse quesito, para ajudar a entender o futuro como mais do que uma zona de estratégia capitalista, mas como uma zona de possibilidade democrática.

Muito frequentemente, o futuro é um significante útil – uma palavra que usamos para significar surpreendente, distante ou diferente. Ou “futuro” é usado promocionalmente, para dar ao nosso pensamento a aparência de previsão ou especialidade, mas o futuro é importante demais para ser considerado apenas de forma retórica. Em vez disso, devemos pensar no futuro como uma zona a ser ocupada, disputada, teorizada, imaginada e, possivelmente, emancipada, se nossa imaginação e nossos melhores pensamentos permitirem.

Financiamento - a autora não recebeu auxílio financeiro para a pesquisa, autoria e/ou publicação desse artigo.

REFERÊNCIAS

- Abidin C (2018) **Internet Celebrity: Understanding Fame Online**. Bingley, UK: Emerald Publishing.
- Alper M (2019) Future talk: Accounting for the technological and other future discourses in daily life. **International Journal of Communication** 13: 715–735.
- Andersson J (2018) **The Future of the World: Futurology, Futurists, and the Struggle for the Post- Cold War Imagination**. New York: Oxford University Press.
- Andrejevic M, Hearn A and Kennedy H (2015) Cultural studies of data mining: Introduction. **European Journal of Cultural Studies** 18(4–5): 379–394.
- Bacon-Smith C (2000) **Science Fiction Culture**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.
- Banet-Weiser S (2012) **Authentic TM: The Politics of Ambivalence in a Brand Culture**. New York: New York University Press.

- Banet-Weiser S (2018) **Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny**. Durham, NC: Duke University Press.
- Beer D (2016) **Metric Power**. London: Palgrave Macmillan.
- Benjamin R (2019) **Race after Technology: Abolitionist Tools for the New Jim Code**. Malden, MA: Polity.
- Couldry N and Mejjias UA (2019) Data colonialism: Rethinking big data's relation to the contemporary subject. **Television & New Media** 20(4): 336–349.
- Godhe M and Goode L (2018) Critical future studies: A thematic introduction. **Culture Unbound: Journal of Current Cultural Research** 10(2): 151–162.
- Grossberg L (2010) **Cultural Studies in the Future Tense**. Durham, NC: Duke University Press.
- Hartley J (2003) **A Short History of Cultural Studies**. London: Sage.
- Hartley J (2009) From cultural studies to cultural science. **Cultural Science Journal** 2(1): 1–16.
- Hubbert J (2017) Back to the future: The politics of culture at the Shanghai Expo. **International Journal of Cultural Studies** 20(1): 48–64.
- John NA (2017) **The Age of Sharing**. Medford, MA: Polity.
- Johnson R (1986) What is cultural studies anyway? **Social Text** 16: 38–80.
- Koselleck R (2004) **Futures Past: On the Semantics of Historical Time**. New York: Columbia University Press.
- Lash S (2007) Power after hegemony: Cultural studies in mutation? **Theory, Culture & Society**, 24(3): 55–78.
- Lotz AD (2018) **We Now Disrupt This Broadcast: How Cable Transformed Television and the Internet Revolutionized It All**. Cambridge, MA: MIT Press.
- New York** magazine (2019) The weirdness is coming: An issue about the future. 11–24 November. Available at: <https://nymag.com/tags/the-future-issue/> (accessed 9 March 2020).
- Powers D (2019) **On Trend: The Business of Forecasting the Future**. Champaign, IL: University of Illinois Press.
- Sharma S (2014) **In the Meantime: Temporality and Cultural Politics**. Durham, NC: Duke University Press.

- Szpunar PM and Szpunar KK (2016) Collective future thought: Concept, function, and implications for collective memory studies. **Memory Studies** 9(4): 376–389.
- Tetlock PE and Gardner D (2015) *Superforecasting: The Art and Science of Prediction*. New York: Crown.
- Urry J (2016) **What Is the Future?** London: Polity.
- Wang X and Chan SCK (2020) Introduction: Imagining the future in East Asia. **Cultural Studies**. Available at: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09502386.2019.1709090>? (accessed 9 March 2020).
- Webster D (2006) Pessimism, optimism, pleasure: The future of cultural studies. In: Story J (ed.) **Cultural Theory and Popular Culture: A Reader**. New York: Pearson, pp. 571–585.
- Wood R, Litherland B and Reed E (2019) Girls being Rey: Ethical cultural consumption, families and popular feminism. **Cultural Studies**. Available at: <https://pure.hud.ac.uk/en/publications/girls-being-rey-ethical-cultural-consumption-families-and-popular> (accessed 9 March 2020).
- Zuboff S (2019) **The Age of Surveillance Capitalism: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power**. New York: Public Affairs Books.

O que são Estudos Culturais?

O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando? Em que deveriam ou poderiam se transformar? Qual é o seu significado? O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo? O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.

7

Laura Guimarães Corrêa

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

INTERSECCIONALIDADE:
um desafio para
os estudos culturais
na década de 2020

Resumo

Neste texto, ancorada principalmente nos estudos feministas negros, defendo que o paradigma interseccional é uma ferramenta necessária para abordar a cultura nesta nova década. Também argumento que os estudos culturais podem se beneficiar ao chamar a atenção para a produção – seja na cultura popular ou acadêmica – que vem das margens, ou seja, de indivíduos que enfrentam opressões e que experimentam a vida do ponto de vista de uma *forasteira de dentro*, uma *familiar estranha com olhar opositor*. Diferentes perspectivas tendem a trazer conhecimento descentralizado, mais amplo e inventivo de possibilidades de pesquisa acadêmica e mudança social.

Palavras-chave: feminismo negro; estudos culturais; epistemologia; interseccionalidade; experiência vivida.

Quem está mais bem preparado do que os oprimidos para compreender o terrível significado de uma sociedade opressora? Quem sofre os efeitos da opressão mais do que os oprimidos? Quem pode compreender melhor a necessidade de libertação? (Freire, 2005, p.45)

Muito tem sido escrito sobre representações e descrições de raça, gênero e classe, entre outras categorias de divisões sociais, no campo dos estudos culturais, em sua abordagem crítica e política da cultura, bem como em sua atenção às relações de poder e às possibilidades de transformação da sociedade. Considerado multidisciplinar e transdisciplinar, o campo dos estudos culturais geralmente desenvolve análises que se baseiam em diferentes teorias e perspectivas, evitando a fragmentação disciplinar e buscando diferentes ângulos para multiplicar as armas da crítica.

Debates sobre desigualdades sociais e sua relação com a mídia e a cultura podem ser encontrados não apenas em universidades, eventos acadêmicos, periódicos, programas de estudo e aulas, mas também na mídia convencional, em várias plataformas de mídia, em interações face a face, em comunidades *online* e redes. Mais do que nunca, feminismo, antirracismo, anti-homofobia e direitos trans são temas de debate, e o conceito de interseccionalidade está ganhando atenção na academia e também entre diferentes audiências.

Patricia Hill Collins (2015, p.1) entende a interseccionalidade como “um campo de estudo que está situado dentro das relações de poder que estuda”, bem como “uma estratégia analítica que fornece novos ângulos de visão sobre os fenômenos sociais” e, ainda, como “práxis crítica que informa projetos de justiça social”. Abordagens interseccionais têm alcançado relevância, especialmente entre mulheres negras na academia. Yuval-Davis (2006, p.206) observou que as análises interseccionais “passaram a ocupar espaços centrais tanto em análises sociológicas quanto em outras análises de estratificação,

assim como nos discursos feministas e nos outros discursos – jurídicos, políticos e de políticas dos direitos humanos internacionais”. Ela acrescenta, ainda, que essa abordagem, em muitas disciplinas e campos, aponta para a “inadequação de analisar várias divisões sociais, especialmente raça e gênero, como categorias sociais separadas e internamente homogêneas”.

Neste texto, pretendo desdobrar conceitos que vêm do feminismo negro – a saber, *interseccionalidade*, *olhar opositor* e *forasteira de dentro*³⁶ – e discutir como eles podem contribuir à pesquisa nos estudos culturais e nos estudos de mídia, enfatizando a importância das experiências de vida na elaboração de teorias. Qual é a relação entre as experiências vividas e um ponto de vista teórico-metodológico que adote uma abordagem interseccional? O paradigma da interseccionalidade pode ser aplicado à pesquisa empírica em estudos culturais? Defendo que, para qualificar, descentralizar e decolonizar a investigação dos fenômenos sociais, é necessário observar e considerar as percepções, interpretações e teorias que vêm de grupos não hegemônicos – não apenas dentro do campo acadêmico, mas também em espaços periféricos e adjacentes onde o conhecimento é construído.

36 Empregamos o termo “forasteiras de dentro”, considerando que o termo já foi utilizado em dois textos: 1) de Patricia Hill Collins, “Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro” publicado em *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016 – o qual apresenta a seguinte nota para tradução de *outsider-within*: possíveis traduções do termo poderiam ser “forasteiras de dentro”, “estrangeiras de dentro”. (Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzsGrvmFTKFqr6GLVM-n/?format=pdf&lang=pt>, acessado em 11 de março de 2022); 2) no capítulo 1 do livro *Interseccionalidade*, de Dayane N. Conceição de Assis (Nzinga Mbandi), em que se encontra a seguinte tradução para o termo: “Para Collins, cada indivíduo tem a possibilidade, a partir do lugar de onde se encontra, de produzir um olhar único sobre cada situação. Ela cunhou o termo *outsider-within* que, em uma livre tradução, nos fornece a expressão forasteiras de dentro (p.17). Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>, (acesso em 11 de março de 2022). (NDT)

INTERSECTANDO OPRESSÕES EM ESTUDOS CULTURAIS

Desde o início dos anos 1980, tem havido uma atenção para a interação de opressões – de classe, nação, raça e etnia – no trabalho pioneiro de Stuart Hall. Em seu artigo '*Raça, articulação e sociedades estruturadas na dominação*' (1980), ele rejeitou a análise das desigualdades sociais que se baseariam em uma única abordagem teórica. Ele defendeu e adotou uma complexa perspectiva para entender classe, cor e raça como categorias de dominação profundamente conectadas. Hall distingue duas tendências de perspectivas opostas (embora complementares) que visam analisar fenômenos sociais relacionados a esses sistemas de opressão. Segundo ele, a primeira delas seria a abordagem econômica, que considera que "relações e estruturas econômicas têm um efeito esmagadoramente determinante nas estruturas sociais" de raça e racismo. Na segunda tendência, que Hall (1980, p.306-7) nomeia como sociológica, o principal foco "está na raça ou na etnia como características especificamente sociais ou culturais das formações sociais em discussão", as quais exibiriam "suas próprias formas de estruturação, têm seus próprios efeitos específicos, que não podem ser explicados como meras formas superficiais de aparecimento de relações econômicas".

Ele critica ambas as tendências nas análises de fenômenos que privilegiariam aspectos de classe *ou* raça, em uma disputa entre materialismo "duro" *versus* culturalismo "suave" nos estudos étnicos, considerando que as alternativas *ou um ou outro* eram pouco produtivas, bem como apontavam para a importância de se compreender as práticas e os efeitos da ação conjunta de classe e raça. Hall (1980, p. 307) também enfatiza que a teoria, "como sempre, tem consequências práticas diretas ou indiretas".

Collins (2015, p.7) observa que, “inicialmente, o gênero não era central para os estudos culturais, tendo entrado no campo por meio de críticas feministas que moveram os estudos culturais em direções interseccionais”. Feministas negras e não-brancas, em diferentes épocas e lugares, foram responsáveis por articular e pesquisar o caráter entrelaçado das formas de dominação, como intersecções de gênero, raça, classe e sexualidade, alegando que fazer isso é uma forma de construir e desenvolver um conhecimento mais amplo nas/ sobre as sociedades. Escolher um aspecto como único eixo importante de análise é uma limitação para qualquer pesquisa. Também conectadas aos saberes de estudos culturais, teóricas feministas, como bell hooks, produziram análises importantes de representações de gênero na mídia e na comunicação, chamando atenção para opressões e sistemas de poder entrelaçados.

Kimberlé Crenshaw inventou o termo interseccionalidade em 1989, considerando que as discriminações racistas e sexistas constituem posições sociais que não podem ser reduzidas a uma simples adição de desigualdades, porque essas categorias funcionam juntas em complexas dinâmicas, em um emaranhado de desafios que um indivíduo ou grupo enfrenta na vida cotidiana. A ideia de interseccionalidade não é exatamente nova: ela vê sua abordagem, bem como a cunhagem e o desenvolvimento do conceito, como uma continuidade do trabalho das mulheres afro-americanas – e, eu acrescentaria, das feministas de outras partes do mundo – que articularam a necessidade de “pensar e falar sobre raça através de uma lente que olha para o gênero, ou pensa e fala sobre feminismo através de uma lente que olha para a raça” (Crenshaw, 2014: parágrafo 2).

Devido às suas muitas aplicações potenciais e ao aumento da visibilidade nas últimas três décadas, o conceito de interseccionalidade tem sido amplamente utilizado, mal utilizado e explicado. Para exemplificar o conceito, Crenshaw se refere ao caso de um grupo

de cinco mulheres afro-americanas que argumentaram que estavam sendo discriminadas quando buscavam emprego em uma empresa. A empresa respondeu (e venceu no tribunal com esta alegação) que homens negros e mulheres brancas foram contratados como trabalhadores da fábrica, o que supostamente refutava a discriminação racial e de gênero. No entanto, todas as pessoas negras que foram contratadas eram homens e todas as mulheres eram brancas. Esta perspectiva mostra que há uma conexão profunda e entrelaçada entre teoria, poder e práticas na vida cotidiana.

Em muitas partes do mundo, as mulheres negras têm pensado, discutido e escrito sobre a intersecção de gênero, raça, classe e sexualidade. Podemos citar os importantes trabalhos de Audre Lorde, Gloria Anzaldúa, Angela Davis e Toni Morrison nos Estados Unidos. No Brasil, a intelectual negra Lélia Gonzalez (1983, 1988) conectou raça, gênero e classe em suas análises a partir da década de 1970, antes mesmo da criação do conceito de interseccionalidade, a fim de abordar as especificidades do racismo e sexismo nas sociedades patriarcais pós-coloniais. Ela desenvolveu a proposta epistêmica de uma *América* e uma *amefricanidade*, com a intenção de elaborar novas categorias de análise e promover contranarrativas decoloniais que vieram de áreas periféricas, dos colonizados. Mais recentemente, Bailey e Trudy (2018) criaram o conceito de *misogynoir*³⁷ para compreender as especificidades das opressões enfrentadas pelas mulheres negras. Hoje, em análises interseccionais, pesquisadoras e ativistas têm considerado outros sistemas de desigualdade e discriminação, como localização geográfica, identidade de gênero, idade, habilidade, religião, nação etc.

As observações de Hall sobre as limitações das abordagens monotemáticas ainda são relevantes, a despeito de haver uma vasta gama de produções acadêmicas contemporâneas que ignora totalmente ou apaga fatores combinados de opressão. Hall entendeu que

37 Em tradução literal, “misoginia negra” (NDT).

diferentes opressões trabalham de formas combinadas, enfatizando a complexidade e a inter-relação das desigualdades sociais de raça e classe. Sua rejeição da hierarquia que sustenta ambas as perspectivas é coerente com sua experiência vivida dentro de raça e classe, como discutirei na próxima seção.

EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E OLHARES OPOSITORES

Os estudos do feminismo negro acentuam a importância da experiência vivida, na medida em que ela traz camadas de informações, impressões e sentimentos que não devem ser ignoradas na construção de conhecimento sobre o mundo. A perspectiva, como forma de ver, tem o potencial de desenvolver métodos críticos derivados da observação atenta e de um ponto de vista moldado por experiências vividas. A experiência dos sujeitos influencia, muda e nutre suas formas de ver, sentir, pensar e agir. Refletir sobre a própria experiência pode fomentar a produção intelectual – pensamento crítico, arte, cultura e teorias – que pode levar à ação política e à formulação de políticas, que, circularmente, podem interferir nas experiências vividas de indivíduos e grupos. Aqui reside a emergência do reconhecimento de que é importante prestar atenção ao que as pessoas oprimidas estão dizendo e escrevendo quando estão, como Butler (2005) e Couldry (2010) colocam, relatando a si mesmas.

Para um exemplo de como a experiência molda a vida intelectual, volto a Hall (Hall & Schwarz, 2017, p.34), em *Familiar Stranger: A Life Between Two Islands*, memórias póstumas. Neste livro, ele lembra que, sendo aquele com a pele mais escura entre seus irmãos, “começou a se sentir e a se comportar cada vez mais como um estranho” e a adquirir uma sensação de estar “fora do lugar”. Mais tarde, considerando sua

experiência vivida como um jovem aluno, ele identifica “ser de cor” e, ao mesmo tempo, ser “de uma próspera família classe média, ter sido educado em uma boa escola aos moldes ingleses e estudado no exterior, em Oxford” (2017, p.12-13), como a contradição central de sua vida. Provavelmente, a originalidade e a inventividade do trabalho intelectual de Hall sejam devidas à sua desconfortável posição liminar, a partir da qual ele conseguiria “ver as conexões orgânicas e as dissonâncias entre os dois mundos: o colonial e o pós-colonial” (2017, p.13).

Refletindo sobre seu próprio trabalho e carreira como professor, como intelectual e como teórico cultural, Hall acrescenta que “nunca houve um único momento nesta trajetória que não tenha sido impellido por meu posicionamento racial” (Hall e Schwarz, 2017, p.14). Seu status ambíguo certamente influenciou suas importantes reflexões sobre o caráter múltiplo e contingente da identidade, uma vez que o fez “entender que a identidade não é um conjunto de atributos fixos, a essência imutável do eu interior, mas um processo de mudança de *posicionamento*” (2017, p.16). Para ele, a experiência vivida e a produção intelectual eram indissociáveis.

Isso poderia até explicar por que, sendo um homem, ele não se concentrou em estudar as intersecções que incluiriam opressões de gênero. Ele menciona as violências que mulheres negras e homens gays enfrentam na Jamaica (Hall e Schwarz, 2017, p.103), mas não discute como essas identidades se cruzam para tornar esses grupos particularmente mais vulneráveis do que outros. Hall considera que “as articulações entre raça, cor e classe sustentaram toda a hierarquia social”. No entanto, ele vê o gênero como tendo uma especificidade colonial, como um “caminho independente através dessas categorias” (Hall e Schwarz, 2017, p.97). As feministas interseccionais discordariam dessa independência, argumentando que diferentes sistemas de poder, opressão e discriminação devem ser considerados em conjunto, como caminhos interligados e entrelaçados.

A ideia de um “estranho familiar” em Hall é semanticamente muito próxima do que Collins (1986) chamou de “forasteira de dentro”, uma pessoa que teria a desvantagem de não pertencer a um grupo, mas teria igualmente uma posição privilegiada como um “estranho” que teria a capacidade de ver padrões, regras e comportamentos que as pessoas de dentro não perceberiam. Ela considera que as mulheres negras têm um status de “forasteiras” na academia, e que isso é algo positivo para o desenvolvimento das ciências sociais e para a investigação das dinâmicas sociais, pois poderíamos trazer novas percepções e perspectivas para vários campos de conhecimento, uma vez que existem aspectos dos fenômenos sociais que tendem a ser invisíveis para os de dentro. O exemplo de uma forasteira na literatura é Calpurnia, a governanta em *O sol é para todos* (Lee, 1960, p.138)³⁸ que surpreendeu o jovem narrador branco porque ela “levava uma modesta vida dupla” e “tinha uma existência separada fora de nossa casa ... para não falar de ela ter o domínio de duas línguas”. A/o intrusa(o)/forasteira(o) vive em pelo menos dois mundos e sabe que muitas perspectivas hegemônicas (brancas, masculinas) não são universais e que nelas podem ser confrontadas.

Em *Living a Feminist Life*, Sara Ahmed (2017) conecta suas experiências vividas como uma lésbica não-branca com seu trabalho como filósofa feminista. Na América Latina, teóricos dos estudos culturais como Jesús Martín-Barbero, Beatriz Sarlo e Ángel Rama abordaram questões relacionadas ao lugar e ao contexto a partir do qual estavam escrevendo, que moldaram suas perspectivas, interesses e tópicos de pesquisa. Na *Crítica da razão negra* (2017)³⁹, de Achille Mbembe, percebe-se que seu pensamento original e crítico sobre o mundo contemporâneo se baseia, entre outros fatores, em sua experiência como um

38 A autora cita o original (de 1960), em inglês (*To Kill a Mocking Bird*), porém optamos por apresentar o título já traduzido para a edição em português, publicada em 2006, pela Editora José Olympio (NDT).

39 A edição em português é de 2018, publicada pela Editora N-1 (NDT).

acadêmico negro que veio de Camarões. Sua perspectiva pós-colonial nos ajuda a entender por que o assassinato de um homem negro nos EUA atrai a atenção global (como de fato deveria!), mas o contínuo genocídio de jovens negros em favelas brasileiras por parte do Estado permanece invisível para a maior parte do mundo.

É fundamental pensar a experiência como perspectiva, como faz bell hooks (1992), com sua noção do *olhar opositor*, representando seu ponto de vista particular – mas também aquele que é comum a muitas mulheres negras. bell hooks aborda o olhar como uma forma de contestar e resistir às representações patriarcais brancas no cinema. Em *Black Female Intellectuals* ela discute as condições (desfavoráveis) em que as mulheres negras leem, estudam e realizam pesquisas em sociedades onde se espera que cuidemos de quem quer que precise de ajuda ou atenção. Ela se lembra de ter sido repreendida por se isolar, para ler em sua infância em vez de trabalhar ou interagir com sua família. bell hooks também lembra de ter sido punida quando criança por olhar, pois o olhar pode ser considerado uma falta de respeito e obediência. Em uma perspectiva de gênero, hooks observou que se espera que o homem olhe e que a mulher seja olhada. Em uma perspectiva de raça, ela apontou para o apagamento e para a invisibilidade das mulheres negras na crítica cinematográfica feminista, que considerava apenas as relações de gênero das mulheres brancas. hooks (1992, p.128) argumenta que “há poder em olhar” e que este questionamento pode ser produtivo e criativo. Conectando experiência e teoria, hooks (1991, p.150) reflete sobre sua escolha consciente de se tornar uma intelectual e enfatiza que ela nunca pensou no “trabalho intelectual como algo divorciado da política de vida cotidiana”.

O entrelaçamento entre vários sistemas de opressão afeta a experiência dos indivíduos, e a consciência dessas relações de poder que se intersectam pode lhes dar ferramentas para ver e compreender o mundo por meio de novas lentes e perspectivas. Este trabalho intelectual tem o potencial de se refletir na vida cotidiana: em discursos,

práticas e movimentos, eventualmente levando a mudanças sociais. Em resumo – e apenas separando didaticamente a vida da teoria – eu defenderia o funcionamento de um ciclo onde a vida (ou experiência vivida) informa a teoria, que pode mudar a vida.

UM DESAFIO PARA OS ESTUDOS CULTURAIS

Preocupados e comprometidos com a compreensão e o combate às desigualdades sociais, os estudos culturais têm frequentemente enfatizado a importância de considerar os eixos de dominação/opressão nas sociedades, investigando aspectos de identidade e representação, mas geralmente (1) em uma perspectiva separada – e não interseccional – e (2) focada na audiência, privilegiando a análise da recepção.

O foco de muitas discussões em estudos culturais sobre mídia e comunicação é na recepção e em como as identidades da audiência poderiam afetá-la, considerando que as maneiras como as pessoas vão ler/ver/interpretar podem ser diferentes dependendo de classe, raça, gênero, etnia, ideologia e assim por diante. Poucas análises examinam como as experiências vividas dos produtores afetariam a cultura e a produção da mídia. 'Mídia', 'internet' e 'representações' são feitas por sujeitos, que afetam e são afetados pelo contexto, bem como pelas múltiplas identidades e privilégios (ou opressões) que esses sujeitos podem enfrentar em suas trajetórias e em seus cotidianos.

Como a subjetividade e as identidades de roteiristas, publicitários, jornalistas, apresentadores de TV, produtores de elenco, diretores e celebridades interferem em tudo o que circula na mídia? Nas análises da grande mídia e da cultura popular, é importante considerar que a mídia não é uma entidade abstrata, mas é regida e feita por sujeitos, por indivíduos que trabalham dentro das estruturas da sociedade. Esses sujeitos são, em sua maioria, privilegiados em termos

de classe, raça, gênero, geografia e assim por diante. Em uma abordagem interseccional para a pedagogia, Case (2017) considera não só a opressão, mas também o privilégio como um aspecto essencial a ser estudado, pois ele atua para manter a opressão. O homem branco, de classe média e alta, é majoritariamente hegemônico na construção e circulação de sentidos na maioria das sociedades ocidentais, e este fato é visto como natural. Como hooks (1992) destaca, esse arranjo não deve ser visto como universal, mas como uma forma de dominação que tem sido historicamente mantida e naturalizada.

A grande mídia tem sido analisada como se apenas a recepção pudesse ser diferente. No entanto, a esfera da produção está se tornando mais permeável a outros discursos, e isso tem consequências importantes. Um exemplo disso pode ser visto na controvérsia em torno de um comentário feito pela apresentadora da BBC Naga Munchetty, que disse: “como uma mulher negra, todas as vezes em que me disseram para ‘ir para casa’, para ‘voltar para de onde eu vim’, isso estava embebido em racismo”, referindo-se às palavras que Donald Trump usou para atacar mulheres congressistas não-brancas em julho de 2019. A Unidade de Reclamações Editoriais da BBC concluiu que Munchetty tinha violado as diretrizes da corporação; e este fato provocou debates sobre a importância (e os limites) das vozes dos grupos oprimidos na mídia, ao reportarem suas experiências vividas, conectando-as a fenômenos sociais como o racismo.

Outro exemplo, que não deve ser visto como um equívoco isolado, foi a invisibilização de Vanessa Nakate, uma jovem ativista climática de Uganda, que foi cortada⁴⁰ de uma foto tirada no Encontro do Fórum Econômico Mundial em Davos em 2020, mostrando apenas as três ativistas brancas. O aquecimento global e outras questões ambientais sempre se cruzam com outros problemas, que afetam as pessoas

40 Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jan/24/whites-only-photo-uganda-climate-activist-vanessa-nakate>.

de maneiras diferentes. Questões relacionadas a raça, gênero, localização e idade costumam ser vistas como coisas não importantes e isoladas, mas sabemos que desastres, doenças, inundações, escassez etc., terão um impacto mais forte em grupos que já eram vulneráveis devido às desigualdades sociais. O apagamento de Nakate da foto, que só se tornou público porque ela protestou em sua conta no *Twitter*, é muito revelador acerca de quais corpos importam, quais países importam, quais raças importam para a imprensa convencional no Norte Global.

É importante ressaltar que a presença – e a voz – de mulheres não-brancas na mídia convencional não é uma concessão dos grupos e corporações dominantes, mas o resultado de lutas por visibilidade, representações, discursos, significados e perspectivas. Uma abordagem interseccional pode ajudar a observar como a posição desses sujeitos em uma sociedade pode afetar a produção da mídia e a circulação da cultura.

Os estudos culturais têm três dimensões principais para refletir sobre a mídia e as comunicações: produção, contexto e recepção. Mas a questão é: quem os está analisando? Muitos estudiosos dos estudos culturais enfatizaram a importância de se basear na teoria e abordagens metodológicas de diferentes disciplinas, mas também é crucial prestar atenção aos diferentes olhares – inclusive aqueles que não vêm de dentro da academia. A cultura foi estudada numa lógica de *nós, os analistas; eles, o povo*. A revalidação pelos estudos culturais da cultura popular da classe trabalhadora tende a ser um processo paternalista de cima para baixo, em vez de um processo de baixo para cima. É uma questão de mudar de posição: do débil status de objeto de pesquisa à posição de sujeito, de autor, de contador de histórias.

Isso é um desafio porque a questão da interseccionalidade não é sobre sintetizar, mas sobre a necessidade de complicar, complexificar e qualificar as análises (Case, 2017). Em termos de metodologia, a interseccionalidade torna a pesquisa mais difícil, mas também pode

tornar os resultados menos parciais e mais poderosos em termos de seu potencial para a justiça social e a transformação. O paradigma interseccional não é uma simples soma de identidades e categorias, é sobre as consequências da interação entre diferentes opressões.

Não apenas a cultura popular na mídia, mas também o conhecimento teórico de/sobre as sociedades foi produzido por um grupo quase homogêneo no mundo ocidental. Abordagens interseccionais e decoloniais valorizam o ponto de vista de indivíduos e grupos não hegemônicos e lugares não hegemônicos, bem como questionam a universalidade de teorias, metodologias, conceitos e estruturas. Um dos principais desafios que agora os estudos culturais enfrentam parece ser o de tentar considerar o conhecimento que as mulheres negras e intelectuais de outros grupos vulneráveis estão produzindo neste momento. Como todos sabemos, o conhecimento e a pesquisa nas universidades ocidentais são produzidos, avaliados, revisados, editados, classificados, difundidos, publicados e bolsas são concedidas ou não, na maioria das vezes, por acadêmicos do sexo masculino, brancos, heterossexuais e de classe média baseados no Norte Global. Análises que ignoram a produção dos Outros, em uma abordagem interseccional, correm o risco de serem parciais, alinhadas às mesmas perspectivas privilegiadas e dominantes que já estão em jogo. As perspectivas teóricas são sempre tentativas limitadas de obter algum entendimento da realidade, e elas têm sido produzidas por um grupo bastante homogêneo. Ao apresentar outros ângulos de análise, as abordagens decoloniais podem contribuir para muitos campos do conhecimento – especialmente em humanidades e ciências sociais.

Além disso, análises que considerem apenas uma das opressões estruturais, isto é, uma estrutura monotemática, podem perder dados importantes sobre os fenômenos sociais estudados e, conseqüentemente, ser ineficazes na compreensão e no combate às desigualdades, aos preconceitos e às violências. Experiência pessoal e uma compreensão

mais complexa do olhar são essenciais para encontrar novas maneiras de estudar a cultura e os sistemas de poder nas sociedades. Artistas, intelectuais, autores de grupos marginalizados têm feito diferentes perguntas, experimentando teorias e métodos inovadores, questionando privilégios e formas estabelecidas de pensar. Buscar, reconhecer e valorizar essa produção intelectual não é uma tarefa confortável ou fácil para a academia convencional, mas abre novos caminhos criativos para inovação. Existem novos procedimentos metodológicos para pesquisas interseccionais baseados nas aplicações empíricas deste enquadramento, desde a coleta de dados até as análises.

Abordagens interseccionais de cultura, arte, mídia e comunicação estão acontecendo no Sul Global, no Instagram, na criatividade do ver e do fazer de intelectuais e artistas negras. No Brasil, vejo inovação nas discussões sobre Semiótica e Afrofuturismo de Maria Aparecida Moura (2019)⁴¹, nas reflexões de Carla Akotirene no Instagram⁴², nas análises de arte por Diane Lima⁴³, na obra de Grace Passô⁴⁴, nas provocações sobre sexo e gênero de Jota Mombaça⁴⁵, nas letras de hip hop, para citar apenas alguns.

No livro *Inside the Ivory Tower* (Gabriel e Tate, 2017), acadêmicas negras como Claudia Bernard (2016) defendem uma metodologia autoetnográfica da escrita, na qual pesquisadoras devem examinar os preconceitos e as lentes que vêm de suas próprias opressões e/ou próprios privilégios na interpretação e na análise dos fenômenos sociais e culturais. Obviamente, o fato de que uma autora, uma acadêmica, uma teórica fazer/ter feito parte de grupos que enfrentam opressões interseccionais não significa que elas necessariamente

41 Disponível em: <http://mamoura.eci.ufmg.br/>

42 Disponível em: <https://www.instagram.com/carlaakotirene/>

43 Disponível em: <http://amlatina.contemporaryand.com/people/diane-lima/>

44 Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/5691>

45 Disponível em: <https://www.contemporaryand.com/magazines/exploring-the-body-as-colonial-occupation/>

escrevam desde uma perspectiva decolonial, tampouco é uma garantia de que seu trabalho seja sólido, original ou inventivo. Além disso, reconheço que este texto que reivindica atenção para as margens vem da própria margem, sendo eu mesma uma mulher negra da América do Sul, trazendo as minhas experiências vividas e preconceitos na minha bagagem acadêmica, como todo mundo.

Manter a produção intelectual nas mesmas mãos ajuda a manter sistemas de opressão. No início desta década de 2020, vivemos uma realidade que se parece com uma ficção distópica, em termos de saúde pública e nos planos econômico, social e político. Felizmente, as sociedades estão em transformação. Se quisermos mudança na prática, a maneira com que temos construído a teoria até agora deve mudar também. Para atualizar e inovar os estudos culturais, e também para fortalecer seu potencial de contribuição para a mudança social, é necessário continuar olhando desde uma variedade de ângulos de opressão e olhar cuidadosamente para as margens, não apenas como objetos de estudo, mas também como local de invenção intelectual. Minha aposta é que o conhecimento necessário para a transformação, como Freire colocou décadas atrás, virá das forasteiras, dos excluídos, dos oprimidos.

- **Financiamento** - a autora não recebeu suporte financeiro para a pesquisa, pela autoria e/ou pela publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Ahmed S (2017) **Living a Feminist Life**. Durham, NC: Duke University Press.
- Bailey M and Trudy (2018) On misogyny: Citation, erasure, and plagiarism. **Feminist Media Studies** 18(4): 762–768.
- Bernard C (2016) Reflecting on a journey: Positionality, marginality and the outsider-within. In: Gabriel D and Tate SA (eds) **Inside the Ivory Tower: Narratives of Women of Colour Surviving and Thriving in British Academia**. London: UCL Institute of Education Press.

- Butler J (2005) **Giving an Account of Oneself**. New York: Fordham University Press.
- Case KA (2017) **Intersectional Pedagogy: Complicating Identity and Social Justice**. New York: Routledge.
- Collins PH (1986) Learning from the outsider within: The sociological significance of Black feminist thought. **Social Problems** 33(6): S14–S32.
- Collins PH (2015) Intersectionality's definitional dilemmas. **Annual Review of Sociology** 41: 1–20.
- Couldry N (2010) **Why Voice Matters: Culture and Politics after Neoliberalism**. London: Sage.
- Crenshaw K (1989) Demarginalizing the intersection of race and sex: A Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory, and antiracist politics. **University of Chicago Legal Forum** 140: 139–167.
- Crenshaw K (2014) Kimberlé Crenshaw on intersectionality. *New Statesman*, 2 April. Available at: <https://www.newstatesman.com/lifestyle/2014/04/kimberl-crenshaw-intersectionality-iwanted-come-everyday-metaphor-anyone-could> (accessed 20 July 2012).
- Gabriel D and Tate SA (eds) (2017) **Inside the Ivory Tower: Narratives of Women of Colour Surviving and Thriving in British Academia**. London: UCL Institute of Education Press.
- Freire P (2005) **Pedagogy of the Oppressed**. New York: Continuum International Publishing.
- Gonzalez L (1983) Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Silva LAM, et al. (eds) **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, ANPOCS, pp. 223–244.
- Gonzalez L (1988) A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro** (Rio de Janeiro) 92/93: 69–82.
- Hall S (1980) Race, articulation and societies structured in dominance. In: United Nations Education, Scientific and Cultural Organization (ed.) **Sociological Theories: Race and Colonialism**. Paris: UNESCO, pp. 305–345.
- Hall S with Schwarz B (2017) **Familiar Stranger: A Life Between Two Islands**. Durham, NC: Duke University Press.
- hooks b (1991) Black women intellectuals. In: hooks b and West C (eds) **Breaking Bread: Insurgent Black Intellectual Life**. Boston, MA: South End Press, pp. 147–165.

- hooks b (1992) The oppositional gaze. *In*: hooks b, **Black Looks: Race and Representation**. Boston, MA: South End Press, pp. 115–131
- Lee H (1960) **To Kill a Mocking Bird**. Philadelphia, PA: J.B. Lippincott and Co.
- Mbembe A (2017) **Critique of Black Reason**. Durham, NC: Duke University Press.
- Moura MA (2019) Semioses decoloniais: afrofuturismo, performance e o colapso do privilégio branco. *In*: Corrêa LG (ed.) **Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica.
- Yuval-Davis N (2006) Intersectionality and feminist politics. **European Journal of Women's Studies** 13(3): 193–209.

O que são Estudos Culturais?

*O que são e onde se situam os estudos culturais hoje? Em que eles estão se transformando?
Em que deveriam ou poderiam se transformar?
Qual é o seu significado?
O que está em jogo quando avaliamos o desenvolvimento contínuo e o amadurecimento dos estudos culturais como campo?
O International Journal of Cultural Studies está solicitando, para um grupo de estudiosos, no âmbito internacional, respostas provocativas para essas e outras questões. Publicaremos suas respostas a essas questões, em uma série contínua de textos.*

8

Marcus Johnson and Ralina L Joseph
University of Washington, USA

ESTUDOS CULTURAIS NEGROS SÃO INTERSECCIONAIS

Resumo

Este artigo argumenta que os estudos culturais Negros devem ser entendidos como uma intervenção interseccional da práxis. Fundamentando nosso campo no passado, falando do presente e projetando para o futuro, examinamos a influência transformadora que a teoria feminista Negra teve nos estudos culturais, desde a defesa de Kimberlé Williams Crenshaw de *2 Live Crew*, até o comício e as marchas de #SayHerName e *Protect Black Women*.

Palavras-chave: estudos culturais Negros; teoria feminista Negra, #BlackLivesMatter, interseccionalidade; #SayHerName.

Na primavera e no verão de 2020, em 27 de junho, Negras⁴⁶ líderes locais em Seattle, Washington, organizaram um comício ‘#SayHerName – Protect Black Women’, como tantas comunidades ao redor dos Estados Unidos, e marcharam para unificar as vozes das mulheres Negras no movimento *Black Lives Matter*. #SayHerNameSeattle começou com um comício que incluiu discursos de uma mulher Negra Muçulmana Somali conectando suas experiências de antirracismo Negro com as de encarceramento e detenção de imigração. Em seguida, uma ativista Negra trans garantiu sua lealdade ao movimento *Black Lives Matter* enquanto implorava para que suas irmãs e irmãos cisgêneros Negros defendessem sua vida da mesma forma que ela defendeu a deles. Após uma primeira rodada de manifestações, o grupo multirracial marchou pelas ruas do extremo sul de Seattle para participarem de uma segunda rodada de manifestações em frente à *Seattle Police Department’s South Precinct*. As líderes Negras do evento gritavam: “Quais vidas importam?”, seguidas por retumbantes respostas de “Vidas das Mulheres Negras Importam!”

Na segunda rodada de manifestações, as falas tradicionais, em conteúdo ou estilo, não eram rotineiras. A universitária Chardonnay Beavers, de 19 anos, começou sua manifestação⁴⁷ cantando lindamente a letra do hino de Marvin Gaye, de 1971, “What’s Going On”, mas entoou-a com maestria, cantando: “mãe, mãe, há muitas de vocês morrendo”⁴⁸. Ela disse à multidão: “Veja como eu fiz a letra ao contrário porque nossas mães estão morrendo hoje?” E continuou:

Ida B. Wells disse uma vez que, para corrigir erros, você tem que lançar a luz da verdade sobre eles, e por isso hoje minha agenda não é ser vista. Minha agenda não é ser elogiada. Minha agenda é falar a verdade.

46 Conforme destacado na apresentação deste e-book, os autores apresentam as palavras “Negro” e “Negra” sempre iniciando com letras maiúsculas (NDT).

47 Veja: <https://www.youtube.com/watch?v=3tH5lO3Xfqw>.

48 Em alusão à letra original da música que inicia com “*father, father...*” (NDT).

Da mesma forma, misturando o espírito da *Black soul music* e da política Negra, uma equipe de pré-adolescentes pisou no palco gritando para serem vistas como 'rainhas'. A artista mais jovem do dia foi uma menina de 8 anos cantando e dançando rap, que criou uma história sobre estar entediada e "em casa com o 'rona'"⁴⁹. O evento terminou com uma mulher Negra, trans e DJ, inicialmente testemunhando acerca da importância vital de incluir questões trans Negras no centro do movimento BLM [*Black Lives Matter*], a edição que deu sustentação ao evento e ela prosseguiu liderando o protesto ao som da nova música de Beyoncé 'Black Parade', que fora lançada apenas uma semana antes, em junho.

O protesto Negro tem sido sempre animado por uma combinação de cultura Negra, política Negra e tradições intelectuais Negras. Estudos culturais Negros tecem teorias e práticas Negras, em concordância com a bagagem cultural Negra, dentro e fora dos muros acadêmicos sagrados; praticantes de estudos culturais Negros marcham nas ruas, cantam baladas de protesto e escrevem livros. Em nosso momento de dupla pandemia – Covid-19, e o reconhecimento da desproporcionalidade racial que acompanha esse vírus – e da violência racializada que continua a dominar nosso país, nunca nosso mundo precisou tão profundamente da teoria na prática – a práxis – que os estudos culturais Negros proporcionam. Estudos culturais Negros, como definido por Baker *et al.*, em sua antologia clássica, *Black British Cultural Studies*, traz uma "Black re-vision" ou "narrativas que recontam histórias de Negritude (...) sob novos pontos de vista (...) incluindo a narração de histórias anteriormente excluídas da esfera pública nacional" (Baker *et al.*, 1996: 6). Nossos colegas britânicos Negros de décadas passadas descreveram as maneiras pelas quais os estudos culturais Negros podiam ser diferenciados dentre tantos 'teóricos' (Hall, Gilroy, Mercer como expoentes) comparativamente aos praticantes americanos de artes Negras e políticas Negras (destacadamente Baraka, King,

49 "Rona" seria gíria para "corona", coronavírus (NDT).

X) (Baker *et al.*, 1996: 10). É claro que, nos quase 25 anos que se passaram, os estudos culturais Negros dos EUA cresceram como um campo vibrante que possui estudiosos alinhados com todas as formas de alianças, marxistas, feministas, pós-coloniais e pós-estruturais, casando teoria, arte e política. Essa é a norma, de fato, nos estudos culturais Negros dos EUA hoje; em uma coleção muito recente, *Are You Entertained? Black Popular Culture in the Twenty-first Century*, os editores, Simone C. Drake e Dwan K. Henderson, mencionam como os estudos culturais Negros estabelecem as maneiras pelas quais “o tropo disruptivo da Negritude no século XXI, muitas vezes, se casa com a resistência ao prazer” (Drake e Henderson, 2020: 6). *#SayHerName-Seattle* ilustra um local de estudos culturais Negros onde o ativismo interseccional Negro interrompe as normas esperadas da Negritude – como masculino, cisgênero, mais velho, hétero – e o faz de forma extremamente prazerosa ao lado da produção cultural Negra.

Estudos culturais Negros nos permitem examinar os recentes protestos usando uma abordagem interseccional. Embora usado coloquialmente (e muitas vezes incorretamente) para significar a mistura de todas as formas de identidade, o termo ‘interseccionalidade’ foi cunhado pela estudiosa de raça, feminista Negra, Kimberlé Williams Crenshaw, em 1989, para definir como as multicamadas de formas de discriminação que as mulheres Negras enfrentam não eram capturadas dentro dos tradicionais limites de jurisprudência de raça ou gênero. Onde a lei – refletindo crenças hegemônicas – via tais fronteiras de raça/gênero como separadamente experimentadas, a intersecção entre racismo e sexismo na vida das mulheres Negras não poderia ser capturada totalmente, olhando para as dimensões de raça ou gênero dessas experiências em separado (Crenshaw, 1991: 1244). É importante ressaltar que, antes do termo em si ser cunhado, estudiosos/ativistas Negros como Sojourner Truth e Anna Julia Cooper haviam utilizado uma abordagem interseccional em momentos anteriores.

À medida que os protestos em massa continuam em todo o mundo, após o assassinato de George Floyd e de muitos outros serem registrados pela mídia, uma mensagem permanece de forma persistente: a fim de compreender e mudar completamente a violência sistêmica que assola as vidas Negras de hoje, as experiências e traumas em torno de mulheres Negras e pessoas LGBTQ+ devem ter a mesma validade que as vividas pelos homens Negros. Em muitos casos, as mortes de mulheres Negras, homens e mulheres trans ganham atenção apenas à luz do assassinato de homens Negros. Por exemplo, apenas dois dias depois de a polícia ter assassinado George Floyd, de 46 anos, em Minneapolis, Minnesota, em 27 de maio de 2020, em Tallahassee, Flórida, a polícia também assassinou Tony McDade, um homem trans Negro, de 38 anos; dois meses antes, a polícia havia assassinado a mulher Negra de 26 anos, Breonna Taylor, em Louisville, Kentucky (Wortham, 2020: 3). Estudos culturais Negros lutam para garantir que as representações na mídia de mulheres Negras e Negras LGBTQ+, como McDade e Taylor, se tornem a história principal e não a nota de rodapé.

#Blacklivesmatter, cunhado por Patrisse Khan-Cullors, Alicia Garza e Opal Tometti, e *#Sayhername*, cunhado por Kimberlé Williams Crenshaw, são utilizados por mulheres Negras, organizadoras e intelectuais que demonstram que uma abordagem interseccional pode criar um 'ranger de dentes' ao abordar as formas complexas com que as representações midiáticas da privação masculina de direitos desconsideram a das mulheres cisgênero Negras e pessoas LGBTQ+. Ao longo deste artigo daremos o exemplo de como a interseccionalidade e *#SayHerName*, fundado por Crenshaw, não só capturaram isso em sua nomeação de 'interseccionalidade', mas também, paradoxalmente, em sua defesa do grupo de rap dos anos 1980, *2 Live Crew*. Usando sua abordagem interseccional em "*Beyond racism and misogyny: Black feminism and 2 Live Crew*" (1997) como estudo de caso, demonstraremos como a argumentação de Crenshaw pode ser entendida como um

clássico da práxis dos estudos culturais Negros que articulam teoria, política, ativismo e produção cultural a serviço da interseccionalidade.

Na poderosa e perspicaz articulação de Crenshaw, ela escolhe ver o caso de obscenidade do *2 Live Crew* através das lentes de 'sensibilidades feministas Negras'. Para contar uma rápida história: em meados da década de 1980, o caso 'Obscenity Wars' foi liderado por um grupo de pais preocupados, chamado *Parents Musical Resource Center* (PMRC), que fez um lobby bem sucedido para a colocação de rótulos endereçados aos pais em álbuns que eles consideravam 'obscenos'. Este rótulo, no entanto, não foi suficiente para saciar os críticos do PMRC em relação ao grupo de hip hop *2 Live Crew*, com sede em Miami. O álbum do grupo *As Nasty As They Want to Be* (1989) tornou-se alvo de ativistas antiobscenidade da Flórida, e, em seguida, de políticos em todo o país. Em 1990, no condado de Lee, Flórida, o juiz considerou que havia 'causa provável para acreditar' que *Nasty* era obsceno. Este julgamento estimulou juízes em condados adicionais à Flórida, bem como em condados de outros estados como Wisconsin, Texas, Tennessee, Pensilvânia, Indiana e Alabama, para criarem veredictos semelhantes. Após essas decisões acerca da obscenidade, membros do grupo foram presos em Miami por tocar músicas do álbum e o dono de uma loja de discos em Fort Lauderdale, Flórida, foi preso por vender o álbum (Schwarz, 2015).

Crenshaw lê este caso através de uma lente feminista Negra, uma análise anteriormente ausente da cobertura legal ou midiática do evento. Isso, por sua vez, permitiu que ela visse as acusações lançadas pelos juízes federais e pelo advogado de acusação como intercambiáveis e interseccionais. Ou seja, através das lentes feministas negras, Crenshaw podia ver as semelhanças racializadas e de gênero através das quais os tribunais e a mídia atacaram *2 Live Crew*. Dito de outra forma, Crenshaw podia ver como as referências ao trabalho 'obsceno' do *2 Live Crew* refletiam estereótipos sobre homens Negros,

mas também utilizavam tropos de mulheres Negras para argumentar seu caso contra o grupo. Crenshaw afirma: *As Nasty As They Want to Be* é misógeno, e uma resposta feminista Negra ao caso contra *2 Live Crew* deve começar a partir de um total reconhecimento dessa misoginia. Porém, tal resposta também deve considerar se um foco exclusivo em questões de gênero arrisca ignorar aspectos da acusação de *2 Live Crew* que levantam sérias questões de racismo (Crenshaw, 1997: 255).

Crenshaw problematiza os preconceitos racializados da acusação para categorizar o que se qualifica ou não como obsceno. Por exemplo, o cabaré adulto no qual *2 Live Crew* executou suas músicas, ou os atos altamente sexualizados de Madonna no palco se masturbando na frente de um grande público, ou as linhas violentas e raivosas do comediante Andrew Dice Clay retratando mulheres em atos sexuais extremos, que nunca mereceram os mesmos critérios. Crenshaw chama a atenção para um artigo da *Newsweek* escrito pelo jornalista George Will condenando o desrespeito do *2 Live Crew* pelas mulheres Negras; no artigo Will conjura imagens da corredora do *Central Park* e preocupações sobre fumar cigarros recebendo mais atenção do que letras obscenas do *2 Live Crew* sobre mulheres Negras. Esta artimanha, sugere Crenshaw, remove as mulheres Negras do foco e as substitui por imagens da corredora do *Central Park*, uma mulher branca. É com esse movimento que emerge o estereótipo do Negro hipersexualizado e violento, 'super predador', que representa uma ameaça para a sociedade como um todo. Crenshaw destaca: "na demonstração de preocupação de Will, as mulheres Negras parecem funcionar como um substituto para as mulheres brancas. O foco na violência sexual jogado sobre os corpos das mulheres Negras parece refletir preocupações sobre a ameaça da violência masculina Negra contra a segurança da comunidade branca" (Crenshaw, 1997: 258-9). No final, Crenshaw determina que o caso de obscenidade contra *2 Live Crew* nunca foi sobre ser sexualmente explícito, mas sobre ser Negro. Ao escavar estereótipos da sexualidade masculina Negra, as acusações de obscenidade contra *2 Live Crew* contaram uma história falsa, mas familiar.

Assim como na argumentação de Crenshaw de décadas passadas, no momento atual continuamos a ver que a força motriz por trás dos estudos culturais Negros é a visão de uma feminista Negra. O feminismo Negro fundamenta os estudos culturais Negros muito além de um enquadramento teórico, com base nos sacrifícios incorporados das campanhas anti-linchamento de Ida B. Wells (década de 1890); o bem sucedido ativismo militar de Harriet Tubman no rio Combahee (1863); o discurso 'Ain't I a Woman' de Sojourner Truth (1851), que contestou crenças dominantes de subserviência e disparidade racial e de gênero, implementando um corajoso quadro interseccional; o testemunho emocionante e sincero de Fannie Lou Hamer na Convenção Nacional Democrática, de 1964, depois de ser severamente espancada por policiais. O que vemos nos estudos culturais Negros é uma continuação do trabalho dessas mães fundadoras, através da construção da interseccionalidade de Crenshaw (1988), do trabalho de Stuart Hall sobre representação (1993), do *Black Feminist Thought* de Patricia Hill Collins (1990), da *Outlaw Culture* de bell hooks (1994) e da intervenção lésbica Negra de Barbara Smith com a *Combahee River Collective Organization* (1986), apenas para citar alguns. Hoje, a colaboração #SayHerName, entre o Fórum de Política Afro-Americana (AAPF) e o Centro de Estudos de Interseccionalidade e Políticas Sociais (CISPS), cria um movimento e um impulso acadêmico em resposta aos nomes e narrativas muitas vezes invisíveis de mulheres e meninas Negras que foram assassinadas ou foram vítimas de brutalidade policial. Seja em momentos de crise ou em momentos de calma, as contribuições das mulheres Negras para os estudos culturais sempre foram e continuam presentes. Para dizer claramente: *estudos culturais Negros são interseccionais*.

Este artigo não é apenas um reconhecimento das contribuições das mulheres Negras para o desenvolvimento de estudos culturais Negros, mas, de forma mais significativa, um chamado à ação. Assim como nossas irmãs #SayHerName no verão de 2020 gritaram em megafones, chamamos mulheres e homens cisgêneros Negros para se

tornarem cúmplices na contínua luta pela vida e visibilidade de mulheres Negras e pessoas Negras LGBTQ+. Este é um apelo para entender que o privilégio masculino cisgênero Negro pode facilmente se tornar um aliado da opressão heteronormativa branca de mulheres Negras e comunidades LGBTQ+ Negras. Como Stuart Hall afirma em “Que ‘Negro’ é esse na cultura Negra?⁵⁰”, Estudos culturais Negros:

Não é somente para apreciar as diferenças históricas e experienciais dentro de, e entre, comunidades, regiões, campo e cidade, nas culturas nacionais e entre as diásporas, mas também reconhecer outros tipos de diferença que localizam, situam e posicionam o povo negro. A questão não é simplesmente que, visto que nossas diferenças raciais não nos constituem inteiramente, somos sempre diferentes e estamos sempre negociando diferentes tipos de diferenças – de gênero, sexualidade, classe. Trata-se também do fato de que esses antagonismos se recusam a ser alinhados; simplesmente não se reduzem um ao outro, se recusam a se aglutinar em torno de um eixo único de diferenciação. Estamos constantemente em negociação, não com um único conjunto de oposições que nos situe sempre na mesma relação com os outros, mas com uma série de oposições diferentes. Cada uma delas tem para nós o seu ponto de profunda identificação subjetiva. (Hall, 1993: 112)

Hall fornece um antídoto surpreendente e poderoso, e uma nota de cautela para o que acontece quando não vemos a complexidade de nossas comunidades Negras. Ao destrinchar a proliferação e os antagonismos, Hall afirma que as camadas complexas que compõem a posicionalidade e o conjunto de identidades funcionam como mecanismos que se cancelam uns aos outros.

Neste texto, examinamos a influência transformadora que a teoria feminista Negra tem tido nos estudos culturais; da defesa de Kimberlé Crenshaw de *2 Live Crew*, ao *#SayHerNameSeattle* e *Protect*

50 Conforme tradução disponível em “Hall, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al]. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003, p. 335-349.” A citação foi retirada da p.346 (NDT).

Women Lives, afirmamos que *#Blacklivesmatter* é tanto sobre centralizar as experiências e vozes das mulheres Negras e comunidades LGB-TQ+ Negras quanto sobre reconhecer a violência sistêmica contra os homens Negros. Os manifestantes de *#SayHerNameSeattle* responderam à pergunta feita por Stuart Hall – o pai não apenas dos estudos culturais Negros, mas dos estudos culturais em si – e que continua a ser a questão norteadora para os estudos culturais Negros, “Que ‘Negro’ é esse na cultura Negra?”. Nós respondemos: estudos culturais Negros são antirracistas, indubitavelmente Negros, queer, jovens, feministas, trans, mulheres, dançando, cantando e marchando.

- **Financiamento** - os autores não receberam nenhum apoio financeiro para a pesquisa, autoria e/ou publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- Baker Jr HA, Best S and Lindeberg RH (1996) Introduction: Representing Blackness/representing Britain: Cultural studies and the politics of knowledge. *In: Baker Jr HA, Best S and Lindeberg RH (eds) Black British Cultural Studies: A Reader*. Chicago: University of Chicago Press, pp. 1–15.
- Collins PH (1990) **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge.
- Combahee River Collective (1986) **The Combahee River Collective Statement (1977)**. Albany: Women of Color Press.
- Crenshaw KW (1988) Race, reform, and retrenchment: Transformation. **Harvard Law Review** 101(7): 1331–1387.
- Crenshaw KW (1991) Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. **Stanford Law Review** 43(6): 1241–1299.
- Crenshaw KW (1997) Beyond racism and misogyny: Black feminism and 2 Live Crew. *In: Meyers DT (ed.) Feminist Social Thought: A Reader*. New York: Routledge, pp. 246–263.
- Drake SC and Henderson DK (2020) Introduction. *In: Drake SC and Henderson DK (eds) Are You Entertained? Black Popular Culture in the Twenty-first Century*. Durham, NC: Duke University Press, pp. 1–27.

Hall S (1993) What is this “Black” in Black popular culture? **Social Justice** 20(1/2): 104–114. Hamer FL (1964) Testimony before the Credentials Committee, Democratic National Convention. (C. Committee, Interviewer), 22 August.

hooks b (1994) **Outlaw Culture: Resisting Representation**.
New York: Routledge.

Schwarz H (2015) 25 years ago, 2 Live Crew were arrested for obscenity. Here’s the fascinating back story. **Washington Post**, 11 June. Available at: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2015/06/11/25-years-ago-2-live-crew-were-arrested-for-obscenity-heres-the-fascinating-back-story/> (accessed 20 August 2020).

Wortham J (2020) A “Glorious Poetic Rage” this time is different: Here’s why. **New York Times** 5 June: 3.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Benjamin Woo é professor associado de Estudos de Comunicação e Mídia - *Carleton University*. A pesquisa que desenvolve examina 'culturas geek' contemporâneas e a produção, circulação e recepção de histórias em quadrinhos e novelas gráficas. É diretor do *Comic Cons Research Project*, autor de *Getting a Life: The Social Worlds of Geek Culture*, co-autor (com Bart Beaty) de *The Greatest Comic Book of all Time: Symbolic Capital and the Field of American Comic Books* e coeditor (com Stuart R. Poyntz e Jamie Rennie) de *Scene Thinking: Cultures Studies from the Scenes Perspective*. (Disponível em: [benjaminwoo](http://benjaminwoo.com)).

Contato: Benjamin Woo, School of Journalism and Communication, Carleton University, 1125 Colonel By Dr., Ottawa, ON K1S 5B6, Canada.
E-mail: benjamin.woo@carleton.ca

Devon Powers é professora associada no Departamento de Publicidade da *Klein College of Media and Communication – Temple University*. É autora de *On Trend: The Business of Forecasting the Future* (University of Illinois Press, 2019), *Writing the Record: The Village Voice and the Birth of Rock Criticism* (University of Massachusetts Press, 2013) e coeditora de *Blowing Up the Brand: Critical Perspectives on Promotional Culture* (Peter Lang, 2010). Sua pesquisa tem como foco a cultura de consumo, tanto histórica quanto contemporânea, bem como a dinâmica da intermediação cultural, circulação e promoção. (Disponível em: [devonpowers](http://devonpowers.com)).

Contato: Devon Powers, Temple University, 2020 N. 13th Street, Philadelphia, PA 19122, USA. E-mail: devon.powers@temple.edu

Ien Ang é professora de estudos culturais - *Western Sydney University*, na qual foi diretora do *Institute for Culture and Society*. É autora de *Watching Dallas: Soap Opera and the Melodramatic Imagination* (1985); *Desperately Seeking the Audience* (1991); *On Not Speaking Chinese: Living Between Asia and the West* (2001); *The Art of Engagement: Culture, Collaboration, Innovation* (2011) e *Chinatown Unbound: Trans-Asian Urbanism in the Age of China* (2019). (Disponível em: [ien_ang](http://ien_ang.com))

Contato: Institute for Culture and Society, Western Sydney University, Australia, Locked Bag 1797, Penrith, New South Wales 2751, Australia.
E-mail: i.ang@westernsydney.edu.au

Johan Fornäs é professor emérito de Estudos de Mídia e Comunicação e membro da Academia Europeia. Suas pesquisas são orientadas pela hermenêutica crítica e pelos estudos culturais transdisciplinares. Foi fundador e diretor do *Advanced Cultural Studies Institute of Sweden (ACSIS)*, vice-presidente da *Association for Cultural Studies (ACS)* e primeiro editor-chefe da revista *Culture Unbound: Journal of Current Cultural Research*. É autor de *Cultural Theory and Late Modernity* (1995) e *Defending Culture: Conceptual Foundations and Contemporary Debate* (2017). (Disponível em: johan-fornas).

Contato: Johan Fornäs, Fatburgsgatan 18A, 11854 Stockholm, Sweden.
E-mail: johan.fornas@sh.se

Laura Guimarães Corrêa é professora associada do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. Coordena o Grupo de Pesquisa em Comunicação, Raça e Gênero (CORAGEM) e é membro da *International Association of Semiotics and Communication*. Coautora dos livros *Mídia, instituições e valores* (2012), *A rua no século XXI* (2014) e *Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências* (2019). (Disponível em: laura-guimaraes-correa).

Contato: Laura Guimarães Corrêa, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Pres. Antônio Carlos, 6627, Belo Horizonte, Minas Gerais 31270-901, Brasil.
E-mail: guimaraes.laura@gmail.com

Marcus Johnson é doutorando em comunicação cultural crítica, estudos culturais e teoria crítica da raça no Departamento de Comunicação - *University of Washington*. É *Mary Gates Scholar*, bolsista do *Graduate Opportunity Program Fellow*. Foi instrutor em cursos como *Ferguson and Beyond: Race, Police, and Protest in the Contemporary United States*; *Black Cultural Studies* e *Multicultural Communication*.

Nick Couldry é professor de Mídias, Comunicações e Teoria Social no Departamento de Mídias e Comunicações na *London School of Economics and Political Science* e professor associado no *Berkman Klein Center for Internet and Society, Harvard University*. É autor de *The Costs of Connection: How Data Is Colonizing Human Life and Appropriating It for Capitalism* (2019); *Media, Voice, Space and Power: Essays of Refraction* (2019), *The Mediated Construction of Reality* (2016). (Disponível em nickcouldry).

Contato: Nick Couldry, Department of Media and Communications, LSE, Houghton Street, London WC2A 2AE, UK. E-mail: n.couldry@lse.ac.uk.

Ralina L. Joseph é professora de Estudos Étnicos Americanos e Estudos de Gênero, Mulheres e Sexualidade – *University of Washington*; diretora fundadora do *Center for Communication, Difference, and Equity*, e reitora associada de Diversidade e Assuntos Estudantis na *University of Washington's Graduate School*. É autora de *Transcending Blackness: From the New Millennium Mulatta to the Exceptional Multiracial* (Duke University Press, 2013). Disponível em: ralinajoseph).

Contato: Ralina L Joseph, University of Washington, Box 353740, Seattle, 98195-0005, USA. E-mail: rljoseph@uw.edu

Sarah Murray é professora assistente de Cinema, Televisão, e Mídia no *Digital Studies Institute* – *University of Michigan*. Tem estudos publicados em *Critical Studies in Media Communication*, *Feminist Media Histories* e no *International Journal of Cultural Studies*. (Disponível em: sarahmurray)

Contato: Sarah Murray, Digital Studies Institute, University of Michigan, 6443 North Quad, 105 S. State Street, Ann Arbor, MI 48109, USA.
E-mail: smurr@umich.edu

Observação: as informações relativas a todos os autores foram acessadas em 11 de março de 2022, exceto as de Marcus Johnson, cuja apresentação foi retirada diretamente do artigo traduzido.

SOBRE OS ORGANIZADORES E A REVISORA

Lodenir Becker Karnopp é professora associada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Departamento de Estudos Especializados e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Possui graduação em Letras, Mestrado e Doutorado em Linguística e Letras (PUCRS, 1999). Desenvolve pesquisas no campo dos Estudos Culturais em Educação, com ênfase em Educação de Surdos. É bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade de Produtividade em Pesquisa 1-D. Realizou pesquisas na Gallaudet University, em Washington, DC, Estados Unidos, na modalidade de Pós-Doutoramento no Exterior, com bolsa PDE-CNPq, de 2011 a 2012. Desde julho de 2015 é líder do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos GIPES (DGP/CNPq). É editora associada da Revista Educação & Realidade desde dezembro de 2020. Endereço para acessar o Lattes: LBKarnopp. E-mail: lodenir.karnopp@ufrgs.br

Luís Henrique Sacchi dos Santos é professor associado do Departamento de Ensino e Currículo da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua na graduação (nas áreas de *Educação e Saúde e Ensino de Ciências e Biologia*), bem como no Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação. Possui graduação em Ciências Biológicas e Mestrado e Doutorado em Educação (PPGEDU/UFRGS); é pesquisador de produtividade do CNPq (Nível 2) e atual coordenador do *Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade* (NECCSO); atuou na Comissão Organizadora das quatro últimas edições do Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação/Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação; é Editor Associado da Revista Educação & Realidade; tem experiência na área de Educação, pesquisando principalmente os seguintes temas: estudos culturais em educação; estudos de corpo; corpo e saúde; ensino de ciências e biologia; medicalização. Endereço para acessar o Lattes: LHSSantos. E-mail: 00099086@ufrgs.br

Maria Lúcia Castagna Wortmann é professora aposentada do Departamento de Ensino e Currículo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1980-1995), tendo atuado como professora/pesquisadora convidada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação em Educação entre os

anos de 1995 e 2021. Atuou, também, como professora pesquisadora adjunta junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, Programa cuja área de concentração é em Estudos Culturais em Educação, entre os anos de 2002-2022. Atualmente é professora/pesquisadora junto ao Núcleo de Estudos em Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com doutorado-sanduíche na Université Pierre et Marie Curie (Paris VI), França (com bolsa CNPq) e bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq entre os anos de 1996-2000. Endereço para acessar o Lattes: MLCWortmann.

E-mail: marialcwortmann@gmail.com.

Rosa Maria Hessel Silveira é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977-1998), tendo atuado como professora convidada do Programa de Pós-graduação em Educação da Ufrgs na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação, entre 1995 e 2021. Possui licenciatura e Mestrado em Letras e Doutorado em Educação. Atuou como professora pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil, área de concentração em Estudos Culturais em Educação (2002-2011). Atualmente é pesquisadora associada do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em Currículo, Cultura e Sociedade (NECCSO), sediado na UFRGS, do qual foi coordenadora de 2012 a 2020. Realizou estágios pós-doutorais na Universidade de Lisboa e na Universidade Autônoma de Barcelona. Foi bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq entre 2004 e 2019, nos níveis 2 e 1C. Atua principalmente nos seguintes temas: Estudos Culturais, identidade, diferença, literatura infantojuvenil, discursos, leitura. Endereço para acessar o Lattes: RMHSilveira.

E-mail: rosamhs@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

análises culturais 12
antropologia 12, 41, 73

C

campo intelectual 25, 34, 35
Comunicação Social 28, 155
continuidade 14, 47, 128
cultura 12, 13, 14, 16, 19, 20, 26, 27, 28,
29, 31, 36, 37, 38, 39, 40, 46, 47, 48, 49,
51, 55, 58, 60, 61, 62, 67, 68, 69, 71, 74,
79, 81, 82, 84, 88, 93, 95, 98, 101, 103,
104, 106, 107, 113, 116, 119, 124, 125,
130, 134, 136, 137, 138, 140, 145, 151,
152, 154
cultura algorítmica 16, 28, 93

D

desenhos metodológicos 12
disciplinarização 22

E

estudar cultura 14, 47, 84
estudos culturais 10, 11, 12, 13, 14, 15,
16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 27,
28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39,
40, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51,
52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63,
64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 75, 76,
77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89,
92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103,
104, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113,
114, 115, 116, 117, 118, 119, 123, 124,
125, 126, 127, 128, 132, 134, 136, 137,
139, 142, 143, 145, 146, 148, 150, 151,
152, 154, 155, 157

estudos culturais futuristas 18, 28, 110,
112, 115
Estudos culturais Negros 29, 145, 146,
147, 151
experiências culturais 19, 27, 80

F

filosofia 12

I

imersão digital 28, 93
institucionalização 22, 115
intelectual distinto 25, 34, 35
Interseccionalidade 28, 123, 126, 150
intervenção interseccional 29, 143

L

linguagem 12, 104, 114

M

mídia manipulada 28, 93, 97
movimentos sociais 12, 62
movimentos sociais populares 12
mudanças climáticas 13, 25, 34, 40, 73,
119
mundo contemporâneo 11, 13, 30, 37, 132

P

panoramas culturais 11
política acadêmica 27
processos computadorizados 11

S

sistemas democráticos 26, 46
sociologia 12, 38, 41, 51, 67, 73, 81
sociopolítica 12

O QUE SÃO ESTUDOS CULTURAIS HOJE?

www.PIMENTACULTURAL.com

Diferentes praticantes
retomam a pergunta
do *International Journal
of Cultural Studies*